Editora ABRIL
edição 2832 - ano 56 - nº 10
15 de março de 2023
Abril
veja
www.veja.com
QUEDA DE BRAÇO À VISTA
Na tentativa de formar maioria no Congresso, fundamental na aprovação de projetos cruciais para o país, o governo Lula demonstra fragilidades e tropeça nas articulações com o Centrão — grupo cada vez mais unido e empoderado

instituto veja + Insper

CURSO VEJA DE JORNALISMO AVANÇADO

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 832 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 10. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

JOÃO RAMID

AFP

ORIGEM Ulysses em 1988 e Lula no primeiro mandato: o Centrão, que surgiu na Constituinte, mudou para sempre a relação entre o Poder Executivo e o Legislativo

UMA DIFÍCIL COMPOSIÇÃO

HÁ MAIS DE TRINTA ANOS, o sociólogo Sergio Abranches diagnosticou de forma precisa a nova relação entre os poderes Executivo e Legislativo que começou a tomar forma no país nas últimas décadas. Segundo o especialista, passou a vigorar no Brasil o "presidencialismo de coalizão", um regime no qual o ocupante do Palácio do Planalto depende cada vez

mais da aprovação do Congresso para impor sua pauta programática. Nos casos mais complexos, dois terços dos deputados precisam votar com o governo, algo que só é possível a partir de uma base parlamentar sólida. Assim, elevou-se substancialmente a necessidade das negociações suprapartidárias.

Dentro de um contexto em que há uma selva de legendas sem demarcações ideológicas claras, a semente do chamado Centrão germinou, cresceu e adquiriu viço. O fenômeno teve origem na época da Constituinte de 1988, quando parlamentares conservadores começaram a se unir para combater propostas que consideravam progressistas demais durante as discussões temáticas lideradas por Ulysses Guimarães. Um dos líderes do movimento, o deputado Roberto Cardoso Alves (1927-1996) cunhou na época a frase que definiu para sempre o espírito da turma: "É dando que se recebe". Nos governos seguintes, o grupo teve diferentes lideranças e nuances políticas, mas sem nunca abandonar esse espírito pragmático que dá origem a algumas negociações republicanas com o Poder Executivo em torno de projetos e prioridades, e outras que ficam bastante longe disso, pois versam sobre distribuição de cargos e verbas.

Em seu retrato mais atual, o Centrão se apresenta de uma forma ainda mais coesa e com poderes multiplicados, sob a batuta competente de Arthur Lira, o presidente da Câmara. Outra característica marcante do momento é que o grupo, com claras inclinações liberais e conservadoras, distancia-se (e muito) das convicções do presidente eleito, o que já cria obstáculos naturais para as conversas entre os poderes. Como se não bastasse, a ar-

ticulação política de Lula não parece até aqui ter entrado no jogo do presidencialismo de coalizão com a necessária organização.

Conforme mostra a reportagem que começa na página 22, alas do PT capricham no fogo amigo, dificultando a convivência do governo com outras legendas, sem que o presidente faça gestos firmes de contenção, algo que soa como uma carta branca para autorizar os companheiros a fazer a medição de forças. Do outro lado, Lira vem aumentando o tom dos alertas, reclamando de que o Poder Executivo tem sido amador no trato com o Congresso. Em um evento na última segunda, 6, afirmou que Lula não tem hoje uma base de apoio consistente nem na Câmara nem no Senado, mas ponderou que há tempo ainda para que a atuação das lideranças do Palácio do Planalto se estabilize.

Para o país, é fundamental o entendimento, desde que, claro, ele ocorra dentro do desejável cânone republicano. Reformas necessárias, como a tributária, e projetos como o do novo arcabouço fiscal serão apreciados em breve pelo Congresso. Lá fora, a situação vem se deteriorando com sinais de recessão na economia americana, o que vai acarretar uma alta dos juros nos Estados Unidos, e a momentânea falta de pujança da China, nosso maior parceiro comercial. Diante desse quadro sombrio, o Brasil não pode ficar paralisado em meio a uma queda de braço entre os poderes (mais uma). Evidentemente, também não seria positivo construir essa composição repetindo erros do passado, nos moldes do toma lá dá cá que originou o mensalão. A coalizão precisa acontecer em torno de princípios e valores — e quanto antes. ■

KEINY ANDRADE/FOLHAPRESS

"PRECISAMOS DE UM PLANO"

Presidente da CNI, o engenheiro e empresário defende a reforma tributária e a adoção de uma ambiciosa estratégia de governo para o país superar a crise do setor industrial

LARISSA QUINTINO E **CARLOS EDUARDO VALIM**

ENGENHEIRO e empresário na área de fornecimento de energia, o mineiro Robson Braga de Andrade, 75 anos, se vale de seu posto à frente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) para combater uma das mazelas brasileiras: o desmonte do setor fabril nacional. Frente à diminuição da atividade industrial desde a década de 90, fenômeno refletido na participação da indústria no PIB do país, ele defende um empenho maior do governo no assunto, que em sua opinião foi abandonado na gestão de Jair Bolsonaro. “A indústria não quer subsídio, ela quer política e incentivo. Quando falamos em incentivo para a indústria, existem diversas ações além do subsídio que o governo pode realizar”, disse Andrade em entrevista a VEJA. Para ele, apesar das dificuldades, a nomeação do vice-presidente Geraldo Alckmin como ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços foi uma medida positiva e pode mudar um cenário, até agora, desalentador. A seguir, os principais trechos da conversa.

O governo do presidente Lula fala muito sobre a necessidade de reindustrialização do país. Por que a indústria perdeu tanto espaço? Desde o final dos anos 1990 os governos não têm planos de longo prazo. Temos discutido a necessidade da retomada de um planejamento que faça a indústria brasileira dar um salto de competitividade, de produtividade, de participação no mercado internacional e nunca conseguimos. O governo de Fernando Henrique Cardoso considerava que a política industrial não era importante, ti-

nha a visão de que se uma indústria morre, vem outra depois. Algo que não ocorre em nenhum lugar do mundo. Nas grandes economias, planos industriais são política de Estado e ultrapassam a gestão de governos. Um exemplo claro disso é a China. Na década de 70, Deng Xiaoping fez um planejamento do país com pilares de desenvolvimento industrial, ciência, tecnologia e economia de mercado. Isso continua até hoje. Enquanto isso, o Brasil veio capengando.

Qual o principal problema da indústria nacional? A falta de competitividade. Isso foi se agravando por problemas internos brasileiros, como infraestrutura deficiente e a complexidade do sistema tributário. Além das questões domésticas, a globalização fez com que as nossas empresas competissem com rivais muito mais preparados, um grande fator de desindustrialização. Na década

"Sempre fomos contra o fim do Ministério do Desenvolvimento e Indústria. Paulo Guedes criou um monstro e acabou engolido por ele porque não dava conta de todas as áreas"

de 80, a indústria chegou a ter participação de até 48% do PIB. Hoje é de 24%.

O senhor citou a globalização, mas hoje vemos um processo contrário, em que as grandes economias estão trazendo de volta setores produtivos que haviam sido repassados a outros países. Como o Brasil está inserido nesse contexto? Isso é a decorrência direta da Covid-19 e da guerra na Ucrânia. A pandemia desestruturou as cadeias globais e o conflito no Leste Europeu piorou a situação. A China fechou completamente. Ficamos sem componentes importantes, como os chips, tivemos redução de insumos farmacêuticos. Essa desorganização fez com que vários países enfrentassem o problema do desemprego e da inflação. A solução vislumbrada pelas grandes economias foi voltar a investir na indústria. A Alemanha tem um programa de desenvolvimento monstruoso, os Estados Unidos começaram a estimular suas empresas a não ser tão dependentes da China. Esse movimento ocorre porque é a indústria que paga os melhores salários, que desenvolve tecnologia e inovação. No Brasil, as pessoas começam a perceber que, se o país não focar no setor, não vai ter como competir no mundo.

E como o país pode se preparar para essa transição? Nós temos uma oportunidade única nesse momento. O problema é que o Brasil é campeão em perder oportunidades. Tomara que isso não aconteça desta vez. Temos caminhos pa-

ra atrair capital em diversos setores, como no complexo da saúde, na indústria da defesa, em tecnologia da informação, inteligência artificial, em infraestrutura, economia de baixo carbono. O que separa essas oportunidades da realidade é que quem investe sempre estima o risco que corre. Há muita insegurança jurídica no país, mudanças de posicionamentos e prioridades, e isso assusta o investidor. Precisamos ter segurança e equilíbrio para trazer esse capital.

Como é possível melhorar esse cenário a curto prazo? As reformas são fundamentais. A mudança na legislação tributária é urgente. No ano passado, por exemplo, a CNI teve a oportunidade de fazer um encontro com empresários japoneses. Mas como é que se explica para um japonês o funcionamento do sistema tributário brasileiro? É impossível. Não há uma lógica. Precisamos fazer algumas mudanças, e de forma rápida, porque nosso cenário é complicado.

O governo Lula recriou o Ministério do Desenvolvimento e Indústria, e nomeou o vice-presidente Geraldo Alckmin. Como tem sido o diálogo com o novo ministro? A CNI sempre foi contra a postura do governo do presidente Bolsonaro de ter acabado com o Ministério do Desenvolvimento e Indústria. O ministro Paulo Guedes criou um monstro e acabou engolido por ele, porque não conseguia dar conta de todas as áreas. Antes disso, nós tivemos bons ministros do Desenvolvimento, mas a pasta sempre teve pouca autonomia, tendo de passar

muito pela Casa Civil, Fazenda, Planejamento. Nesse sentido, a nomeação de Alckmin é muito positiva. Por ser vice-presidente, ele não precisa ficar pedindo amém a outros ministros. É uma vantagem fantástica, ele pode endereçar os assuntos. Além disso, o Alckmin entende a raiz do desenvolvimento. É claro que nós temos no país problemas sociais enormes que precisamos superar. Mas temos de fazer duas coisas: combater os problemas sociais e estimular o desenvolvimento econômico. A única forma de resolver os problemas sociais é gerando emprego e renda. É isso que dá dignidade às pessoas.

E como estão as conversas do setor com o Alckmin? O vice-presidente está empenhado em analisar e aprofundar questões como a reforma tributária, regulamentação, inovação, tecnologia. Há a visão da importância dos acordos internacionais para que o Brasil participe muito mais do comércio global. O Alckmin tem defendido uma política industrial de longo prazo, que foque no futuro de maneira consistente. A indústria não quer subsídio, ela quer política e incentivo. Quando falamos em incentivo para a indústria, existem diversas ações além do subsídio. O Brasil investe muito pouco em inovação e tecnologia, e quase 70% dos investimentos nessa área são privados. É preciso que se tenha financiamento para esses investimentos.

O que pode melhorar a partir da estrutura e dos mecanismos que já existem? É preciso fazer com que a inovação seja

estratégia de desenvolvimento de qualquer empresa, seja ela pequena ou grande, mas é algo que precisa estar na ponta desse planejamento. Nós temos, por exemplo, a Embrapii, empresa pública de fomento à inovação industrial inspirada na Embrapa, um dos pilares da evolução agrícola do país. Ela foi criada com o apoio do então presidente do BNDES, Luciano Coutinho, e do ministro da Ciência e Tecnologia na época, Aloizio Mercadante, hoje à frente do BNDES. Uma das propostas que fiz ao presidente Lula é a de que a Embrapii fique no Ministério do Desenvolvimento, da mesma forma que a Embrapa atua junto com o da Agricultura. Não conseguimos, mas esperamos que a ministra da Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, tenha a visão de que a Embrapii precisa de recursos e batalhe por eles. O que não pode é acontecer como no ano passado, em que, do orçamento previsto para a inovação de 9 bilhões de reais, foram liberados 5,5 bilhões.

“Temos de fazer duas coisas: combater os problemas sociais e estimular o desenvolvimento. E isso só ocorre gerando emprego e renda. É o que dá dignidade às pessoas”

Nas gestões anteriores do PT, houve equívocos como a política de campeões nacionais. Qual é o papel de instituições como o BNDES na indústria? O BNDES é importantíssimo, e não estou falando do financiamento de infraestrutura. Me refiro ao financiamento dos investimentos em ciência e tecnologia. Não temos no Brasil políticas de financiamento de longo prazo para investimento, tanto que, dos investimentos empresariais no país, quase 80% são feitos com recursos do investidor. E se não tiver esse investimento, dificulta. Porque aí você começa a tomar financiamento a juros elevados para financiar o seu capital de giro e torna os custos muito mais altos. O BNDES precisa financiar os investimentos produtivos no Brasil. Tenho certeza de que o presidente Mercadante entende essa necessidade.

O que seriam esses investimentos produtivos a que o senhor se refere? A tecnologia, a inovação, a ciência. E também o financiamento de exportações. Nos governos do presidente Lula, houve muitos investimentos para as exportações, algo que foi muito questionado. É claro, pode-se ter cometido excessos, mas a inadimplência dos países que foram financiados é muito pequena. Quando converso com empresários e autoridades chineses, eles falam que, se o Brasil não financiar a exportação de produtos manufaturados, não vai ter exportação desses itens. O país não tem um sistema garantidor de exportações para micros e pequenas empresas. O BNDES tem mecanismos para isso, e não seria colocando recursos do Tesouro.

Qual é a escala de prioridades para o setor industrial? A reforma tributária é fundamental porque ela é peça-chave para trazer investimentos ao Brasil. O vice-presidente Alckmin tem quatro mandatos como governador de São Paulo, você olha a infraestrutura de São Paulo e compara com a de qualquer outro estado, a de São Paulo é muito melhor. O vice-presidente fez as mudanças no estado via concessões e parcerias público-privadas, e esse é um caminho que precisamos perseguir. O governo investe cerca de 0,6% do PIB em infraestrutura. Para recuperar nossa infraestrutura seria preciso investir algo em torno de 4%, se formos considerar apenas recursos públicos. A União não tem isso. Por outro lado, há muito recurso disponível no mundo em busca de infraestrutura. Precisamos de bons projetos para atrair o capital estrangeiro necessário, e para isso é preciso ter esse arcabouço.

Em 2022, a indústria cresceu 1,6%, porém no último trimestre do ano passado recuou 0,3%. Essa tendência também é vista no resultado geral do PIB. Como o senhor projeta o comportamento da economia brasileira neste ano? Acho que o Brasil vai ter dificuldades de crescimento. Apesar de termos uma superprodução de produtos agrícolas, o peso do agro nas exportações é de cerca de 20%. Então, por nossas contas o PIB ficará abaixo de 2%. Os juros são exorbitantes. Com inflação em cerca de 6%, temos a Selic em 13,75%, sem contar que o juro da indústria chega a quase 20%. Assim fica muito difícil produzir. ■

COM AS GARRAS AFIADAS

O TODO-PODEROSO Xi Jinping aproveitou os holofotes do Congresso Nacional do Povo, evento em que o governo chinês estabelece metas anuais, para dar mostras do poder que já havia acumulado ao conquistar o terceiro mandato consecutivo em outubro, um feito inédito. Depois de um ano cheio de declives, consequência da rígida política de Covid Zero que

LINTAO ZHANG/GETTY IMAGES

freou as engrenagens da economia, foi anunciado, no Grande Salão do Povo, um crescimento de 5% para 2024, considerado modesto diante dos normalmente superlativos resultados do país que digladia com os Estados Unidos para ocupar o posto de potência número 1, mas um sinal inequívoco de que a China está de volta ao jogo. Além de uma dose de conservadorismo — no ano passado o chute foi mais alto do que o que viria a ser alcançado —, o número posto à mesa pelo presidente tem também a ver com um dispendioso plano de investimentos, da tecnologia à área militar, cujo orçamento vai subir pelo menos 7%. O modelo para chegar lá, segundo confirmado no **Congresso, que vai até terça-feira 14**, será regido com as mãos cada vez mais pesadas do político que já escolheu a dedo os 3 000 delegados do Partido Comunista e, agora, plantará aliados em cargos-chave, como o comando da Suprema Corte e chefias de empresas estatais, sobretudo nas vitais áreas de tecnologia e finanças. Está aí a tão propalada "modernização ao modo chinês". Ou, de modo mais claro e direto, ao estilo Xi. ■

Amanda Péchy

INSTAGRAM @VANESSADAMATA

OUTRA FREQUÊNCIA Vanessa: “Eu via vultos, energias que não eram humanas”

“FECHEI O CORPO NO CANDOMBLÉ”

Aos 47 anos, a cantora de hits inescapáveis da MPB fala sobre seu novo disco, as razões espirituais que a fizeram abraçar a religião de matriz africana – e critica o domínio da música sertaneja

Seu sétimo álbum, *Vem Doce,* marca vinte anos de carreira. Como artista, sente a angústia de continuar emplacando hits como *Ai, Ai, Ai...?* Eu não tenho as angústias que tinha no começo da carreira. Estava saindo da adolescência e possuía muito mais hormônios. Tinha medo do sucesso e do que a fama pode trazer. Hoje, é mais fácil — apesar de eu não ter eliminado minhas tensões de artista ao entrar no estúdio e fazer um disco novo.

A faixa-título foi gravada em 432 Hz em vez da usual 440 Hz, e a razão seria a paz e a harmonia que essa frequência "áurea" induz. Considera-se uma artista mística? Sempre quis fazer um disco assim, mas é difícil porque a afinação de todos os instrumentos ficou em 440 Hz após a industrialização das gravações, no século XX — não à toa, o século de Hitler. A música atravessa nossos poros como um sinal de celular, e as pessoas não notam.

A música *Foice* fala da importância dos saberes ancestrais e celebra as religiões de matriz africana. Como é sua relação com a fé? Minha avó era católica e benzedeira. Hoje, sou do candomblé, mas eu era uma pessoa ateia, e enfrentei um momento da vida em que estava completamente aberta. Não sabia o que estava acontecendo. Via vultos, pessoas na minha frente, energias que não eram humanas. Coisas que não tinham explicação. Foi aí que procurei o candomblé para me fechar. Para fechar o corpo, como dizem.

No período eleitoral, sua revelação de que iria trocar Ciro Gomes pelo voto em Lula causou furor nas redes. Por que mudou? Porque o artista sempre é contra a insensibilidade. Cada real investido em cultura volta em dobro. Todo mercado tem incentivo. O agronegócio tem muitos benefícios que vêm de leis de incentivo, por exemplo. Há uma manipulação que demoniza o artista. E esse fel causou uma herança terrível: é um veneno que vira doença, insanidade, briga de família. Chamam de mimimi o que na verdade é uma necessidade de diálogo.

Embora critique o sertanejo, você veio de uma família humilde de Mato Grosso, onde o gênero é onipresente. Como avalia o fenômeno? Meu pai queria que eu fosse cantora sertaneja — que ele ouve incessantemente. Acho que o Brasil tem fases. Já teve o axé e o pagode. O sertanejo aprendeu a se impor e conta com o dinheiro do agronegócio. O dinheiro domina, e muitas vezes apaga outros estilos que estão por aí. ■

Felipe Branco Cruz

A PRECISÃO DO APITO

APOGEU Arppi Filho e o cartão para Maradona, na final de 1986: "Ele mereceu"

BONGARTS/GETTY IMAGES

Os livros de história do esporte não deixam dúvida: a Copa do Mundo de 1986, no México, foi de Maradona. Contudo, uma imagem ficou também registrada como nota irônica daquela jornada: o cartão amarelo dado ao camisa 10 argentino pelo juiz brasileiro **Romualdo Arppi Filho** aos 18 minutos do primeiro tempo da finalíssima entre Argentina e Alemanha. E com razão: Maradona esbravejou, deu uma de prima-dona, quando o árbitro mandou repetir uma cobrança de falta dos alemães — e foi advertido. No dia seguinte ao da partida, ele recebeu de um fã um quadro com a foto daquela cena. "Não mostrei o cartão de propósito, ele mereceu", diria. A prova de não ter se aproveitado da fama do cracaço viria no segundo tempo: no lance do terceiro gol dos sul-americanos, na vitória por 3 a 2, ele evitou parar o jogo em um lance em que teria havido uma falta e deixou a bola correr, para que então Maradona desse um passe magistral nos pés de Burruchaga.

Arppi Filho foi o segundo brasileiro a apitar uma final de Copa — em 1982, Arnaldo Cezar Coelho comandou Itália e Alemanha. Era o ápice de uma carreira vitoriosa, com mais de 300 jogos internacionais, de um profissional respeitado pelo olhar preciso, mas que os torcedores derrotados, nas mesas de bar, chamavam de "robualdo", em evidente brincadeira com a excelência de seu trabalho. Ele encerrou a carreira antes do VAR, a respeito do qual tinha opinião firme: "Vai ter jogo com duração de 120 minutos. São três minutos para saber se foi ou não pênalti". Ele morreu em 4 de março, em Santos, aos 84 anos, de problemas renais.

VANESSA CARVALHO/BPPRESS/FOLHAPRESS

OLHAR POLÍTICO Paulo Caruso: relato visual da redemocratização do país

O BRASIL NOS TRAÇOS

A velocidade e a ironia com que o cartunista **Paulo Caruso** desenhava charges de entrevistados e entrevistadores no *Roda Viva*, da TV Cultura, acompanhadas de frases emblemáticas ditas no ar, sempre foram uma das marcas do programa desde 1987. Seu irmão gêmeo, Chico Caruso, admirava o dom fraterno. “Eu não conseguiria”, dizia Chico. De evidentes interesses políticos, Paulo fez do traço a tradução do Brasil a caminho da redemocratização, nos anos 1970 e 1980, em *O Pasquim* e nas revistas *Senhor* e *IstoÉ*. Ele foi também colaborador de VEJA. Morreu em 4 de março, aos 73 anos, em São Paulo, de câncer.

CORAÇÃO FEMININO

A discrição da compositora, cantora, violonista e pianista carioca **Sueli Costa** a manteve sempre à sombra, alheia ao estrelato. Mas são dela algumas das mais belas canções feitas para serem interpretadas por vozes femininas. Na lista de clássicos imediatos de Sueli estão joias como *Coração Ateu* ("O meu coração ateu quase acreditou / na tua mão que não passou de um leve adeus"), na interpretação de Maria Bethânia, em 1975, sucesso da trilha da novela *Gabriela*, e *Jura Secreta* ("Só uma palavra me devora / aquela que meu coração não diz"), eternizada por Simone, em 1977. Sueli morreu em 4 de março, aos 79 anos, no Rio de Janeiro, de causas não reveladas pela família. ■

DIVULGAÇÃO

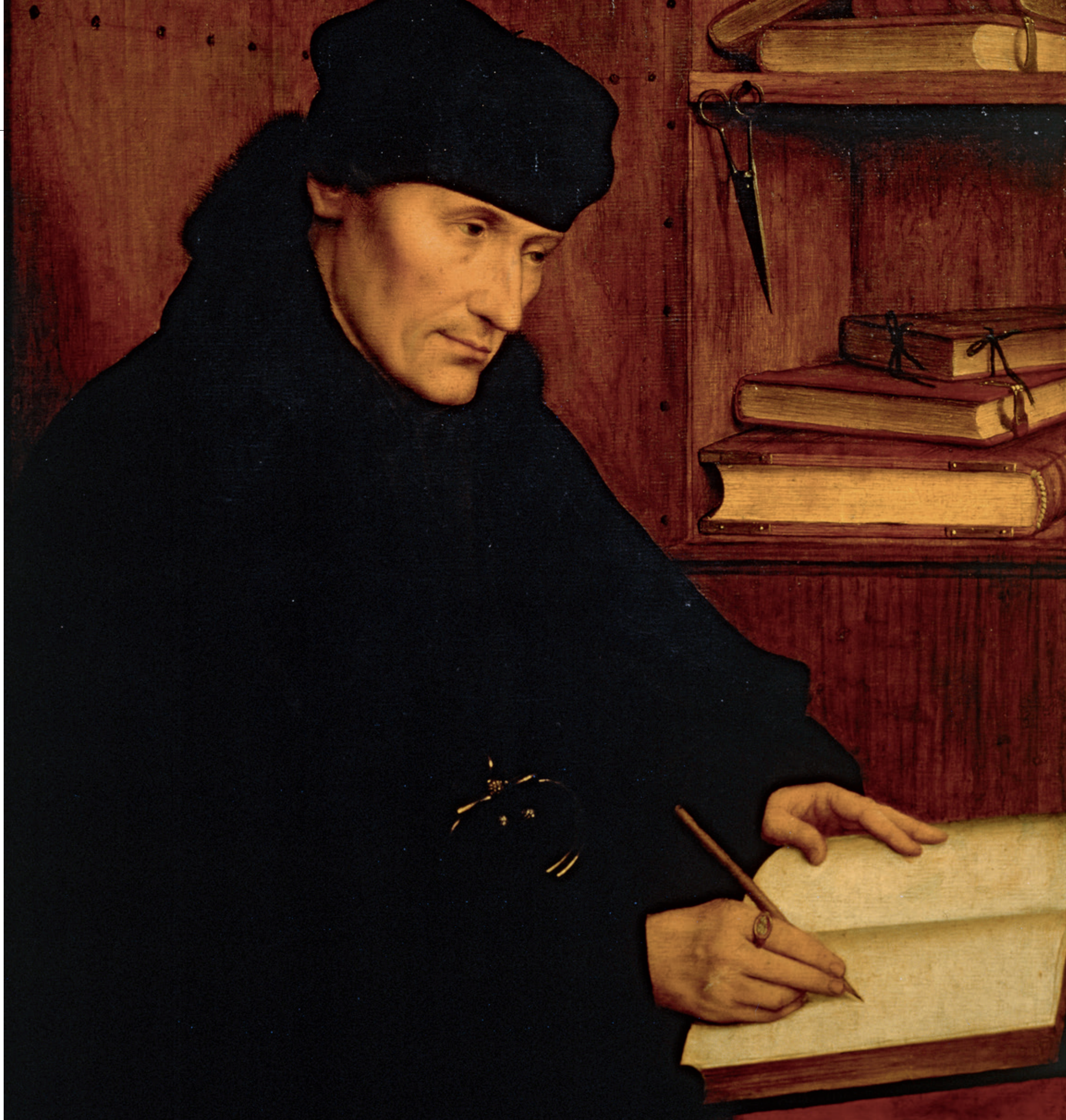
CANCIONEIRO Sueli: clássicos como *Coração Ateu* e *Jura Secreta*

FERNANDO SCHÜLER

OS TOLOS DA HISTÓRIA

É UM "PSICOPATA", disse Lula, em sua entrevista para a Band, na outra semana. O presidente já havia chamado seu adversário de nazista, fascista, genocida, mas agora lhe atribuía um transtorno mental. Minutos depois, na mesma entrevista, pregou o "amor", e disse que é preciso "superar o ódio neste país". Bolsonaro não ficou longe. Desde o seu discurso de posse, há quatro anos, chamou seus adversários de bandidos, comunistas, "nove dedos" e uma fila enorme de xingamentos. Não me recordo de ouvi-lo pregando o amor. Até procurei, mas não encontrei. Se alguém achar, posso retificar aqui. Apoiadores de ambos os lados de nossa rinha de galo política não gostam muito de ler coisas assim, mas a verdade é que nenhum de nossos dois maiores líderes tem o mais remoto interesse em pacificar o país, nem combater o "ódio", seja isto o que for. De minha parte, não gostaria que fosse assim. Quem me lê aqui sabe de minha insistência em temas como o pluralismo, a tolerância, a "mitezza", palavra usada pelo grande Norberto Bobbio para se referir à virtude da serenidade, na política. O fato é que minha opinião conta

muito pouco, se é que conta. Quem de fato dá as cartas, no jogo político brasileiro, está interessado na guerra. Tivessem poder para isso, não duvido que nossas duas grandes tribos políticas mandariam calar, prender (se não coisas piores) seus respectivos inimigos. Como sair dessa enrascada? Por ora, não vejo muita luz no fim do túnel, mas chegará o tempo em que descobriremos.

O que acho mais curioso, nisso tudo, é o duplo padrão. O sujeito acha um completo horror quando o seu presidente-inimigo diz uma *fake news.* Mas quando o presidente-amigo diz uma mentira chapada, do tipo "a economia não cresceu no ano passado", ele acha legal. E que se alguém desmentir é porque "está do outro lado". A última onda do duplo padrão brasileiro parece ser o do "combate ao discurso de ódio". Ainda agora o governo federal instalou sua comissão para tratar do tema, que deve ser tornar uma "política de Estado", segundo o ministro dos Direitos Humanos. Nenhuma crítica aos integrantes da comissão, não é esse o ponto. Ela por óbvio tem um viés, como teria se o governo anterior fizesse algo nessa linha. E é por aí que se iniciam os problemas. Se poderia pensar em um grande entendimento nacional, com gente expressando divergências reais de opinião, promovendo valores como a tolerância? É evidente que sim, mas não é do que se trata. A primeira pergunta embaraçosa: quem tem o poder de dizer o que é ou não um discurso de ódio? Susan Benesch, que dirige o Dangerous Speech Project, em Harvard, define alguns traços comuns do discurso de ódio. Um

APRENDIZADO Erasmo: ele foi pioneiro ao entender que a força era incapaz de mover a consciência

deles é a "desumanização". "Referir-se às pessoas como insetos ou animais", diz ela. Os nazistas costumavam chamar judeus de "ratos", e os hutus, no genocídio de Ruanda, chamavam seus inimigos de "baratas". No Brasil recente, virou arroz com feijão chamar seus inimigos de "gado" ou "jumentos". Tempos atrás testei essas definições em grupos com distintas visões. Cada qual foi seletivo, achando que seu animal favorito para associar os outros nada tinha a ver com o ódio.

É perfeitamente possível impor limites à liberdade de ex-

BRANDSTAETTER IMAGES/GETTY IMAGES

“Pode demorar, mas renunciaremos ao desejo de censurar”

pressão. O Brasil, por exemplo, em 1989, criminalizou a injúria racial e o uso da suástica como propaganda nazista. O ponto é que isso deve ser feito com parcimônia, no Congresso, com uma clara tipificação legal. E sua aplicação deve ser objetiva, válida para todos, vedada a censura prévia. No Brasil atual cometemos todos os pecados: censuramos previamente, dispensamos solenemente o devido processo, inventamos crimes a partir de decisões idiossincráticas do Judiciário, com base em teses vagas sobre “não dizer a verdade” ou “ameaçar a democracia”. E mais: abrindo sempre mais o leque interpretativo e relativizando mandamentos constitucionais, como a inviolabilidade de parlamentares em suas “opiniões, palavras e votos”. Tudo isso sob o transe político que invadiu um universo em que jamais poderia ter ingressado: o mundo das leis e das instituições de Estado, como é o Judiciário. Todos esses erros são antigos. Eles atendem à velha sedução do que Herbert Marcuse definiu, nos anos 60, como a “tolerância repressiva”. Em nome da “democracia real”, era preciso ser intolerante com quem “impede uma existência sem medo ou miséria”. O argumento sugere um sujeito demiúrgico da verdade.

Só eu defino os limites da tolerância, e partir daí disponho não só do direito de calar, mas de fazê-lo com um estranho senso de virtude. George Orwell decifrou o grande truque: faça as piores coisas, mas convença as pessoas de que você está agindo pelas melhores razões. Era assim que, em sua distopia, o ministério da paz fazia a guerra, e O'Brien torturava Winston Smith para salvá-lo de um mundo em extinção.

Se alguém realmente quiser combater o discurso de ódio, algumas sugestões. A primeira: dê o exemplo. Comece arrumando a própria cama, como diria Jordan Peterson. Pare você mesmo de dar discurso de ódio e fazer de conta que está pregando o amor e a pacificação. A segunda é: aprenda a escutar as pessoas e ideias que você realmente odeia, e tente agir com empatia. Há uma penca de pesquisadores tratando da "teoria do contato". A tese de que é preciso conviver, olhar a face do rosto, como dizia Emmanuel Levinas, com seu jeito poético, para que se gere a empatia (contra a qual conspira a frieza do mundo digital). Por fim, isso deve ser feito no âmbito da sociedade, não do Estado. E muito menos pelo Poder Executivo, transitoriamente conduzido por um grupo político, que deve atender a regras objetivas de impessoalidade e jamais arbitrar sobre direitos individuais.

No rastro da explosão de ideias e dissenso produzida pela revolução de Gutenberg, no século XV, nossos antepassados europeus se dedicaram a mais de dois séculos de guerra, queima de livros, bruxas e hereges. Elas também lutavam pela verdade, e é possível pensar que suas divergências gi-

rassem em torno de temas mais graves do que os nossos. A duras penas, fomos aprendendo. Um dos primeiros foi Erasmo. Ele entendeu as coisas elementares: que a força era incapaz de mover a consciência, que era preciso reviver Sócrates e sua crença no diálogo. E que a censura e a perseguição eram apenas um tipo de tolice, própria daqueles que "cegos pelo amor-próprio, tomam para si, sem merecê-lo, todo o mérito que injustamente negam aos outros". Agora nos perdemos novamente, em meio à revolução tecnológica. Somos os tolos da história. Fica aqui o meu prognóstico: pode demorar algum tempo, mas aprenderemos. Como nossos antepassados, em algum momento renunciaremos ao desejo de censurar e prender quem pensa diferente. Espero apenas que até lá nossos pequenos inquisidores não produzam grandes estragos, mesmo que, confesso, não seja tão otimista. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

EDUARDO PAES

A primeira enquete sobre o pleito do Rio para 2024 reafirmou o favoritismo do prefeito: nos três cenários projetados pelo Instituto Paraná Pesquisas, ele lidera com mais de 10 pontos sobre o segundo colocado.

GRÉCIA

O país receberá de volta fragmentos de mármore do Partenon de Atenas que estão guardados nos Museus do Vaticano desde o século XIX.

COXINHA

O salgado figura no ranking das cinquenta melhores comidas de rua do mundo elaborado pela plataforma TasteAtlas.

DESCE

ANDERSON TORRES

Preso depois dos atos golpistas, o ex-ministro da Justiça e ex-secretário da Segurança do Distrito Federal sofreu mais um revés: uma equipe de mais de dez advogados que cuidava de sua defesa abandonou a causa.

CARROS

A indústria automotiva fechou fevereiro com a pior marca de produção em sete anos para o mesmo período.

JACK DANIEL'S

A companhia de uísque foi processada após um fungo escapar de uma destilaria e infestar uma cidade no sul dos Estados Unidos.

“Depende do amor. Não sou contra casar de novo. Decidir se vou casar de novo, nada contra. Casamento é algo saudável, depende do casal.”

ROBERTO CARLOS, 81 anos, ao anunciar que está namorando, em entrevista para divulgar a nova temporada do romântico cruzeiro *Emoções*

MAURICIO SANTANA/GETTY IMAGES

“Não veio um Lula-Mandela, veio um Lula anti-Bolsonaro.”

TASSO JEREISSATI, ex-senador pelo PSDB do Ceará

“Vim aqui pedir desculpas por esse absurdo que ele falou. Não representa o povo gaúcho.”

EDUARDO LEITE, governador do Rio Grande do Sul pelo PSDB, em conversa com Gilberto Gil. Leite se referia ao vereador de Caxias do Sul Sandro Fantinel, que disparou estultices inaceitáveis ao comentar o episódio de trabalho análogo à escravidão em vinícolas do estado. Fantinel sugeriu que os produtores da região “não contratem mais aquela gente lá de cima”, cuja “única cultura é a de viver na praia tocando tambor”

“Vivo meu posicionamento político nos meus dias, nos meus atos. É o mais importante de tudo. A gente precisa ser coerente e saber se posicionar assim, apenas exercendo.”

SANDY, cantora, que nunca revelou publicamente suas opiniões políticas no Brasil tristemente polarizado

“Olho para esse pioneirismo com preocupação, porque mostra a dificuldade de nós, mulheres, atingirmos cargos de direção.”

NÍSIA TRINDADE, a primeira mulher na história do Brasil a assumir o Ministério da Saúde

“Voltarei mais forte.”

NEYMAR, ao saber que terá de fazer uma cirurgia nos ligamentos do tornozelo direito que o deixará pelo menos quatro meses fora do gramado

“Respeitem o espaço dele.”

EMMA HEMING, modelo e atriz americana, ao pedir aos paparazzi que se afastem de seu marido, o ator Bruce Willis, recentemente diagnosticado com demência

“Sempre me senti diferente do resto da família.”

PRÍNCIPE HARRY, o duque de Sussex, o diferentão. O rei Charles III retirou do príncipe e de Meghan o Frogmore Cottage, única residência do casal no Reino Unido

“Eu era fã de Will Smith. Agora fico assistindo a *Emancipação* só para vê-lo chicoteado.”

CHRIS ROCK, humorista que muitas vezes não tem graça nenhuma, em uma comédia stand-up exibida pela Netflix, um ano depois do tapa que recebeu de Smith na cerimônia do Oscar

“Aquele dia foi emocionante por várias razões. Estávamos deixando a casa que tínhamos vivido durante oito anos, a única casa que as crianças realmente conheciam.”

MICHELLE OBAMA, ao falar sobre o fim do mandato de seu marido e o início do governo de Donald Trump, em janeiro de 2018

INSTAGRAM @GIGIHADID

“Sempre quis ser mãe, mas nunca fui obcecada por isso ou *(pensei que)* fui colocada nesta Terra para ser mãe.”

GIGI HADID, modelo e empresária americana, mãe de uma filha de 2 anos com o cantor e compositor britânico Zayn Malik, seu ex-marido. Ela e Leonardo DiCaprio têm sido vistos juntos

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Querido amigo, voltei

Chefe de gabinete da Presidência no segundo mandato de Lula, **Rosemary Noronha** ficou conhecida por usar a intimidade que tinha com o “PR” para desfrutar as delícias do poder. Em 2013, graças a esse comportamento, ela foi condenada a nunca mais assumir um cargo público. Com o “amigo” de volta ao Planalto, a esperança brotou em Rose. Recentemente, ela pediu à CGU que reabilitasse sua fi-

JEFFERSON COPPOLA

OI, SUMIDO
Rose: amiga de Lula tentou, sem sucesso, reabilitar ficha no governo

cha, anulando a condenação. Os tempos, no entanto, são outros. A amiga de Lula recebeu um sonoro não.

A fila andou

Ao rejeitar o pedido de Rose, a CGU foi direta, dizendo que seus crimes "foram comprovados por diversas provas independentes".

Dobrando a aposta

Sem conseguir tirar Carlos Melles do comando do Sebrae, Paulo Okamotto agora usa a caneta de Lula para ameaçar os dirigentes do Sistema S com uma MP que derrube a todos.

Medo de grampo

Bolsonaro, seus seguranças e interlocutores mais próximos trocaram os aparelhos de celular. O ex-presidente tem feito isso regularmente.

Voo cancelado

No dia 21, o PL fará um evento para recepcionar Michelle no partido. Bolsonaro — que tinha cravado a volta dia 15, mas desistiu — não estará presente.

Pode passar no débito

O dinheiro voltou a jorrar com força no PL. Imagine a felicidade de Valdemar Costa Neto e seus aliados.

Universo paralelo

O caso das joias sauditas reeditou a velha rivalidade entre militares e apoiadores ideológicos de Bolsonaro. A troca de acusações entre as alas é forte.

Tiro para todo lado

Essa profusão de propostas de CPI e de projetos de lei polêmicos no Congresso irrita profundamente Lula:

ele cobrou foco da base nos projetos do governo.

Melhor esquecer

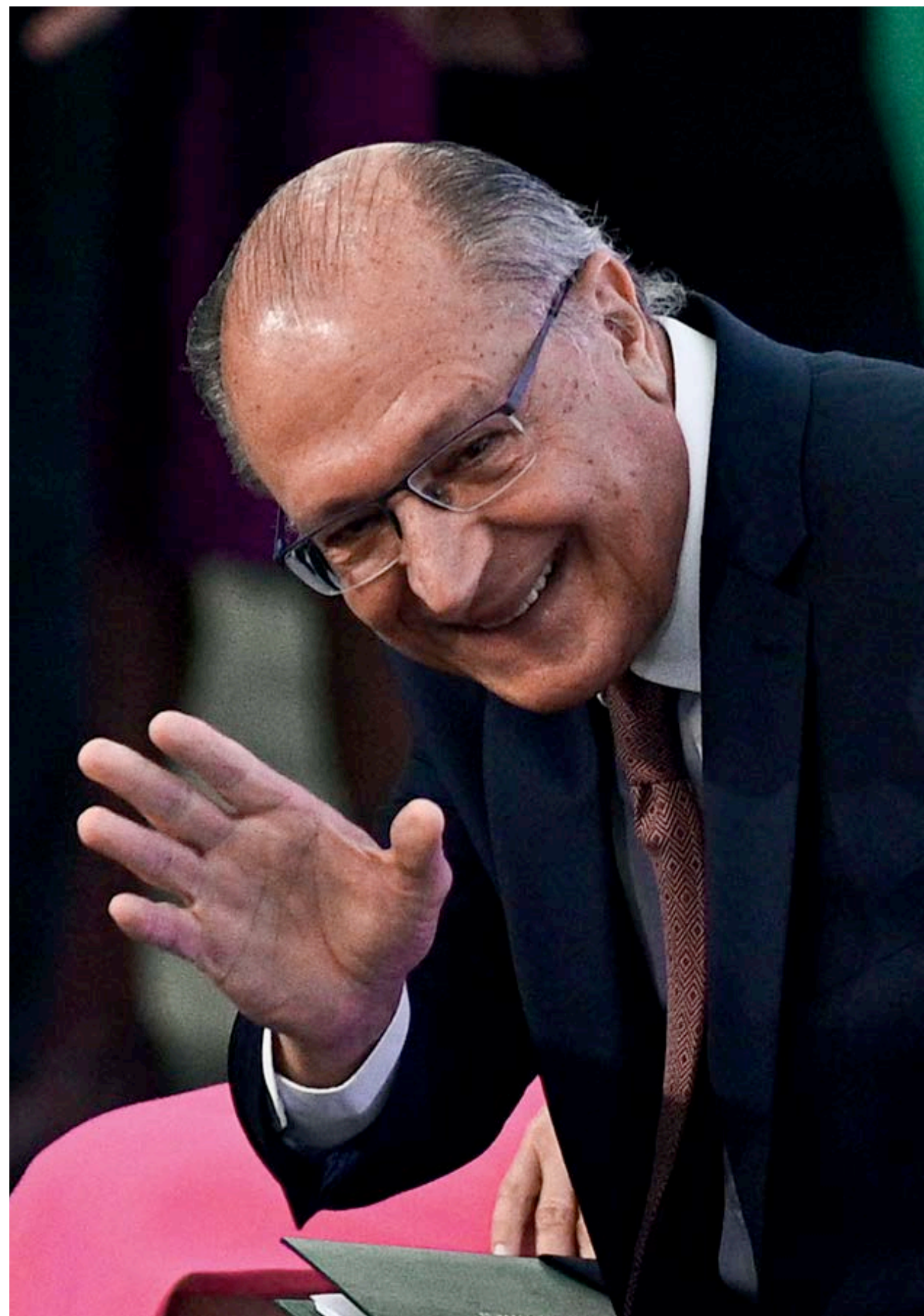
Rodrigo Pacheco conversou nesta semana com Alexandre Padilha e Fernando Haddad. Disse aos dois que o projeto que flexibiliza a Lei de Estatais não passa no Senado.

Headhunter

João Vaccari Neto é hoje um ativo recrutador de talentos junto à companheirada para cargos no governo.

Núcleo poderoso

Diante da falta de articulação de seus ministros, Lula decidiu recriar a Coordenação de governo, espécie de cúpula permanente de discussão de estratégias do Planalto. **Geraldo Alckmin,** Rui Costa, Fernando Haddad e Paulo Pimenta farão

ANDRÉ BORGES/EFE

CONSELHEIRO Alckmin: conversa semanal com Lula sobre rumos do país

parte desse núcleo duro. A princípio, a ideia é de que as reuniões com Lula ocorram todas as quintas.

Sigiloso e permanente

Na próxima semana, o inquérito das *fake news* do STF vai

completar quatro anos em plena — e sigilosa — atividade. Com o fôlego dado pelos ataques de 8 de janeiro, não há nenhum indicativo de que vá ser concluído tão cedo.

Foi só um susto

Próximo presidente do STF, Luís Roberto Barroso levou um susto ao sofrer um quadro de obstrução intestinal. Felizmente, ele passa bem.

Calote paulista

A Justiça de São Paulo mandou notificar nesta semana José Dirceu para que pague uma dívida de IPTU com a prefeitura da capital. O montante devido já passa dos 70 000 reais.

Fora dos holofotes

Nem Gleisi Hoffmann nem Haddad. Lula escolheu um ex-ministro petista para ser seu interlocutor permanente com figurões da Faria Lima.

Tiro no pé

Roberto Campos Neto e Haddad conversaram nesta semana. O petista mostrou detalhes do novo marco fiscal que deseja levar a Lula. Feito na correria para pressionar Campos Neto a baixar os juros, o material não causou boa impressão no chefe do BC.

Tempestade a caminho

Haddad disse a Campos Neto que vai submeter a Lula os nomes dos escolhidos para duas diretorias — Política Monetária e de Fiscalização — do BC. A palavra final, portanto, será política.

Pago quando puder

Aliados de Lula discutem uma proposta de lei que

amplie o prazo das prefeituras para o pagamento de precatórios. O tema é tratado na sombra porque promete fazer barulho.

Novos mercados

Em missão oficial ao Japão, Ratinho Junior negocia a abertura do mercado japonês aos produtores paranaenses de carne suína. O estado é o segundo maior criador nacional de suínos.

Casa na praia

Entre dezembro e fevereiro, a VCI, incorporadora do Hard Rock Hotel, faturou 240 milhões de reais na venda de unidades multipropriedade — espécie de cota de uso. Ao todo, a VCI já vendeu 14 000 unidades no país.

Prontos para o combate

A Câmara acaba de renovar seu estoque de bombas e granadas de gás lacrimogêneo. Custo: 739 000 reais.

O problema é bem maior

A investigação de trabalho escravo nas vinícolas gaúchas aponta, segundo investigadores, para a existência de um esquema nacional de comercialização de força de trabalho degradante.

Luta contra a prisão

Alvo de um pedido de prisão da Itália por estupro, Robinho contratou o experiente advogado José Eduardo Alckmin para defendê-lo no STJ. Alckmin vai requerer a íntegra do processo na Justiça italiana. Segundo ele, decisão do STF exige acesso total aos autos para verificar, antes da análise do pedido prisão, se todos os direitos do ex-jogador foram garantidos.

INSTAGRAM @LARISSAMANOELA

SEM PAZ Manoela: ela é alvo de um processo milionário na Justiça

Motor da humanidade

A Sextante lança em julho *The Creative Act,* livro do aclamado produtor musical Rick Rubin. A obra é um guia sobre princípios da criatividade. "Grande parte da criatividade é aceitar que podemos fazer qualquer coisa. Todos temos esse potencial", diz Rubin.

Longo tormento

A atriz **Larissa Manoela** voltou a ser atormentada na Justiça por um produtor de shows que tenta obter dela uma indenização de 1,7 milhão de reais por um evento não realizado. A Justiça, segundo a defesa da atriz, já condenou o empresário por litigância de má-fé, mas ele conseguiu reabrir o caso recentemente. ■

A FORÇA DO SUPER-CENTRÃO

Na tentativa de formar maioria no Congresso, o governo Lula tropeça nas articulações com o grupo suprapartidário de parlamentares, que está cada vez mais unido e empoderado

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS E **LAÍSA DALL'AGNOL**

RECADO Lira, com Nogueira: críticas duras à falta de organização do Palácio do Planalto

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK E CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

A relação mais próxima de Luiz Inácio Lula da Silva com o Congresso teve início em 1987, quando ele foi eleito deputado federal. Fez parte do grupo que elaborou a Constituição promulgada no ano seguinte, mas pouco se destacou em termos de projetos, não quis disputar um segundo mandato e saiu de lá classificando os ex-colegas de "uma maioria de uns 300 picaretas", conforme declarou em 1993. Dez anos depois, ao chegar ao Palácio do Planalto, viu-se obrigado a sentar-se à mesa com os "300 picaretas". Negociou tanto que isso culminou em 2005 na eclosão de um escândalo de compra de apoio de parlamentares, o famoso mensalão. O esquema abateu o homem forte do governo, o ministro da Casa Civil, José Dirceu, e levou à condenação de outros petistas graúdos, mas não impediu Lula de ser reeleito e fazer a sucessora, Dilma Rousseff. A gestão feita também à base do toma lá dá cá com parlamentares ficou marcada por um escândalo ainda maior, o petrolão, que levou Lula à prisão e favoreceu o clima favorável ao impeachment.

Ao retornar ao poder, o petista prometeu promover um diálogo republicano com o Congresso e parecia realmente imbuído de não repetir os erros do passado. Depois de pouco mais de dois meses de governo, a tarefa se mostra mais difícil do que parecia, sobretudo no entendimento com o Centrão, que é fundamental para a necessidade do petista de formar uma base sólida para a aprovação de

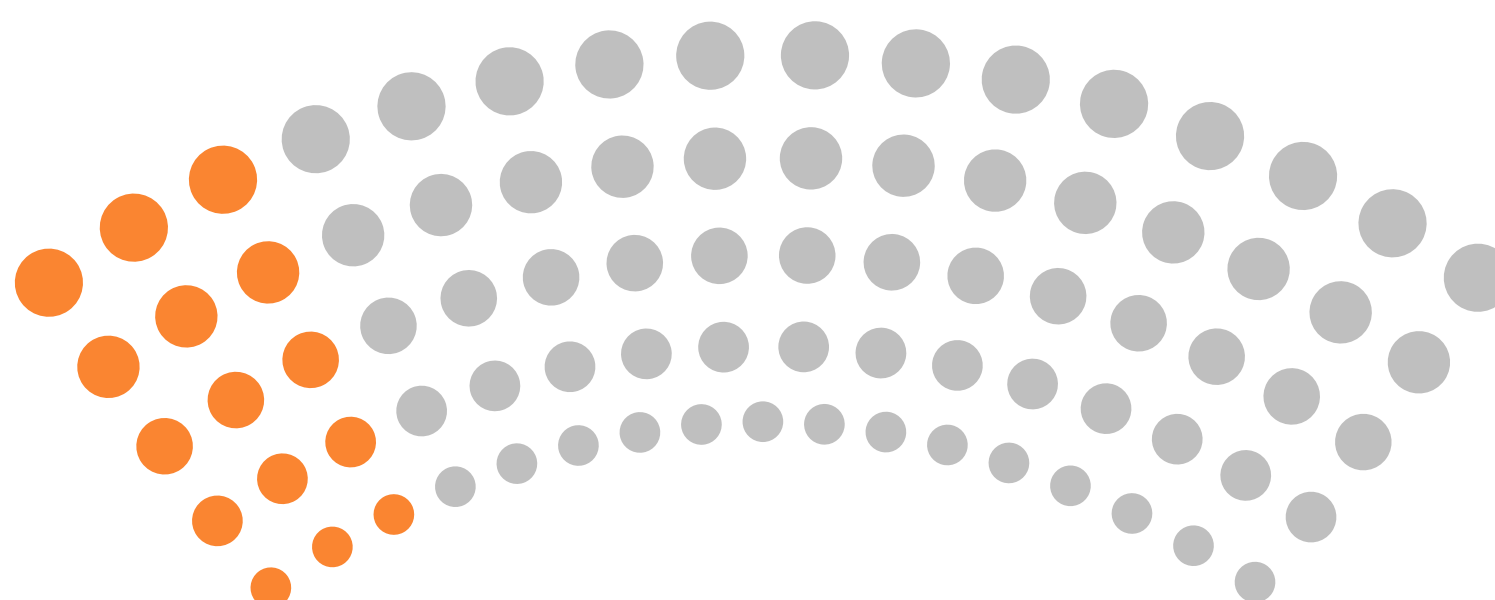
ALIANÇA DE PESO

Caso formem uma federação, União Brasil e PP criarão um colosso parlamentar e aumentarão ainda mais a margem de barganha junto ao governo Lula

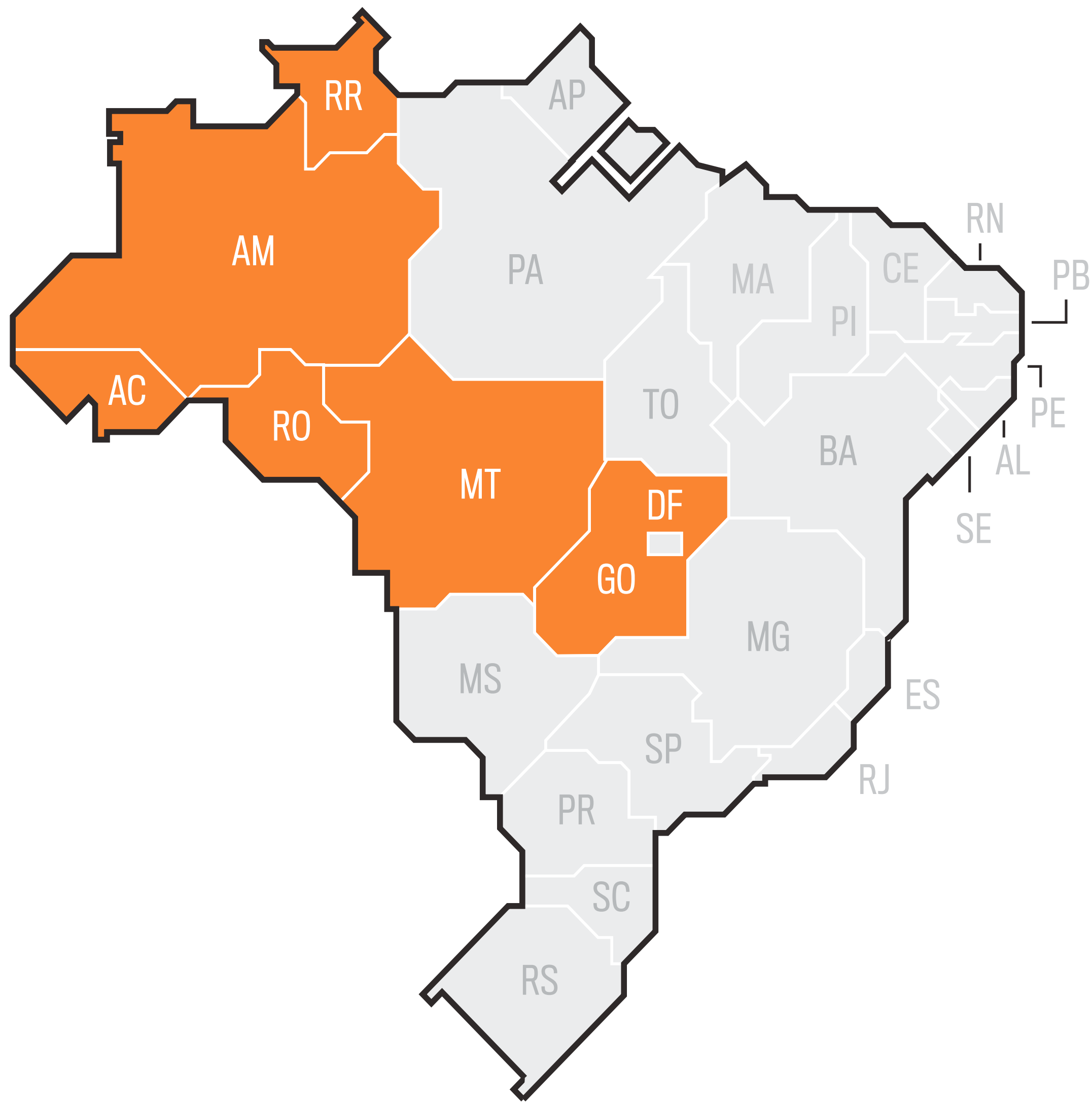
BANCADA NA CÂMARA

108 deputados

(União Brasil: 59; PP: 49)

BANCADA NO SENADO

15 senadores

(União Brasil: 9; PP: 6)

GOVERNADORES

6

(União Brasil: GO, AM, RO e MT; PP: RR e AC)

Fundo Partidário em 2023:
cerca de

210 milhões de reais

(União Brasil: 112,8 milhões; PP: 95,2 milhões)*

*Cifra projetada a partir dos valores repassados pelo TSE aos partidos em fevereiro de 2023

seus projetos. Lula reencontrou um Centrão cada vez mais unido e empoderado. Se não bastasse, o grupo hoje tem inclinações claramente liberais e conservadoras, perfil que se choca frontalmente com as convicções do petista.

De forma a tentar aplainar o terreno pantanoso onde já sabia que teria dificuldades de caminhar politicamente, o presidente procurou solidificar alianças na formação do governo "Lula 3", ao anunciar um ministério incluindo partidos de centro como PSD, MDB e União Brasil, com três pastas cada. Os primeiros passos na relação entre Executivo e Legislativo até que foram promissores, quando o Congresso aprovou a chamada PEC da Transição, que abriu espaço fiscal de 145 bilhões de reais no teto de gastos para financiar o Bolsa Família e o aumento do salário mínimo, entre outros. Mas logo surgiram sinais indicando que, para fora dos aliados de sempre à esquerda, é porosa a coalizão de siglas na Câmara e no Senado — um retrato que não favorece as ambições legislativas do Palácio do Planalto. Na manhã da segunda 6, Arthur Lira (PP-AL), criticou a articulação do governo. Para o todo-poderoso mandachuva do Centrão, reeleito em fevereiro ao comando da Casa com votação recorde, de 464 votos, o Planalto "ainda não tem uma base consistente na Câmara e no Senado". Vindo de quem veio, o alerta a Lula é eloquente.

Sob a ótica mais pragmática de alianças, o governo vem deixando pontos frouxos na tentativa de amarração política. Enquanto MDB e PSD têm dissidências, mas são consi-

JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

ALIADO? Bivar e Juscelino: com três ministérios, o União Brasil tem bancada resistente a Lula

derados pelo governo como aliados, os maiores sinais de resistência a Lula têm vindo da bancada do União Brasil, que fez o terceiro maior número de deputados nas urnas em 2022, 59, atrás apenas do PL, com 99, e o PT, com 68. O enrosco mais recente no partido foi o caso envolvendo o ministro Juscelino Filho, das Comunicações, desgastado por irregularidades no recebimento de diárias e uso de jato da FAB para ir a leilões de cavalos em São Paulo. No cai não cai de Juscelino, a bancada do União, que vinha resmungando que a nomeação dele foi feita sob influência do senador Davi Alcolumbre (União-AP) sem consulta aos deputados, decidiu abraçá-lo e pressionou pela permanência. Coincidência ou não, na tarde do mesmo dia em que

Lira fez avaliações negativas sobre a base aliada do governo, o ministro enfraquecido saiu de um encontro com Lula no Palácio do Planalto com o cargo garantido, até segunda ordem.

A permanência de Juscelino Filho no primeiro escalão do governo Lula se deu apesar de pressões públicas do PT, vocalizadas sobretudo pela presidente do partido, deputada Gleisi Hoffmann (PR), que defendia abertamente o afastamento. Lula contornou o caso para evitar esgarçar ainda mais a relação com o União, cujos votos são importantes demais para descartar neste momento. Diga-se, no entanto, que é tarefa complicada negociar com a sigla, às voltas com divisões internas desde que nasceu pela fusão de dois partidos à direita, PSL e DEM, e cujas bancadas incluem de bolsonaristas a parlamentares como o senador Sergio Moro (PR), responsável pelas condena-

ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP

NO ATAQUE Gleisi: a presidente do PT defendeu abertamente o afastamento do ministro das Comunicações

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

MISSÃO Alexandre Padilha: o ministro trabalha para azeitar articulação política do governo no Congresso

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

DIFICULDADE Lula no Congresso, ao lado de Arthur Lira e Pacheco: dúvidas sobre a real capacidade de aprovar projetos como a reforma tributária

ções que levaram Lula à cadeia. Entre governistas, há a avaliação otimista de que o episódio Juscelino pode contribuir para amainar os espíritos na bancada do União, onde a maioria se declara independente. A ver.

Se as tratativas com o saco de gatos do União Brasil já não são das mais fáceis, o poder de barganha do partido pode aumentar caso seja formalizada uma federação negociada entre União e PP, o quarto partido que mais elegeu deputados. A aliança, que geraria um super-Centrão, pode criar uma bancada de 108 deputados federais, a maior da Câmara, e quinze senadores, um senhor trunfo na mesa de negociações com um governo que espera ver andar sua

agenda econômica. As negociações, que vinham ocorrendo há mais de cinco meses, incluíram tratativas feitas em Las Vegas durante o Carnaval entre Arthur Lira, o presidente do PP, Ciro Nogueira, o vice-presidente do União Brasil, Antonio Rueda, e o líder do partido na Câmara, Elmar Nascimento (BA). Outra peça-chave na articulação é o ex-prefeito de Salvador, ACM Neto (União-BA).

Pelo desenho articulado, um partido ocuparia a presidência e a secretaria-geral da federação, enquanto o outro indicaria a vice-presidência e a tesouraria. Por ora, a ideia é que a federação seja independente diante do governo. Para evitar debandadas, discute-se um poder de veto para temas relativos a mudanças internas, como adesão à base governista, formação de coligações e lançamento de candidaturas. Por esse desenho, qualquer definição institucional teria de ter o aval das legendas. Por outro lado, negociações de ministérios diretamente com os parlamentares seguiriam acontecendo no ritmo atual. Por esse motivo, alas mais otimistas do governo vislumbram na federação uma oportunidade para trazer o PP para mais perto. "O acordo vai protagonizar a agenda política do país e dará estabilidade ao governo, porque assegura acelerar a agenda que traz o desenvolvimento de volta", diz o líder do União, Elmar Nascimento. Há, contudo, arestas a aparar. O presidente do partido Luciano Bivar resiste a dividir poder com outros caciques e existem resistências estaduais à federação, cuja regra pressu-

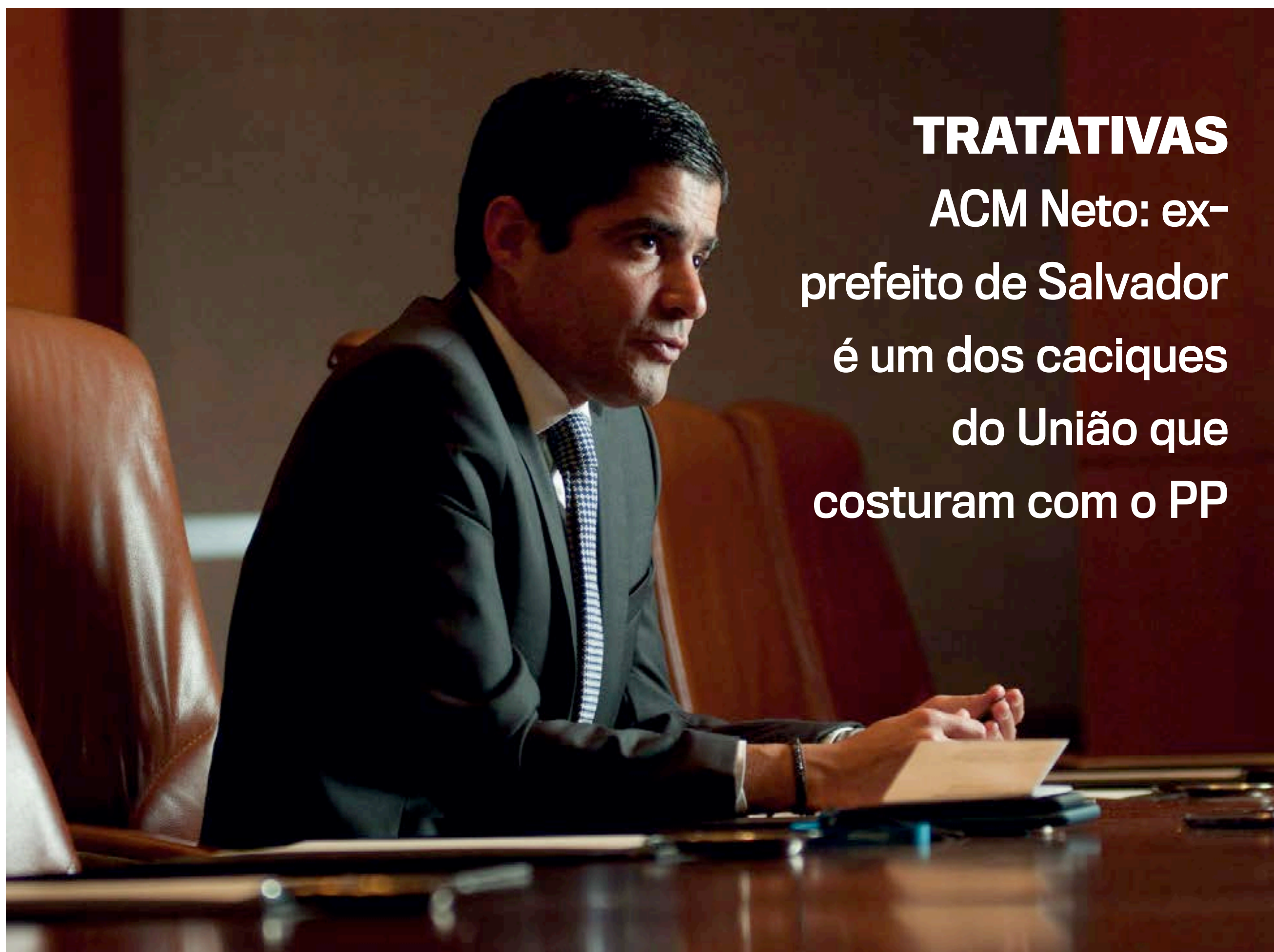
CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

INSATISFAÇÃO
Costa: o ministro da Casa Civil é criticado por demora em liberação de indicações políticas

põe que as siglas caminhem juntas por quatro anos, inclusive em eleições municipais. Parlamentares dos partidos dizem haver diferenças envolvendo políticos poderosos em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Paraná.

Independentemente do sucesso da empreitada, Lula já tem pela frente um super-Centrão. Uma complicação na relação do presidente com o grupo é que ela é bem diferente do cenário que ele encontrou em seu primeiro governo. Nas duas décadas que separam as gestões petistas, o Legislativo ganhou força e autonomia em relação ao Executivo. “Houve no governo Bolsonaro, com o orçamento secreto e outras medidas, uma redução do poder

do presidente da República, e a transferência desse poder para o Legislativo, principalmente a Câmara”, diz o sociólogo Sergio Abranches. O analista e escritor foi quem cunhou, em 1988, o conceito de “presidencialismo de coalizão”, modelo em voga até hoje e no qual, em meio à pulverização partidária, o sistema eleitoral fortalece o grupo com maioria política no Congresso, “impondo” a formação de uma coalizão que dê sustentação ao presidente. A força atual do Legislativo tem origem nas emendas impositivas — criadas como forma de se reduzir a concentração de poder do Executivo por meio da garantia da execução obrigatória das verbas destinadas por parlamentares a estados e municípios — e foi potencializada sobremaneira com o chamado orçamento secreto. Com o mecanismo, a partir de 2019, começou-se a liberação de valores do Orçamento pelo relator a pedido de parlamentares, sem a discriminação dos nomes dos beneficiados. A ferramenta era tida por Lira como moeda de troca para acordos e acabou barrada pelo STF no fim de 2022. Lula, no entanto, segue refém da estrutura política herdada e tem de sentar-se à mesa com um presidente da Câmara mais poderoso do que nunca.

Boa parte do poder de Lira é relacionada à sua habilidade política (em bom português, jogo de cintura) e também, claro, à capacidade de distribuir verbas e cargos de forma competente. Sempre que questionado sobre o orçamento secreto, diz que ele atende às “necessidades mais

TRATATIVAS ACM Neto: ex-prefeito de Salvador é um dos caciques do União que costuram com o PP

SILVIA COSTANTI/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

urgentes da população". O discurso é bem-feito, mas insuficiente para afastar a percepção de que não há um grande espírito republicano norteando parte dessas articulações. "Lira perdeu poder com o fim do orçamento secreto, e agora empreende um gesto de reconquistá-lo, criando dificuldade para Lula precisar da ajuda dele dentro da Câmara", avalia Abranches.

Recentemente, o desagrado com o governo foi sobre nomeações emperradas na Casa Civil. Em um dos casos, um indicado pelo ministro de Portos e Aeroportos, Márcio França, foi barrado por um órgão do ministério de Rui Costa. Com uma conta reprovada, ele acabou dependendo de uma liminar do TCU para poder assumir. Outra queda

de braço, esta entre Lira e o governo, deu-se na disputa pelo comando do Sebrae, órgão com orçamento bilionário e capilaridade municipal. Amigão de Lula, o ex-presidente do Sebrae Paulo Okamotto tenta a todo custo a renúncia de toda a diretoria, nomeada nos últimos dias do governo Bolsonaro. Por outro lado, dois dos três membros da cúpula tiveram anuência de Lira: o presidente Carlos Melles, ex-deputado pelo DEM, e a ex-deputada do PP Margarete Coelho. Uma reunião com conselheiros aconteceria no último dia 8, mas teve de ser adiada após a parcela governista não conseguir votos necessários.

Endurecer com o Centrão, pelo menos nas legislaturas mais recentes, não tem sido um bom negócio — basta ver o histórico do PT com o bloco. No embate mais grave, o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha deflagrou o impeachment de Dilma Rousseff. Certa inércia do governo também tem sido vista com maus olhos pelos partidos do bloco. “Alexandre Padilha está centralizando uma programação mais clara do que o governo quer, mas, no que diz respeito a reformas, até agora não se dialogou nada”, diz o deputado Danilo Forte (União-CE), citando o Ministro das Relações Institucionais. Líder da bancada do PT na Câmara, Zeca Dirceu (PR) contemporiza e diz que Lira tem atuado para colocar pautas importantes em andamento: “O governo está evoluindo na montagem da base, não apenas com a ajuda de Lira, mas com boas conversas com o Republicanos e com o próprio PP”.

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

PODER DE FOGO Cunha e Dilma: "rei" do Centrão deflagrou queda da petista

Não bastassem as dificuldades provocadas por um Legislativo mais forte e um Executivo até aqui lento, há o fogo amigo do PT mais radical, personificado pela atuação incendiária de Gleisi Hoffmann. Além de ter partido para o ataque no caso Juscelino Filho, ela tem criticado a política econômica e se posicionado ruidosamente contra a autonomia do Banco Central. Aparentemente, Gleisi tem carta branca de Lula para agir como age, pois até agora não recebeu nenhuma reprimenda — pública, pelo menos. Na avaliação de políticos nos bastidores, o "Lula paz e amor" ficou na campanha. Aquele que subiu o Palácio do Planalto no dia 1º de janeiro está se sentindo bastante confortável e empoderado. Dentro dessa percepção, Gleisi

age não apenas para agradar aos petistas, mas também serve para Lula tentar mandar recados de que não está disposto a recuar nas suas convicções ideológicas (bem atrasadas, por sinal, sobretudo no campo econômico) e que resistirá a ceder todos os anéis em troca da formação da base parlamentar.

Se Arthur Lira estiver certo sobre o fato de o governo não ter maioria para passar no Congresso assuntos mais simples, Lula terá de fazer muito esforço para reverter o quadro. Depende disso a capacidade para a aprovação da reforma tributária e do novo arcabouço fiscal, temas fundamentais para o Brasil e que podem determinar o sucesso (ou insucesso) da atual administração. É importante que a promessa de campanha de restabelecer a harmonia entre os poderes seja, de fato, cumprida. Para um país traumatizado pelas brigas dos últimos anos, com destaque para os embates frequentes de Bolsonaro contra o STF, é urgente voltar à normalidade institucional, incluindo-se aí a construção do alicerce de uma coalizão política de alto nível, em torno de valores e princípios. O Brasil precisa de paz. ■

Com reportagem de Marcela Mattos

O ENIGMA DAS ARÁBIAS

As versões desencontradas e os pontos de interrogação sobre as joias enviadas pelo governo saudita à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro

LARYSSA BORGES E **MARCELA MATTOS**

CONFUSÃO Jair Bolsonaro e o rei saudita Salman bin Abdulaziz: mistério sobre o destino dos presentes milionários

HO/SPA/AFP

ACUADO por uma grave crise de reputação, Jair Bolsonaro passou os últimos dias contando um a um os antigos auxiliares que submergiram depois da revelação de que a Receita Federal confiscou no Aeroporto de Guarulhos, em outubro de 2021, um estojo de joias avaliadas em cerca de 16 milhões de reais dado de presente pelo governo da Arábia Saudita à então primeira-dama Michelle Bolsonaro. A mercadoria estava na mochila de um assessor do então ministro de Minas e Energia, almirante Bento Albuquerque, que tentou passar pela alfândega sem declará-la às autoridades e, portanto, sem pagar os impostos devidos, o que pode configurar o crime de descaminho. Revelado pelo jornal *O Estado de S. Paulo,* o caso envolve a suspeita de que o casal Bolsonaro queria se apropriar das joias, em vez de incorporá-las ao patrimônio público, como determina a lei. Uma evidência disso é que subalternos do ex-presidente tentaram em pelo menos oito ocasiões reaver o presente milionário. A última delas ocorreu em 29 de dezembro de 2022, dois dias antes do término do mandato do capitão, e contou com a participação do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro. Não deu certo, e as investidas podem render agora a acusação de advocacia administrativa aos envolvidos.

Por determinação do ministro da Justiça, Flávio Dino, a Polícia Federal abriu inquérito para investigar o caso. Além de Jair Bolsonaro, que admitiu publicamente ter ficado com um segundo estojo presenteado pelo governo ára-

VERSÃO Estojo recebido por Bolsonaro: de acordo com a defesa, “bens de caráter personalíssimo”

be, o almirante Bento Albuquerque, que representava o governo brasileiro na viagem oficial a Riad, em 2021, é considerado peça-chave para o esclarecimento dos pontos nebulosos do enredo. O ex-ministro disse aos funcionários da Receita achar que as joias retidas eram para a primeira-dama. Achava ou tinha certeza? Como ele sabia quem era o destinatário final? Afinal de contas, Bolsonaro sabia do presente assim que ele foi oferecido pelo rei saudita? O ministro também nunca contou de quem recebeu o pacote nem se alertou o ex-presidente da apreensão ocorrida no Aeroporto de Guarulhos. Várias perguntas, aliás, continuam sem resposta e são fundamentais para a compreensão das responsabilidades. Quando Bolsonaro tomou conhecimento da ação dos fiscais? O que ele determinou em

resposta? Interlocutores do ex-presidente insistem que Bento Albuquerque não informou Bolsonaro sobre a apreensão dos presentes destinados a Michelle. A tese é controversa, já que ele próprio ganhou um estojo, com produtos da mesma marca suíça Chopard, que guardou para si.

VEJA teve acesso a um ofício enviado ao Planalto pelo Ministério de Minas e Energia dois dias depois da confusão no Aeroporto de Guarulhos. Nele, o chefe de gabinete do almirante Bento Albuquerque informa ao Departamento de Documentação Histórica do Gabinete Pessoal do Presidente da República que, no fim da viagem à Arábia Saudita, lhe foram oferecidos, "por autoridades estrangeiras", "alguns presentes" e que o ministro, na condição de "representante do presidente", não tinha como recusar ou devolver. O documento pede a indicação de um representante da Comissão de Ética Pública para analisar o caso e ressalta que "se faz necessário e imprescindível que seja dado ao acervo o destino legal adequado". O ofício não cita a apreensão do estojo com as joias. O Planalto respondeu no dia seguinte, pedindo que os presentes fossem encaminhados para decidir se eles seriam incorporados ao acervo privado do presidente ou ao acervo público da Presidência. No depoimento que vai prestar à polícia, Bento Albuquerque vai dizer que o emissário que enviou os presentes informou apenas que eles eram para o governo brasileiro. Ao ver as joias, o ministro deduziu que elas seriam destinadas à primeira-dama.

FACEBOOK @PLNACIONAL22

REPRODUÇÃO

SURPRESA
Valdemar, Michelle e as joias: "Quer dizer que eu 'tenho tudo isso' e não estava sabendo?"

Apresentando-se no eterno papel de vítima de mais uma armação do PT, o ex-presidente, até aqui, não conseguiu rechaçar a suspeita de que ficaria com o estojo apreendido pela Receita. Suas explicações, feitas por meio de seus representantes legais, são pouco convincentes e não dirimem as dúvidas sobre o episódio. "O presidente Bolsonaro, agindo dentro da lei, declarou oficialmente os bens de caráter personalíssimo recebidos em suas viagens, não existindo qualquer irregularidade em suas condutas", disse por meio de nota o advogado Frederick Wassef, que representa Bolsonaro. Não é bem assim. Para que não houvesse irregularidade de conduta, o destinatário do estojo

apreendido teria de desembolsar 12 milhões de reais para reavê-lo, entre impostos e multa. Os auxiliares do capitão preferiram pressionar funcionários públicos para ter a mercadoria de volta, mas fracassaram.

A incorporação de itens de luxo ao acervo privado de Bolsonaro, como o estojo que ele admitiu ter recebido e guardado, viola claramente uma regra do Tribunal de Contas da União (TCU) sobre o direito de ex-mandatários se apropriarem de bens recebidos ao longo do mandato. Em 2016, o TCU impôs limites ao recebimento de presentes pelos chefes do Executivo após identificar que centenas de objetos registrados no acervo da Presidência da República sob as gestões de Lula e Dilma Rousseff haviam simplesmente desaparecido. No caso dos petistas, que anos depois foram obrigados a devolver mais de 470 bens ao Erário, também havia presentes valiosos, mas nunca um mimo havia chegado à casa dos milhões de reais, como ocorre com as joias destinadas a Michelle. Embora o ex-casal presidencial não seja formalmente investigado, o episódio foi resumido por um auxiliar de Bolsonaro como de "altíssimo dano reputacional" para ambos, com efeitos mais imediatos na construção da *persona* política da ex-primeira-dama, que se preparava para estrear como dirigente do braço feminino do PL.

Confrontado com a repercussão do caso, o ex-presidente, que decidira voltar dos Estados Unidos, postergou novamente o retorno ao Brasil. Já Michelle cancelou sua participação em um evento de comemoração do Dia Interna-

MME

O PORTADOR O então ministro Bento Albuquerque: ofício enviado ao Palácio do Planalto dois dias depois da apreensão das joias

cional da Mulher (sua aparição no 8 de Março foi resumida a um vídeo institucional) e teve de lidar logo na estreia da nova carreira de dirigente partidária com acusações de que, por trás da imagem de mãe zelosa e religiosa, estariam planos para incorporar ilegalmente ao patrimônio pessoal joias do Estado brasileiro.

Diante do quadro, um gabinete de crise foi montado dentro do PL para conter danos políticos ao partido, preocupado desde já com as eleições de prefeitos no próximo ano, e orientar Michelle Bolsonaro sobre como proceder. “Quer dizer que eu ‘tenho tudo isso’ e não estava sabendo? Meu Deus! Vocês vão longe mesmo, hein?! Estou rindo da falta de cabimento dessa imprensa vexatória”, provocou ela, de forma absolutamente atabalhoada e equivocada,

nas redes sociais. Em uma tentativa de explicação ao próprio partido, não convenceu os caciques do PL ao atribuir a crise a uma suposta perseguição de jornalistas, que estariam distorcendo o fato de que a intenção dos Bolsonaro sempre teria sido a de incorporar os presentes ao patrimônio público. Na verdade, as evidências até agora mostram o contrário.

ALAN SANTOS/PR

RECEITA Cid: esforço para liberar o presente às vésperas do fim do mandato

A pancada, de fato, veio numa hora absolutamente inoportuna para a ex-primeira-dama. Uma semana antes do escândalo das joias, a cúpula do PL havia alinhavado detalhes finais sobre a futura agenda política de Michelle, que contemplava visitas a municípios de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Os quatro estados são apostas da sigla para pelo menos triplicar o número de prefeitos nas eleições de 2024. “Toda denúncia deve ser investigada com transparência e, neste caso, é preciso aguardar as apurações conduzidas pelo Ministério Público e pela Polícia Federal”, minimiza o mandachuva do PL, Valdemar Costa Neto.

Dentro do partido, porém, o clima é de apreensão, já que o clã Bolsonaro é o principal ativo da legenda. Graças ao ex-presidente, o PL elegeu a maior bancada da Câmara, com quase 100 deputados, o que lhe garante fatias generosas dos fundos partidário e eleitoral. Já Michelle Bolsonaro, além de ser uma aposta para turbinar candidaturas femininas, é considerada até um plano B para o caso de o marido ser declarado inelegível. Ela é cotada como uma concorrente ao Palácio do Planalto, e o PL reservou 1 milhão de reais por mês só para custear as atividades da ex-primeira-dama. Potencial eleitoral ela mostrou que tem. Em 2022, Michelle se engajou na campanha à reeleição de Bolsonaro, causando repercussão positiva, e trabalhou pessoalmente nas campanhas da ex-ministra Damares Alves (Republicanos-DF) ao Senado e da jornalista Amália Barros (PL-MT) para a Câmara. Ambas foram eleitas.

Ciente de seu novo status político e dos danos que o caso pode causar, Michelle tem declarado reservadamente que não sabia do presente, que o marido não lhe contou do imbróglio e que, ao tomar pé da situação, até cogitou analisar os trâmites para a devolução do estojo ao governo saudita. A amigos próximos, chegou a culpar Bento Albuquerque pela confusão. Até agora, no entanto, não tomou nenhuma atitude, a não ser submergir. Ela quer ver se a poeira baixa até o próximo dia 21, quando, com ou sem joias de marca, protagonizará um ato pensado pelo PL como sua entrada triunfal no jogo político. De todo modo, é um mau começo. ■

MURILLO DE ARAGÃO

UM GOVERNO EM FORMAÇÃO

Lula não cumpriu uma das principais promessas de campanha

EM DISCURSO proferido em outubro do ano passado, o presidente Lula prometeu uma gestão "além do PT". Apesar da evidente tentativa de ser inclusivo em termos de forças políticas, o governo não está conseguindo ser nem "petista" nem, muito menos, "além" do partido. Ainda está em formação. Estamos no terceiro mês e, de fato, o governo ainda não começou. Algumas iniciativas, como o novo Bolsa Família e o Desenrola, programa de redução de dívidas, apareceram, mas não existe até agora um governo sólido, além das narrativas. Quais as razões? Aponto algumas.

A primeira delas se refere à montagem de uma estrutura com 37 ministérios. Já seria complicado se existissem, previamente, tais posições. Agora, imagine ter de partir e repartir os ministérios do governo anterior e fazê-los funcionar. Muitos comandados por figuras sem muita experiência. A segunda razão reside no fato de aliados quererem ministérios de "porteira fechada" e resistirem ao con-

trole tecnocrático do PT. Em duas áreas o conflito está evidente: no Ministério de Minas e Energia, com a disputa por cargos no conselho da Petrobras, e no desmembramento do Ministério da Agricultura.

A terceira razão decorre da constatação — já comentada por mim — de que o jogo do poder no Brasil mudou. Não há mais um predomínio inconteste do Executivo. Temos um poder compartilhado que demanda um novo software, e isso parece não estar funcionando. Tanto que algumas agendas do governo — como a cobrança de imposto de exportação de petróleo e a volta do voto de qualidade no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), entre outras pautas — não estão encontrando apoio no Congresso. Recentemente, Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara dos Deputados, disse, em alto e bom som, que o governo não tem maioria simples para aprovar suas propostas.

“O governo não está conseguindo ser nem “petista” nem, muito menos, ‘além’ do partido”

Nesse sentido, vale lembrar que Lula orientou seus ministros sobre a prevalência do Congresso. No início de janeiro, ele disse que o governo depende do Parlamento para dar certo e que cada ministro deve ter a grandeza de atender bem os deputados e senadores. As votações futuras vão indicar se isso está ocorrendo. Quais as consequências do que aponto? A mais relevante delas é que viveremos tempos de disputas políticas crescentes dentro do Poder Executivo e entre o governo e o Congresso.

Enquanto o governo não estiver claramente formatado, a disputa prosseguirá correndo solta pela Esplanada. A segunda consequência é que, enquanto o governo não funcionar de verdade, as narrativas ocuparão os espaços midiáticos. Nesse quesito, Lula vem levando vantagem. Sua avaliação positiva é elevada, próxima dos 50%, o que representa uma espécie de colchão para os tempos difíceis que podem surgir na economia. A fórmula, porém, não pode ser levada muito longe. O governo precisa se organizar, definir prioridades, consolidar sua base de apoio, ser mais inclusivo com os aliados "não petistas" e emitir sinais de previsibilidade para os agentes econômicos. Nas próximas semanas, o Congresso estará discutindo temas de imensa relevância. A consistência da base parlamentar será testada de verdade, assim como a dimensão do atual ministério e sua capacidade de ação política. ■

JOGO LEGAL

Como o Ministério da Fazenda estuda regularizar o setor de apostas esportivas, que geram bilhões de reais às empresas e zero em impostos aos cofres públicos **SÉRGIO QUINTELLA**

SERGEY NIVENS/DEPOSITPHOTOS/ FOTOARENA

COM UM CELULAR na mão, um palpite na cabeça e um dinheiro na conta, qualquer pessoa hoje no Brasil consegue fazer uma aposta esportiva on-line. Do tradicional futebol (incluindo feminino, divisões menores e torneios juvenis do mundo todo) ao jogo de dardos, passando por tênis de mesa, badminton e até os e-sports, entre outras dezenas de modalidades, o segmento movimenta bilhões de reais no país, mas nenhum centavo de impostos chega aos cofres públicos. Existe um desejo antigo das empresas sérias do setor em regulamentar o negócio, o que inclui arcar com os compromissos fiscais, algo naturalmente visto com bons olhos há tempos pelo governo federal, dentro de seu permanente sufoco diante do caixa apertado. Mesmo assim, a bola ficou parada no meio do campo por muito tempo.

Agora, finalmente, o jogo legal está prestes a começar. Autorizada por força de uma lei em dezembro de 2018, no final da gestão de Michel Temer, a chamada aposta por cota fixa passou os quatro anos do governo de Jair Bolsonaro rodando em círculos no campo das negociações à espera das regras e normas que balizassem o setor. Sob novo comando, o Ministério da Fazenda abraçou a ideia da regulamentação e seu ministro, Fernando Haddad, deu um prazo de até o fim de março para que uma medida provisória seja editada e comece a colocar ordem na situação.

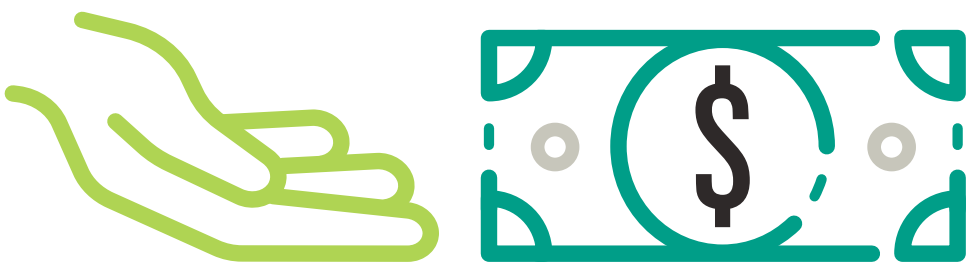
Nas últimas semanas, o time de Haddad vem se debruçando sobre o arcabouço da MP e das sucessivas portarias que serão emitidas enquanto a norma principal tramitar no

Congresso Nacional. O modelo definido será o de outorga, ou seja, quem quiser operar no Brasil deverá pagar uma taxa, por volta de 30 milhões de reais (ante 22 milhões de reais aventado pelo governo Bolsonaro), válida a princípio por cinco anos, mas podendo ser maior, com majoração do pagamento inicial. "O valor da outorga não é problema para quem quer trabalhar. Mas o mercado pede pelo menos dez anos de

RODADA DE DADOS

Alguns dos números principais e estimativas do mercado no país

3 bilhões de reais

Volume anual de impostos que podem ser arrecadados com a legalização

20 bilhões de reais

Estimativa do montante em apostas que será movimentado em 2023 no país. Em 2018, a cifra era de 2 bilhões

prazo", afirma André Feldman, presidente da recém-criada Associação Nacional de Jogos e Loterias. A Fazenda também estuda a forma de tributação. Enquanto as empresas de apostas estarão sujeitas à taxação convencional, de acordo com o faturamento, os apostadores também deverão recolher tributos. A alíquota ainda não está fechada, mas vai variar entre 10% e 20% do prêmio, sem nenhuma faixa de isenção.

1000

Número de sites de apostas que atuam por aqui

18

Quantidade de times da Série A do Brasileirão que recebem patrocínio de empresas do setor — ou seja, apenas dois clubes da competição ainda não têm acordos do tipo

Com a determinação de pagamento da outorga e de algumas obrigatoriedades, como capital mínimo e a necessidade de representações físicas e fixas no país, a expectativa do governo é que entre setenta e 100 empresas permaneçam no mercado nacional, número que equivale, no máximo, a 10% dos sites de apostas que atuam por aqui, a maior parte com endereços fora do país e muitas em paraísos fiscais. Uma dessas é a Galera Bet, sediada em Curaçao, no Caribe. Sem nenhuma sala de escritório no país, a empresa desembarcou há pouco mais de um ano e possui mais de 2,5 milhões de usuários cadastrados em sua plataforma. "Aqui no Brasil atuamos sob um limbo jurídico, com constante preocupa-

MANFRED BINDER/GEPA/ZUMA

NA CADEIA Sizikova em Roland Garros: fraude em partida de duplas

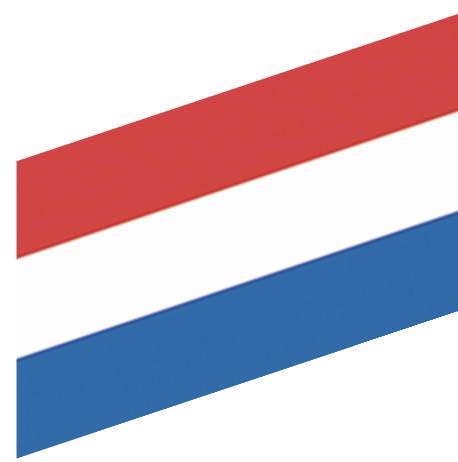
AS REGRAS NO EXTERIOR

Exemplos de países que regulamentaram as apostas on-line

ESTADOS UNIDOS

Em 2018, a Suprema Corte americana derrubou uma lei que proibia apostas esportivas no país, deixando para cada estado deliberar sobre o tema. Há legislação federal que exige controle de entrada e saída de dinheiro, feito pelas instituições financeiras

PORTUGAL

O país aprovou o Regime Jurídico dos Jogos e Apostas Online, o RJO, em 2015, mas imposto de até 16% para as empresas foi considerado alto e afugentou companhias estrangeiras, abrindo caminho para sites clandestinos

HOLANDA

Desde 2021 o país possui legislação específica sobre apostas esportivas, com imposto sobre o lucro bruto estipulado em 29%. Lei prevê monitoramento de todas as apostas

ARGENTINA

O país criou em 2016 lei que estabelece imposto indireto de 2% sobre apostas esportivas, cuja alíquota foi aumentada no ano passado, podendo chegar a 15%

ção de questões tributárias e legais, e optamos por operar onde temos segurança jurídica", afirma Marcos Sabiá, CEO da empresa, que estampa suas marcas no Campeonato Brasileiro e nos jogos da Confederação Brasileira de Basquete. "Quando houver a regulamentação, nossa empresa terá representante legal e estrutura no país."

CESARE PURINI/MONDADORI PORTFOLIO/GETTY IMAGES

REBAIXAMENTO A Juventus, um dos times mais tradicionais da Itália: punida em 2006 por manipulação de resultados

Já está mais do que na hora de regulamentar um negócio que vem se expandindo de forma exponencial. Em 2018, o faturamento do setor foi de cerca de 2 bilhões de reais. Quatro anos depois, pulou para 15 bilhões de reais e as projeções sempre apontam para cima *(veja mais números no quadro na pág. 33)*. O que também aumentou foram as cotas de patrocínios. Em 2021, o Flamengo fechou um contrato de exposição da marca da Pixbet na parte de cima de sua camisa por 24 milhões de reais por ano. No São Paulo, a Sportsbet.io desembolsa 29 milhões de reais anuais pela cota master de propaganda no uniforme.

Na elaboração da medida provisória necessária para colocar ordem no jogo, a equipe de Haddad tem se espelhado em exemplos de outras nações que estão mais avançados no tema. Países como Dinamarca e Suécia inspiram o Brasil em uma regulamentação que não gere monopólio, mas que impeça a entrada de companhias sem fôlego financeiro para arcar com todos os custos do negócio. O governo ainda vai receber dos Estados Unidos ajuda em tecnologia para resolver questões de geolocalização dos apostadores, de forma a coibir entrada de operadores piratas e combater fraudes em apostas estaduais (cada estado também poderá operar no mercado on-line).

REPRODUÇÃO

DEU ZEBRA Divulgação dos jogos da Loteca: escândalo milionário nos anos 80

A fiscalização do negócio segue sendo um desafio aqui e lá fora. Para o sistema funcionar a contento, é importante "combinar com os russos", fechando cada vez mais o cerco contra as fraudes. Apesar dos esforços já feitos pelas autoridades, a multiplicação de casos cresce quase na mesma proporção do bolo das apostas. Um dos casos mais famosos no

exterior envolveu a tenista russa Yana Sizikova. Em 2021, ela foi presa em Paris sob a acusação de perder de propósito um jogo no torneiro de Roland Garros. Quinze anos antes, a Juventus, da Itália, acabou sendo rebaixada após a descoberta de um esquema de manipulação de resultados. No Brasil, em 2005, a "máfia do apito", revelada por VEJA e pelo jornalista André Rizek, levou para a cadeia o ex-árbitro Edílson Pereira de Carvalho. Nos anos 80, ficou célebre a denúncia da revista PLACAR a respeito de mutretas ocorridas em jogos do campeonato nacional escalados para a antiga loteca. Deu zebra, como se dizia antigamente.

Atualmente, a Polícia Civil paulista investiga doze casos de suspeitas de tentativas de fraudes, todos em jogos de divisões menores. Em Goiás, o Ministério Público também apura irregularidades em três partidas da Série B do Brasileirão de 2022. Esses episódios levaram o deputado federal Felipe Carreras (PSB-PB) a propor a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o assunto. "Não podemos ficar assistindo e não fazer nada", justifica ele. A ideia, no entanto, encontra resistência na ala econômica do governo, que não quer o barulho político de uma CPI justamente agora, às vésperas do esforço final para a legalização do setor de apostas on-line. Além disso, com empresas devidamente regulamentadas por aqui, a fiscalização do setor tende a ser muito mais efetiva, incluindo as reais chances de punição. Não custa nada mesmo o país apostar no bom senso. ■

QUEM MANDA AQUI?

A estatal responsável pelo estoques reguladores de alimentos passa pela insólita situação de ter dois presidentes no comando: um de fato e outro de direito **LEONARDO VARGAS**

CRITÉRIOS Conab: regras estabelecem que o chefe precisa de pós-graduação, experiência e quarentena política

CONAB

A COMPANHIA Nacional de Abastecimento (Conab) é uma empresa pública estratégica. Tecnicamente, é responsável por manter estoques de alimentos que são usados para regular o mercado, garantir o suprimento da população e o equilíbrio do setor. Politicamente, é considerada como um braço para atender às correntes mais à esquerda do PT, especialmente de movimentos como o MST. Em razão de sua atividade, também é vista como um poderoso instrumento a ser usado para mitigar a resistência dos grandes empresários do agronegócio em relação ao governo. Pois a Conab vive hoje uma situação insólita. Formalmente, ela tem um presidente aprovado pelo conselho de administração, como determina o estatuto, e em pleno exercício de suas funções. Na prática, quem dá as ordens é outra pessoa. Desde o início de janeiro, a empresa é comandada pelo ex-deputado Edegar Pretto, que fala com diretores, discute projetos e participa de viagens oficiais, embora formalmente ele não possa sequer comprar 1 quilo de feijão nem pisar na sede da empresa sem uma autorização especial.

O duplo comando da Conab se explica na pressa do Planalto em colocar apaniguados em cargos considerados sensíveis, sem observar as regras. O atual presidente da estatal, o agrônomo Guilherme Ribeiro, é remanescente do governo anterior. Para trocá-lo, é necessário que o conselho de administração da empresa aprove o nome do substituto, mas não só. O estatuto da companhia estabelece algumas exigências que devem ser observadas pelo postulante ao cargo. Exige,

ANTONIO MARIANO/FAMECOS/PUCRS

DE FATO Pretto: reuniões e viagens antes de assumir formalmente o cargo

por exemplo, que o candidato tenha pós-graduação em uma área afim ou cinco anos em cargo de chefia em uma companhia de grande porte. Para evitar o aparelhamento político, a lei das estatais ainda estabelece que o indicado não pode ter exercido funções de direção em partido ou participado de campanhas eleitorais nos últimos três anos.

Aí reside o ponto fulcral do problema. O petista Edegar Pretto disputou o governo do Rio Grande do Sul nas últimas eleições, não tem pós-graduação e nunca chefiou uma grande empresa. Em tese, portanto, estaria impedido de assumir a presidência da Conab. Suas credenciais são outras. Filho de agricultores, o pai dele, Adão Pretto, foi um dos fundadores do notório Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

DE DIREITO Ribeiro: remanescente do governo anterior espera a destituição

Terra. Na montagem do governo, Lula havia reservado um posto de maior destaque para o ex-deputado. Ele era o primeiro nome da lista de cotados para assumir o Ministério do Desenvolvimento Agrário. As negociações do Planalto com o Congresso, no entanto, acabaram inviabilizando o plano. Para abrigá-lo em algum posto relevante no novo governo e ao mesmo tempo para não desagradar o MST, a alternativa foi a Conab — e instalou-se a confusão administrativa que já dura dois meses.

Os dois presidentes da Conab mantêm rotinas paralelas. Dias atrás, por exemplo, enquanto Guilherme Ribeiro estava reunido com sua diretoria alinhavando os detalhes do anúncio do balanço da empresa, Pretto visitava a cidade de Hulha

Negra (RS), participando como "presidente da Conab" de um evento que discutia os problemas causados pela estiagem na região. Essa anomalia tem servido para alimentar disputas regionais. Na segunda-feira 6, o Partido Novo pediu ao Ministério Público a instauração de um processo criminal para apurar a prática de um suposto crime de usurpação de função pública. "Uma pessoa que não está ainda investida do cargo não pode falar pela companhia. Ele está fazendo uso político de um cargo que ainda nem é seu", diz o deputado Marcel van Hattem (Novo-RS). O partido também pediu que a investigação seja estendida ao ministro Paulo Teixeira, chefe do Desenvolvimento Agrário.

A VEJA, Edegar Pretto disse que a confirmação de seu nome no cargo deve acontecer em breve e que não vê problema algum em discutir antecipadamente questões com as quais vai lidar como presidente da Conab. Ele afirma que esteve na sede da empresa em Brasília apenas para conhecer o futuro local de trabalho e, quando precisa, despacha numa sala cedida pelo Incra, outro órgão do governo. "Eu sou do setor e tenho uma estreita relação com as representações que esperam uma atenção da minha parte. Não existe confusão nenhuma. No caso da viagem ao Rio Grande do Sul, eu estava acompanhando o ministro Paulo Teixeira, que me apresentou como indicado, e não como presidente", explicou. O ex-deputado só não explicou como ele, o PT e o governo pretendem transpor as exigências que o impedem de assumir o cargo. Em princípio, só na hipótese de se aplicar um desconcertante drible na lei — ou remendá-la. ■

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Depois de identificar traficante preso contratado como assessor legislativo, Ministério Público investiga interferência do crime organizado nas eleições no Piauí

HUGO MARQUES

SEM EXPLICAÇÃO Georgiano Neto: o deputado requisitou a nomeação do criminoso para "trabalhar" em seu gabinete

INSTAGRAM @ASSEMBLEIAPIAUI

O CÓDIGO de Processo Penal prevê a concessão de certos benefícios para criminosos que tenham bom comportamento e já cumpriram parte de suas penas — o de trabalhar fora da cadeia, por exemplo. Ramon Santiago Matos Nascimento está detido desde novembro do ano passado numa penitenciária no município de Altos, no Piauí, distante 40 quilômetros da capital. Segundo a polícia, ele é membro ativo de uma quadrilha de traficantes de cocaína. Cuidava da logística do transporte e do armazenamento da droga importada da Bolívia e distribuída no estado. Os investigadores bloquearam 30 milhões de reais encontrados em contas bancárias mantidas pelo grupo, apreenderam carros importados e confiscaram imóveis de luxo. Ramon foi denunciado pelo Ministério Público por tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e associação criminosa. Se condenado, pode pegar até 38 anos de prisão. Em tese, se atendesse aos requisitos da lei, na melhor das hipóteses só poderia deixar a cadeia para trabalhar daqui a no mínimo dois anos. Em tese.

FACEBOOK @TATIANA.SANTANAGOMES.7

NA CADEIA Ramon Santiago: salário de 9 000 e expediente na penitenciária

ROBERTA ALINE/MDS

PODER Júlio César e a senadora Jussara, com Wellington Dias: família influente

No início de fevereiro, porém, apenas dois meses depois de ser preso, ele já estava trabalhando fora. O traficante foi contratado pela Assembleia Legislativa do Piauí, exercia a função de assessor parlamentar, ganhava 9 000 reais de salário e cumpria expediente. Consta, inclusive, que ele assinava a folha de ponto, como qualquer um dos 3 500 funcionários que ocupam cargos de comissão na instituição. Ramon, é óbvio, nunca deixou sua cela, não deu expediente algum nesse período, mas recebeu os vencimentos. As autoridades ainda não sabem explicar exatamente como isso aconteceu, mas dizem que o caso é um exemplo do nível de infiltração do crime organizado na política do estado. O traficante foi nomeado pelo presidente da Assembleia,

deputado Franzé Silva (PT), a pedido do deputado Georgiano Neto (MDB). PT e MDB formam uma aliança política que governa o Piauí há três décadas.

A polícia descobriu que Ramon já havia ocupado a função de assessor da Assembleia também antes de ser preso, lotado no gabinete de outro deputado emedebista. De julho a dezembro de 2022 (lembrando que ele foi preso em novembro), ele recebeu ao todo 63 000 reais em vencimentos. O caso, no início, parecia uma daquelas típicas patacoadas paroquiais. Durante a investigação, no entanto, foram colhidos indícios de que a quadrilha pode ter ajudado a financiar certas campanhas políticas e usado dinheiro das drogas para comprar votos para alguns parlamentares nas eleições passadas. O Ministério Público não revela os detalhes, mas confirma que outras ações estão em curso.

THIAGO RIBEIRO LIMA AMARAL/ALEPI

A PEDIDO Franzé Silva: petista assinou portaria com data retroativa

Georgiano Neto é de uma família tradicional de políticos do Piauí. O pai é o deputado federal Júlio César (PSD). A mãe é a senadora Jussara Lima (PSD), que assumiu a cadeira no Congresso em fevereiro como suplente do ex-go-

vernador Wellington Dias (PT), ministro do Desenvolvimento Social do governo Lula. O Ministério Público denunciou onze pessoas por envolvimento com a quadrilha. Paralelamente foi aberta uma investigação específica para apurar as circunstâncias em que se deram as duas contratações de Ramon Santiago e eventuais laços dos criminosos com os políticos locais. Em sua última passagem pela Assembleia, o traficante, já preso, foi contratado com data retroativa a 1º de janeiro, exonerado quarenta dias depois e ainda tentou, sem sucesso, devolver o salário. Procurado, o deputado não quis se pronunciar. O presidente da Assembleia também não.

De fato, os narcotraficantes piauienses tinham acesso a gabinetes poderosos do estado. Em 2021, por exemplo, o então governador Wellington Dias recebeu o corretor de imóveis Ítalo Freire Soares em uma audiência no Palácio Karnak. O encontro, segundo o “empresário” postou em suas redes sociais, foi para discutir o “fortalecimento do empreendedorismo”. Ítalo, como ficou posteriormente comprovado, pertence ao mesmo grupo criminoso de Ramon Santiago. Ele é apontado como o operador financeiro do esquema, responsável pelo fluxo de caixa relativo à compra e venda de cocaína. Wellington Dias, evidentemente, não tinha como saber das atividades clandestinas do visitante e até posou para uma foto ao lado dele. Nesse dia, esqueceu-se de uma das máximas mais complexas da política: nem sempre a proximidade entre poder público e empresários de sucesso repentino faz bem. ■

O PIX VIROU ALVO

Quadrilhas de cibercriminosos se especializam cada vez mais e criam novos golpes para atacar a popular ferramenta de transferência bancária

BRUNO CANIATO E **VICTORIA BECHARA**

LADRÃO DIGITAL Malware: o vírus entra no celular por links suspeitos para desviar transações financeiras

ISTOCK/GETTY IMAGES

EM MAIS UMA estatística vexaminosa, o Brasil se tornou um dos terrenos mais férteis do mundo para a proliferação de cibercrimes, como são conhecidas as atividades ilícitas e fraudes praticadas pela internet. Um estudo realizado pela empresa de segurança Kaspersky na América Latina mostra o país no topo do ranking de ataques de malwares, vírus criados para violar computadores ou celulares. Um dos alvos principais do momento são as movimentações feitas por Pix. Trata-se de um efeito colateral do sucesso da ferramenta. O volume mensal de transações utilizando o aplicativo saltou de 410 672 reais em abril de 2021 para 2,4 milhões em dezembro de 2022.

Desde o fim do ano passado alguns usuários do Pix começaram a estranhar um comportamento incomum da ferramenta. No grupo de vítimas, há clientes de instituições como Bradesco, Itaú e Nubank, entre outras. Depois que os especialistas em tecnologia entraram em campo, descobriu-se que a anomalia era provocada pelo malware BrasDex, criado especialmente para agir em transações por Pix. Ele acaba sendo instalado no sistema Android do celular após o usuário clicar em mensagens ou links suspeitos. Em seguida, atua de forma escondida na tela para mudar o valor e o destinatário da transferência. Os devidos alertas foram emitidos para inibir a proliferação do malware e a situação está hoje sob controle, garantem autoridades. “Apesar dos problemas recentes, o Pix continua sendo uma ferramenta segura”, diz o delegado Thiago Chinellato, titular da 4ª Divisão de Crimes Cibernéticos da Polícia Civil de São Paulo.

O investimento dos bandidos na criação de malwares como o BrasDex é uma prova de que o cibercrime mudou de patamar no país. Há tempos os golpes on-line deixaram de ser um negócio praticado apenas por hackers solitários. Quadrilhas especializadas nesse tipo de fraude entraram de forma pesada no mercado e estão mais organizadas e preparadas, o que torna o combate aos crimes cada vez mais difícil. Na última terça-feira, 7, a Polícia Civil de Mato Grosso cumpriu 54 mandados de prisão preventiva e 43 de busca e apreensão contra uma organização criminosa que aplicava golpes vir-

POLÍCIA CIVIL MT

OPERAÇÃO Ação em Mato Grosso: bandidos atuavam em treze estados

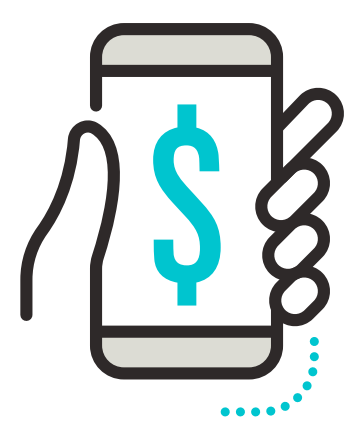
tuais em pelo menos treze estados. “O cibercrime evoluiu muito, de modo a ser considerado uma parte do crime organizado em uma escala mundial”, explica Cláudio Dodt, especialista em cibersegurança e proteção de dados e sócio da Daryus Consultoria. Autoridades de São Paulo afirmam que o cibercrime está se tornando um braço de atividade do Primeiro Comando da Capital, o PCC.

Com a entrada no circuito de criminosos com maior poder de fogo, as novas tecnologias são transformadas rapidamente em novas armas a serviço deles. Ferramentas de inteligência

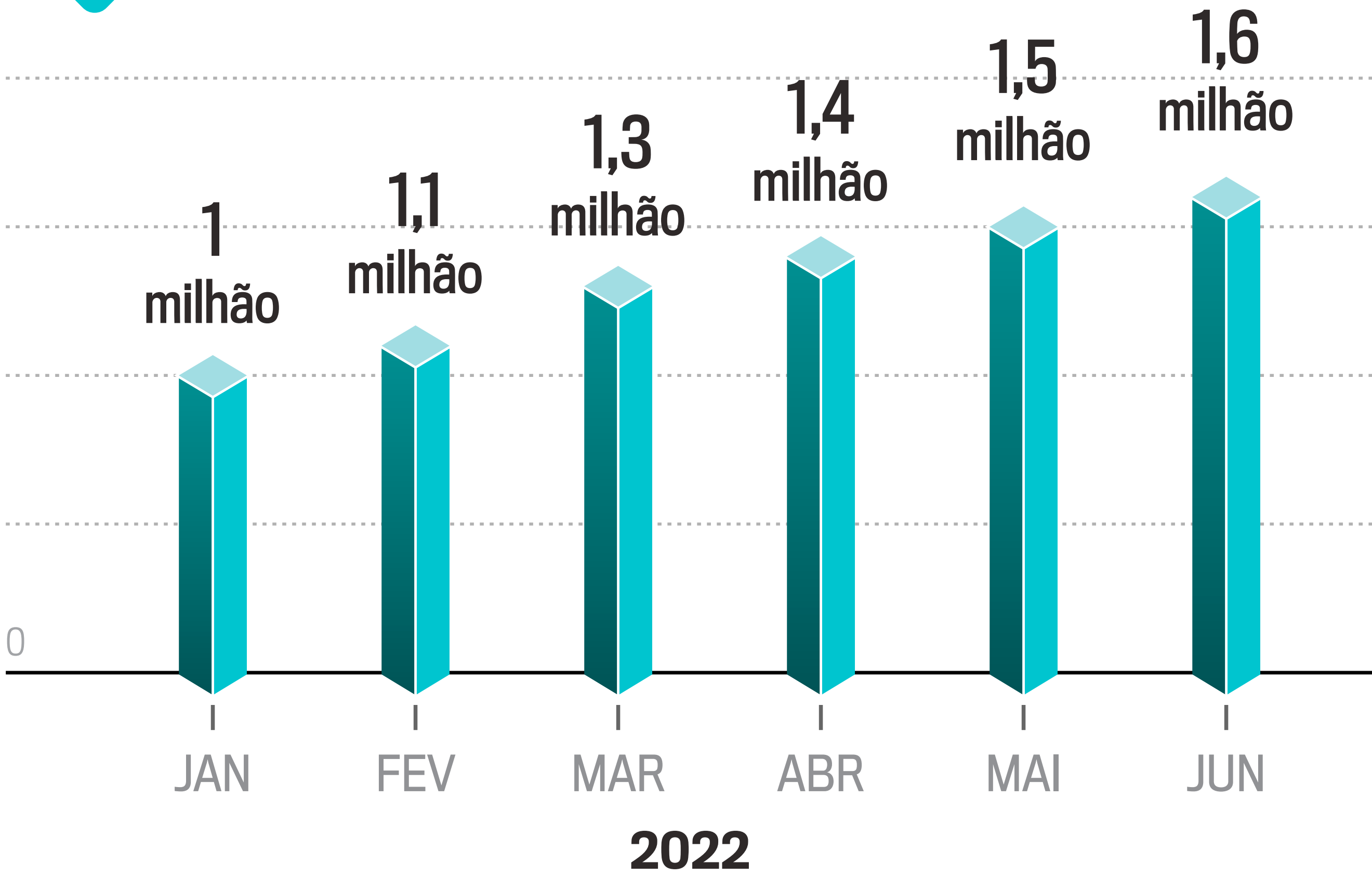
GOVERNO DO DO ESTADO DE SÃO PAULO

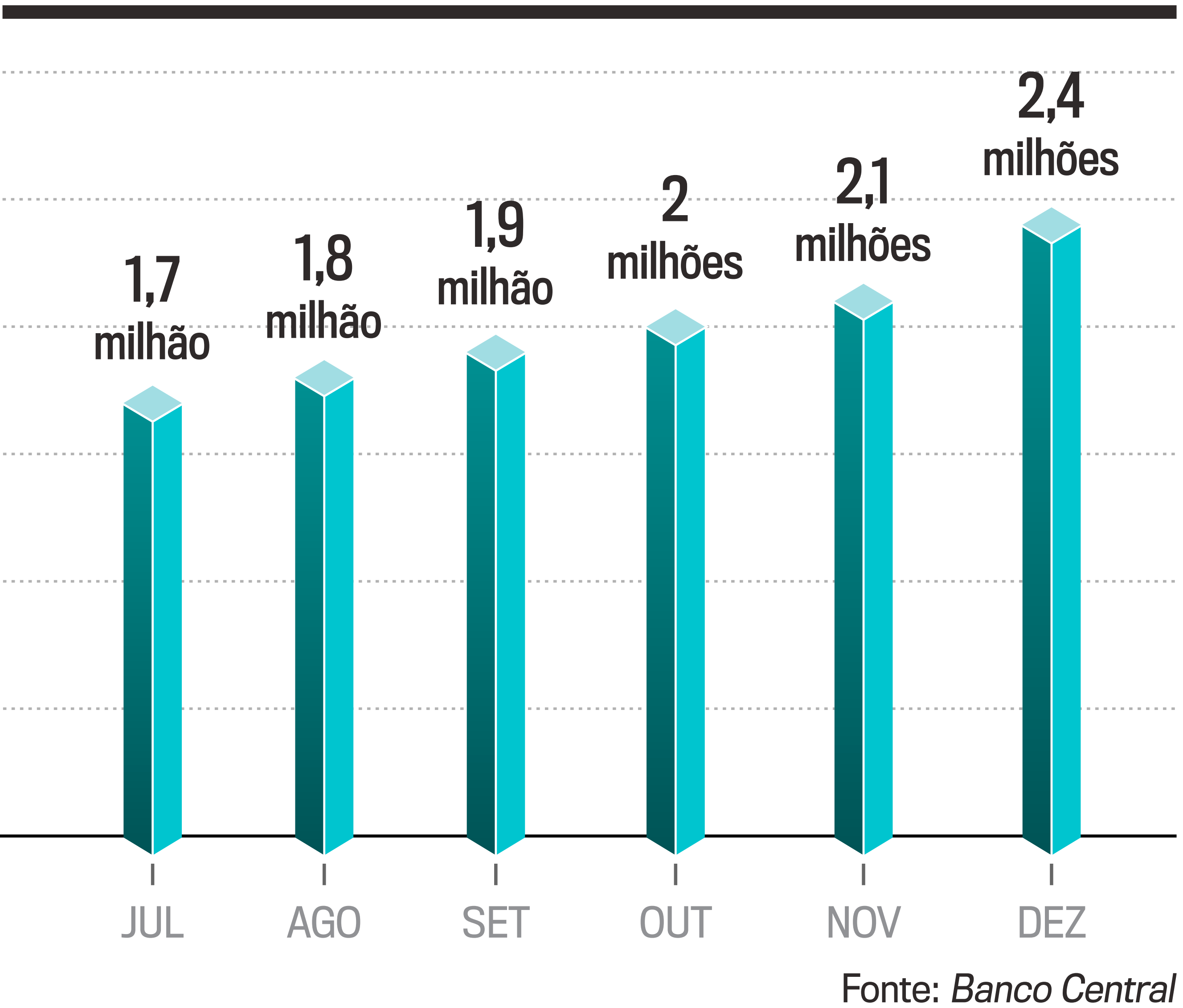
COMBATE Delegacia em São Paulo: necessidade de mais investimentos

artificial como o ChatGPT já estão sendo usadas por golpistas para criar códigos maliciosos ou para aprimorar os golpes. "O ChatGPT virou ferramenta para melhorar a credibilidade do discurso, escrever textos sem erros ortográficos e até para construir novas ameaças", diz Gustavo Monteiro, diretor do AllowMe, empresa especializada em segurança digital.

Para as vítimas, o cenário atual é um tanto quanto desolador, já que os bancos não são considerados responsáveis pelos golpes e as plataformas digitais se eximem da culpa. Segundo a advogada Elaine Keller, especialista em direito

FONTE DE COBIÇA

A explosão do volume de transações colocou a ferramenta digital no radar dos bandidos

TRANSAÇÕES MENSAIS POR PIX

digital, uma situação frequente é "ganhar, mas não levar" — a Justiça reconhece o direito da vítima à indenização, mas não os responsáveis por indenizá-la. "O grande desafio hoje é a produção de provas digitais", explica Elaine. "Os casos acabam virando estatísticas e sendo usados como agenda para o debate público e privado." Enquanto a polícia não estiver aparelhada à altura para fazer frente aos avanços dos cibercriminosos, os usuários correm o risco de ficar reféns das quadrilhas especializadas. Por isso, mais do que nunca, vale redobrar a atenção na hora de fazer operações bancárias pela internet e evitar correr atrás da primeira oferta tentadora que aparecer na tela do celular. ■

Fonte: *Banco Central*

A ORIGEM DO PROBLEMA

Deficitária e com dificuldades de caixa, empresa de comércio digital oferece pistas sobre a evolução da crise nas Americanas

CARLOS EDUARDO VALIM

MISTURA EXPLOSIVA Loja da rede física da empresa: revelação das inconsistências contábeis depois da integração com a B2W

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

Em meio ao furacão que envolveu a varejista Americanas, alguns episódios continuam a ser revisitados como a cena decisiva de um filme policial, em busca de pistas e sinais que permitam a compreensão de como um escândalo de proporções tão gigantescas eclodiu sem que ninguém percebesse o que estava por vir. Um desses momentos é um pronunciamento em que Sergio Rial, o fugaz presidente da varejista, fez no dia 12 de janeiro em uma reunião virtual. No dia anterior, ele havia deixado o posto após identificar "inconsistências contábeis" no balanço da companhia, em um rombo então avaliado em 20 bilhões de reais. Em seu discurso para cerca de 1 000 investidores reunidos em uma *live,* Rial referiu-se ao uso excessivo do risco sacado, mecanismo pelo qual a empresa se valia dos recursos destinados aos pagamentos de fornecedores para se financiar. "Esse financiamento está diretamente relacionado ao incremento de vendas. Você incrementa as vendas, principalmente no digital, você precisa comprar mais produtos. Então, para isso, você precisa de capital de giro para fazê-lo", declarou Rial. De fato, especialistas do setor e pessoas familiarizadas com os números da empresa apontaram a VEJA que a origem do problema da Americanas está exatamente na forma que a operação digital de empresa, a B2W, se valeu do risco sacado para a tomada excessiva de crédito junto a bancos e fazer o fluxo de caixa rodar.

LUIS USHIROBIRA

CAIXA VAZIO Centro de distribuição do Submarino na época da fusão: operação excessivamente alavancada

Para entender como essa dinâmica foi engendrada, é importante conhecer o histórico da operação. A B2W nasceu em 2006, com a fusão entre as plataformas de comércio digital Americanas.com e Submarino, combinação que criava a maior empresa do segmento no Brasil. Apenas em 2021, o negócio foi integrado com a Lojas Americanas, responsável pelas operações da rede de lojas físicas — apesar de terem acionistas controladores em comum, com o trio de bilionários Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e

Carlos Alberto Sicupira. Ainda que separadas, as empresas física e on-line também dividiam a atenção do executivo Miguel Gutierrez, presidente da operação baseada nas lojas convencionais e membro do conselho de administração da companhia focada na internet.

Em sua existência como companhia independente, a B2W sangrou recursos e poucas vezes deu lucro. O seu último lucro líquido anual reportado aconteceu em 2010. Desde então, apenas queimou caixa para continuar operando e chegou a receber sucessivos aportes bilionários dos controladores, associados a vultosos empréstimos bancários, realizados em média a cada dois anos. "A empresa chegou muito próximo de quebrar umas quatro vezes e isso só não aconteceu oficialmente por conta dos aportes de capital dos acionistas", comenta um especialista de mercado que preferiu não se identificar. "É normal uma empresa receber aportes para investir ou fazer aquisições. Mas ela consumia o dinheiro para operar. Já a operação das Lojas Americanas, da rede física, era um pouco mais redonda." Apesar dos problemas financeiros, a B2W sempre contou com crédito farto na praça, devido principalmente à reputação de seus acionistas principais. "Ela era uma empresa de pai rico, que vinha em socorro sempre que precisasse, e com isso continuava tomando empréstimos", explicou a VEJA uma fonte próxima da operação.

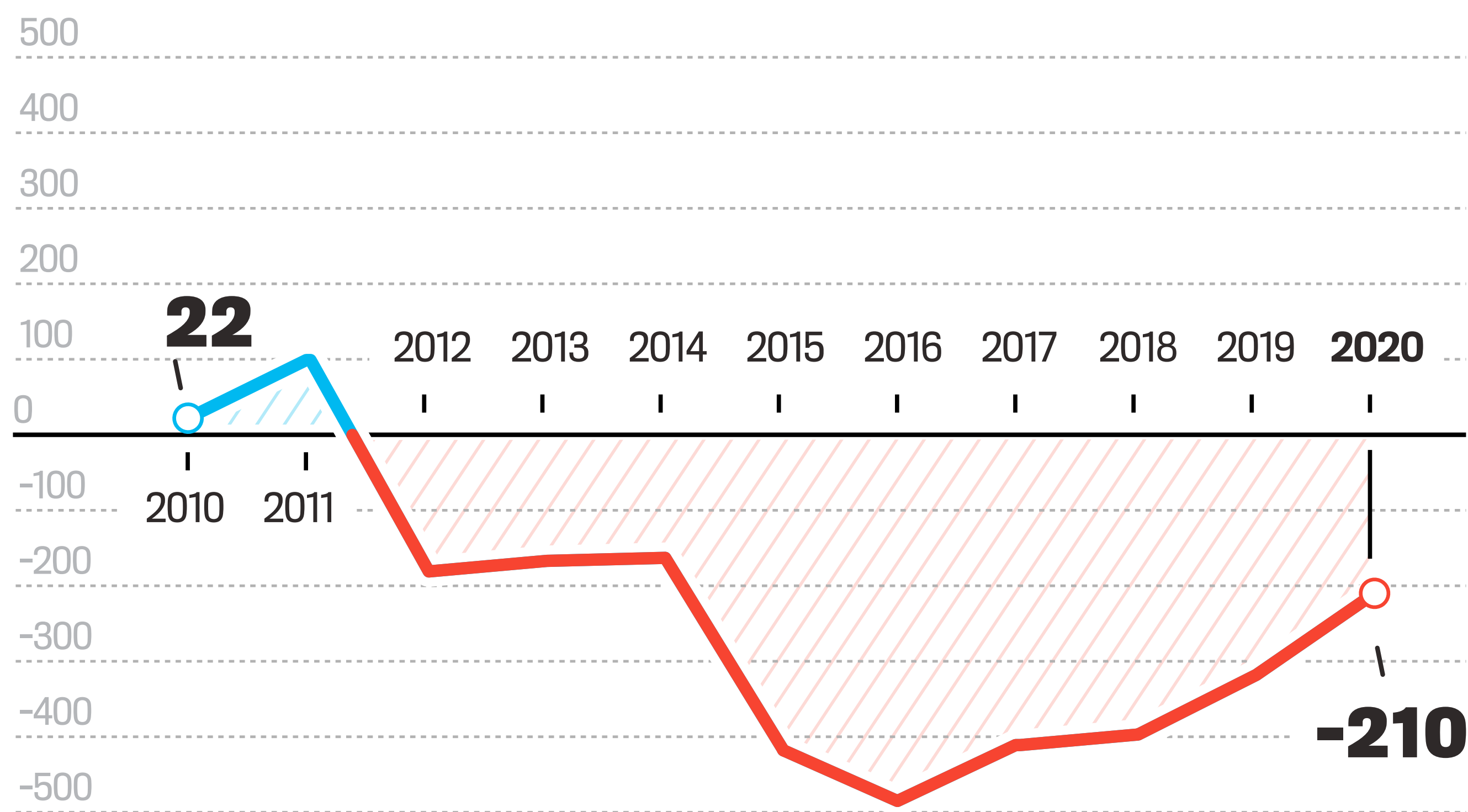
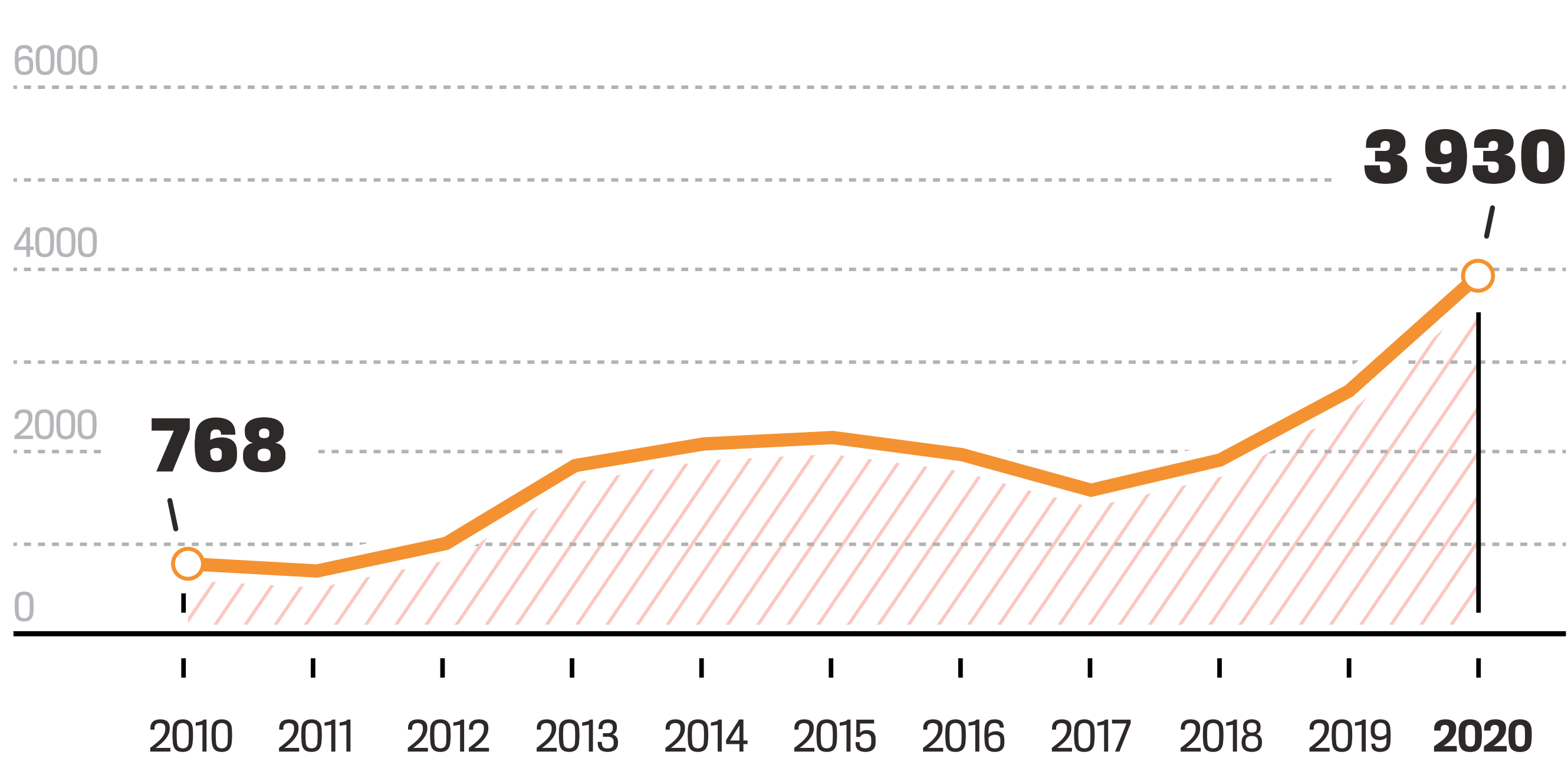
O banco americano Morgan Stanley chegou a publicar um relatório mostrando que, em 2016, ao queimar 1,6 bi-

lhão de reais de caixa, a empresa perdia cerca de 3 000 reais por minuto. A mesma conta atualizada para o último balanço publicado, já com a B2W e a Americanas integradas, mostra uma multiplicação das perdas. Em doze meses até o fim do terceiro trimestre de 2022, a queima de caixa passou a ser de 15 000 reais por minuto. Ou seja, há muito tempo o negócio só trazia prejuízos independente do estonteante volume de vendas que realizasse, e isso piorou com o passar dos anos. O mais preocupante é que a conta ainda pode ser subestimada, uma vez que os balanços recentes da empresa devem ser refeitos e republicados. No último deles, a dívida líquida superava os 5 bilhões de reais, mas ela deve ser multiplicada por quatro assim que a contabilidade criativa seja desfeita, como revelou Rial em janeiro.

O problema cresceu, em especial, durante a pandemia, em 2020, quando os e-commerces aproveitaram o fechamento do comércio presencial para vender mais. "Na época, o lema era vender, não importando o custo. Era o momento deles e tinham de aproveitar com as lojas físicas fechadas", comenta um analista. "O fato é que nenhuma empresa no Brasil aprendeu a como ter lucro com o e-commerce, uma vez que as vendas são feitas em diversas parcelas sem juros. Então, elas só recebem a receita ao longo do tempo, mas têm de pagar as contas à vista. Por isso, utilizam mecanismos de crédito. O problema com a B2W é que isso tomou uma proporção muito maior."

OPERANDO NO VERMELHO

Os números da B2W **(em milhões de reais)**

LUCRO LÍQUIDO

CONTA FORNECEDORES

Fonte: *Americanas*

Para manter o capital de giro, a B2W precisou utilizar mais da operação de risco sacado, também conhecida como forfait, pela qual ela toma crédito com bancos, que pagam direto ao fornecedor, em troca de juros. A varejista, então, paga meses depois ao banco o empréstimo. Com a aceleração das operações na pandemia, a empresa passou a não conseguir honrar os compromissos e a pedir ao fornecedor para emitir nova nota fiscal estendendo o prazo de pagamento, e com isso renovava o empréstimo com o banco. Contas que venceriam em 100 dias passaram a se acumular e a serem estendidas para serem quitadas depois de um ou dois anos. Para piorar, a rápida disparada dos juros básicos Selic, que subiu de 2% ao ano para 13,75% entre 2021 e 2022, tornou a dívida mais pesada e mais difícil de ser ocultada.

Tais operações de forfait são comuns no varejo e também são legítimas, desde que registradas corretamente nos balanços, como dívidas bancárias em vez de na conta fornecedor. Isso não aconteceu na B2W nem na Americanas depois da fusão das duas empresas em 2021. Se o volume real das dívidas fosse revelado, além de os executivos perderem os bônus por bom desempenho, a empresa demonstraria ao mercado o tamanho de seu problema, dificultando a tomada de crédito por juros baixos que fazia a operação continuar rodando. "Crédito é oxigênio para o varejo brasileiro. Mas obviamente precisa caber dentro do ciclo financeiro do negócio", afirma Alberto Serrentino, da consultoria Varese Retail.

O holofote sobre a operação on-line acabou se ampliando no dia 3 de fevereiro, quando a empresa anunciou o afastamento de três diretores estatutários e três executivos, quase todos com passagens relevantes pela B2W, como a ex-presidente da empresa Anna Christina Saicali, e o seu sucessor no cargo, Márcio Cruz, além dos ex-diretores de relações institucionais e financeiro José Timotheo de Barros, Fabio Abrate e Marcelo Nunes. No comunicado, a varejista indicou que o afastamento não representava "qualquer antecipação de juízo", mas buscava "contribuir plenamente com as apurações em curso". Na quarta-feira 8, Saicali prestou depoimento à Polícia Federal sobre o caso.

A história ainda deve ter diversos desdobramentos. Na última semana, os acionistas principais da Americanas aumentaram para 10 bilhões de reais a oferta de um aporte para ajudar em sua recuperação judicial. O caminho para a negociação, agora, parece se pavimentar. Mas muitas perguntas sobre tudo o que aconteceu, e com impactos tão negativos para a economia e os negócios brasileiros, precisam ser respondidas. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

É PARA VALER?

Os candidatos raramente indicam o custo de suas propostas

COMENTA-SE com frequência sobre promessas de campanha de Lula, admitindo-se que ele deveria dispor dos meios para cumpri-las, sem questionar sua viabilidade fiscal. Nem sempre, porém, tais promessas integram programas eleitorais bem elaborados. Eles constituem exigência de lei, mas raríssimos contêm ideias compatíveis com a situação fiscal do país. Muitos recorrem a platitudes para justificar compromissos grandiosos. Nas eleições passadas, Lula disse que somente apresentaria seu programa de governo se fosse eleito.

Nos países ricos, costumam-se valorizar programas eleitorais, que têm por hábito ser bem fundamentados. Indicam políticas a ser implementadas, se aprovadas nas urnas. Nas últimas décadas, 74% dos parlamentares americanos do Partido Democrata e 89% do Partido Republicano votaram em linha com os programas eleitorais de suas agremiações.

Em 2017, o *American Journal of Political Science* publicou estudo indicando que partidos cumpriram boa parte de suas promessas em doze países (Alemanha, Áustria, Bulgária, Canadá, Espanha, Estados Unidos, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal, Suécia e Reino Unido).

Nas últimas eleições, o PT divulgou "diretrizes" para o Programa de Reconstrução e Transformação do Brasil. Trata-se de um conjunto de ideias genéricas, nas quais o partido assinalou que seu "horizonte é a criação de um projeto justo, solidário, sustentável, soberano e criativo para um Brasil que seja de todos os brasileiros e brasileiras".

Assumiu como primeiro e mais urgente compromisso "a restauração das condições de vida da imensa maioria da população brasileira — os que mais sofrem com a crise". Promessas de políticas públicas permearam todo o texto, mas em nenhum lugar aparecem medidas para alcançar resultados, nem os respectivos custos fiscais ou sua viabilidade. Fica parecendo que bastaria vontade política.

Promessas eleitorais não são esculpidas em pedra, como parecem sugerir os que defendem o cumprimento daquelas feitas pelo PT em seus discursos de campanha. É o caso do benefício de 150 reais por filho de até 6 anos de integrantes do Bolsa Família e da ampliação de investimentos públicos.

"Em lugar algum do texto elaborado pelo PT aparecem as medidas para chegar aos resultados"

Dificilmente se examinou a sério sua oportunidade, conveniência ou factibilidade.

No mundo, há muitos exemplos de promessas que, integrantes ou não de programas bem estruturados, não foram cumpridas. Merecem destaque duas delas: (1) o primeiro-ministro da Austrália Bob Hawke prometeu, em 1987, que, em seu país, nenhuma criança viveria mais na pobreza até o ano de 1990; (2) o presidente americano Barack Obama estabeleceu o compromisso, durante o pleito de 2008, de fechar a prisão de Guantánamo, que os americanos mantêm em Cuba.

Na América Latina, é muito conhecido o "estelionato eleitoral", quando um candidato eleito adota ideias contrárias às que apresentou na campanha.

Ainda vai demorar muito até que todos os partidos apresentem programas eleitorais dignos desse nome. Neste momento, é preciso parar de insistir que qualquer promessa eleitoral de Lula deve ser cumprida. ■

QUERO SER VERDE, MAS...

Siderúrgica no Nordeste adota modelo de sustentabilidade ambiental e social. A realidade, porém, se mostra mais complicada que a retórica politicamente correta **LUANA ZANOBIA**

LEGADO INDESEJÁVEL Fábrica da Aço Verde do Brasil: histórico marcado por denúncias e ações judiciais

FACEBOOK @AVBACOVERDEDOBRASIL

A CIDADE maranhense de Açailândia, a 562 quilômetros de São Luís, respira minério de ferro. Às margens da Estrada de Ferro Carajás, concentra três usinas siderúrgicas que processam a matéria-prima trazida das minas no Pará, a cerca de 300 quilômetros de distância. Se essa é a grande fonte de riqueza do município, também é origem de algumas mazelas que a cidade enfrenta. Uma deles afeta especificamente um grupo de mais de 1 000 pessoas que vivem em uma área degradada pela poluição e por dejetos industriais despejados de forma irregular sem nenhum controle. A situação é tão ruim que a localidade, vizinha das fábricas e conhecida como Pequiá, foi considerada inadequada para abrigar moradias e a população local aguarda a remoção para outro bairro, ainda em construção. "Além da mudança, são necessárias várias medidas mitigadoras e de recuperação ambiental na região", diz o advogado Danilo Chammas, que representa os moradores. Desde 2016 eles aguardam a mudança para um conjunto habitacional do Programa Minha Casa, Minha Vida, erguido ao custo de 30 milhões de reais, boa parte deles custeada pela Caixa Econômica Federal (as empresas contribuíram com menos de um terço do total).

Das siderúrgicas instaladas em Açailândia a partir da década de 80, três seguem em operação. Na cidade também existe um terminal de minério da Vale que as abastece de matéria-prima. Todas as empresas têm histórico de problemas ambientais e nos últimos vinte anos foram alvo de ações judiciais movidas por moradores da região e seus re-

CORBIS/GETTY IMAGES

EIXO INDUSTRIAL Trem de Carajás: fábricas poluidoras ficam junto à ferrovia

presentantes. Há dois anos, o polo siderúrgico foi alvo de um relatório apresentado no Conselho de Direitos Humanos da ONU. No documento, é relatado um incidente em que uma das empresas despejou dejetos incandescentes de seu processamento industrial em área inapropriada e provocou queimaduras e contaminação de moradores. Na época do ocorrido, tal empresa era conhecida como Gusa Nordeste S/A, hoje rebatizada como Aço Verde do Brasil. Mais recentemente, a empresa foi alvo de duas denúncias por poluição ambiental no Ministério Publico do Maranhão.

A empresa Aço Verde do Brasil é um exemplo de quanto é difícil para uma companhia que acumula um passivo ambiental tão grande fazer uma transição real para o mundo da sustentabilidade. Procurada por VEJA, a companhia informou em nota que desde 2020 não produz ferro-gusa ou transporta gusa líquido em Açailândia. Atualmente, ela diz fabricar outros tipos de aço cujo processo é considerado mais limpo e que realiza o controle e monitoramento ambiental continuamente em suas instalações. A empresa também afirma que cumpre todos os acordos celebrados com a Secretaria de Meio Ambiente do Maranhão e sua unidade que fabrica os novos produtos está licenciada e regulamentada até dezembro de 2023.

A transformação da Gusa Nordeste em Aço Verde do Brasil foi, na verdade, uma tentativa de apagar um passado de problemas e se posicionar como “a primeira usina siderúrgica carbono neutro no mundo”. No discurso e na aparência, algumas conquistas foram realizadas. Em maio de 2021, a companhia divulgou a certificação de carbono neutro concedida pela consultoria suíça SGS pelo uso de carvão vegetal como alternativa a combustíveis fósseis, os grandes vilões do aquecimento global. O selo abriu portas para a empresa realizar a emissão de títulos verdes, em 2021 e 2022, captando nas duas rodadas 650 milhões de reais para plantio de florestas de eucaliptos para a produção de seu “aço verde”.

A realidade, porém, é mais complexa do que a retórica politicamente incorreta. Defender a causa verde simboliza

uma mudança radical para uma empresa cujo controlador, o Grupo Ferroeste, de Minas Gerais, esteve envolvido há doze anos em um escândalo de comercialização de carvão vegetal vindo de fornecedores irregulares, em uma operação conhecida como Máfia do Carvão. Na ocasião, seus executivos foram presos. "A realização de projetos ancorados em sustentabilidade com emissão de títulos verdes não é uma garantia de que a empresa é referência nesse aspecto. É preciso uma estratégia muito mais ampla", diz Cristóvão Alves, diretor da consultoria NINT, especializada no assunto. A condição atual dos moradores de Açailândia demonstra que esse patamar ainda está longe de ser alcançado. ■

SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

EM ALTA DeSantis acaba de lançar um livro com o qual vai rodar o país: oponente de peso a Trump

A CORRIDA JÁ COMEÇOU

A batalha pela vaga republicana para concorrer ao páreo presidencial está a toda, com o ainda favorito Trump tendo de duelar com DeSantis, o governador da Flórida

ERNESTO NEVES

No último fim de semana, quem chegava à Conferência de Ação Política Conservadora (Cpac, na sigla em inglês), em Maryland, nos Estados Unidos, não tinha dúvidas de quem seria a estrela-mor do evento que, a cada ano, reúne a hoje predominante banda à direita do Partido Republicano e outros expoentes de mesmo matiz. Santinhos, camisetas e até os biscoitos vendidos na lanchonete estampavam o onipresente rosto do ex-presidente Donald Trump. Espécie de meca do ascendente conservadorismo americano, o atual encontro serviu como plataforma para divulgar a candidatura de Trump às eleições presidenciais de 2024 — corrida que, a cinco meses do início das primárias e a pouco mais de um ano do pleito, já começou a toda entre os republicanos que se digladiam pela candidatura à Casa Branca.

Um traço que une os postulantes à vaga é justamente sua afinidade com o receituário trumpista, de cunho antiglobalista e ultraconservador nos costumes, atirando sempre que possível em temas enaltecidos pela cultura *woke,* que, segundo eles, em nome de excessos politicamente corretos estaria deturpando o próprio espírito americano. Nessa linha de pensamento se enquadram dois republicanos já inscritos no páreo — Nikki Haley, ex-governadora da Carolina do Sul e ex-embaixadora dos Estados na ONU na era Trump, e o jovem empresário do ramo da biotecnologia Vivek Ramaswamy.

ALEX WONG/GETTY IMAGES/AFP

VALE-TUDO
O ex-presidente, já em campanha: enroscos na Justiça não são freio

O maior desafiante ao até agora favorito ex-presidente, porém, ainda está para oficializar seu ingresso na disputa, previsto para maio: Ron DeSantis, governador da Flórida que, entre outras iniciativas, proibiu professores de cutucar discussões sobre diversidade de gênero, política batizada por adversários como *Don't say gay* (não pronuncie a palavra gay). Ele ainda empreende uma campanha anti-Disney com o objetivo de tosar privilégios fiscais de uma empresa que "ameaça a família americana por seu progressismo". Em frenéticas costuras que se desenrolam nos bastidores,

Mike Pence, o ex-vice-presidente, e Mike Pompeo, o ex-secretário de Estado, também tentam se viabilizar, mas, distantes do trumpismo, largam em franca desvantagem.

Derrotado por Joe Biden em 2020, numa disputa que sustenta ter sido fraudada, Trump continua a ser o mais popular dos líderes à direita. Em recente pesquisa conduzida pelo instituto YouGov, 37% dos republicanos apoiam a candidatura do ex-presidente, mas isso não significa, nem de longe, que ele terá vida fácil. Pois na mesma aferição DeSantis, dono de diplomas das universidades de Harvard e Yale que lhe envernizam o currículo, desponta como o preferido de 35% do eleitorado, o que configura empate técnico. Trump, que está enroscado em processos até o último fio do topete, garante que nem um eventual indiciamento da Justiça que tanto fuzila o fará desistir e segue com o habitual tom messiânico, desancando "aberrações" dentro do próprio partido. "Em 2016, eu lhes disse: sou sua voz. Hoje, vou acrescentar: sou o seu guerreiro", afirmou no que acabou por virar um comício em Maryland, onde o ex-presidente Jair Bolsonaro aplaudia na plateia. "Trump pode ser ainda o principal nome à indicação republicana, mas não é mais o líder absoluto da sigla", avalia o cientista político Robert Oldendick, da Universidade da Carolina do Sul.

Seus oponentes tentam se equilibrar em uma delicada equação — defendem a mesma cartilha conservadora, cada qual com suas tintas, mas sabem bem que precisam se descolar de Trump. Por isso, fogem de confrontos, mas ati-

MIC SMITH/AP/IMAGEPLUS

FARPAS PARA QUE TE QUERO A ex-governadora Nikki Haley: a estratégia é não entrar em confronto com Trump

ram farpas para todos os lados. Ex-aliada, Nikki Haley repisa a ideia de que o país deve renovar suas lideranças e agita a bandeira de que políticos acima dos 75 anos necessitam de testes cognitivos — Trump terá 78 nas eleições. Depois de vencer de lavada a disputa pela reeleição ao governo da Flórida, DeSantis, apadrinhado do ex-presidente em sua estreia, em 2018, também se põe estrategicamente afastado dele. Agora, está sacando da manga um trunfo — seu recém-lançado livro *The Courage to Be Free* (A Coragem de Ser Livre), no qual apresenta ponto a ponto as me-

didas que adotou na Flórida e quer propagandear país afora com o objetivo de ganhar impulso para o duelo presidencial. O polêmico governador se tornou mais conhecido sob os holofotes dos tempos de pandemia, quando se opôs ao isolamento social e manteve as engrenagens da economia funcionando, ainda que seu estado tenha contabilizado mais vítimas do vírus do que outros.

O descontentamento com os efeitos da globalização e o avanço das desigualdades abriram espaço para toda sorte de populismo nos Estados Unidos, descortinando uma avenida para a direita representada pelo trumpismo. O extremismo, de fato, fincou raízes mais fundas no lado republicano do que no democrata, o que se explica pela natureza da composição de cada um. "Os democratas são uma aliança multiétnica, cuja diversidade e compromisso com objetivos políticos favorecem o pragmatismo", afirma Jim Guth, da Universidade Furman. "Já os republicanos são mais homogêneos tanto racialmente quanto ideologicamente, o que os torna mais unidos e potencialmente mais reacionários", diz o professor. Não foi sempre assim na agremiação que surgiu em 1854, onde alas variadas debatiam entre si sem se aferrar a verdades cristalizadas, mas o processo que desaguou no que se vê hoje já vinha tomando corpo desde a gestão de Ronald Reagan, nos anos 1980. Trump só fez aprofundar a visão conservadora da história e instaurou o vale-tudo, algo de que a tão bem estabelecida democracia americana definitivamente não precisa. ■

PROCURAM-SE BEBÊS

Em tempos de natalidade em franco declínio na Europa, a Itália anuncia um pacote de medidas para estimular casais a ter filhos — movimento vital para fazer girar a economia

CAIO SAAD

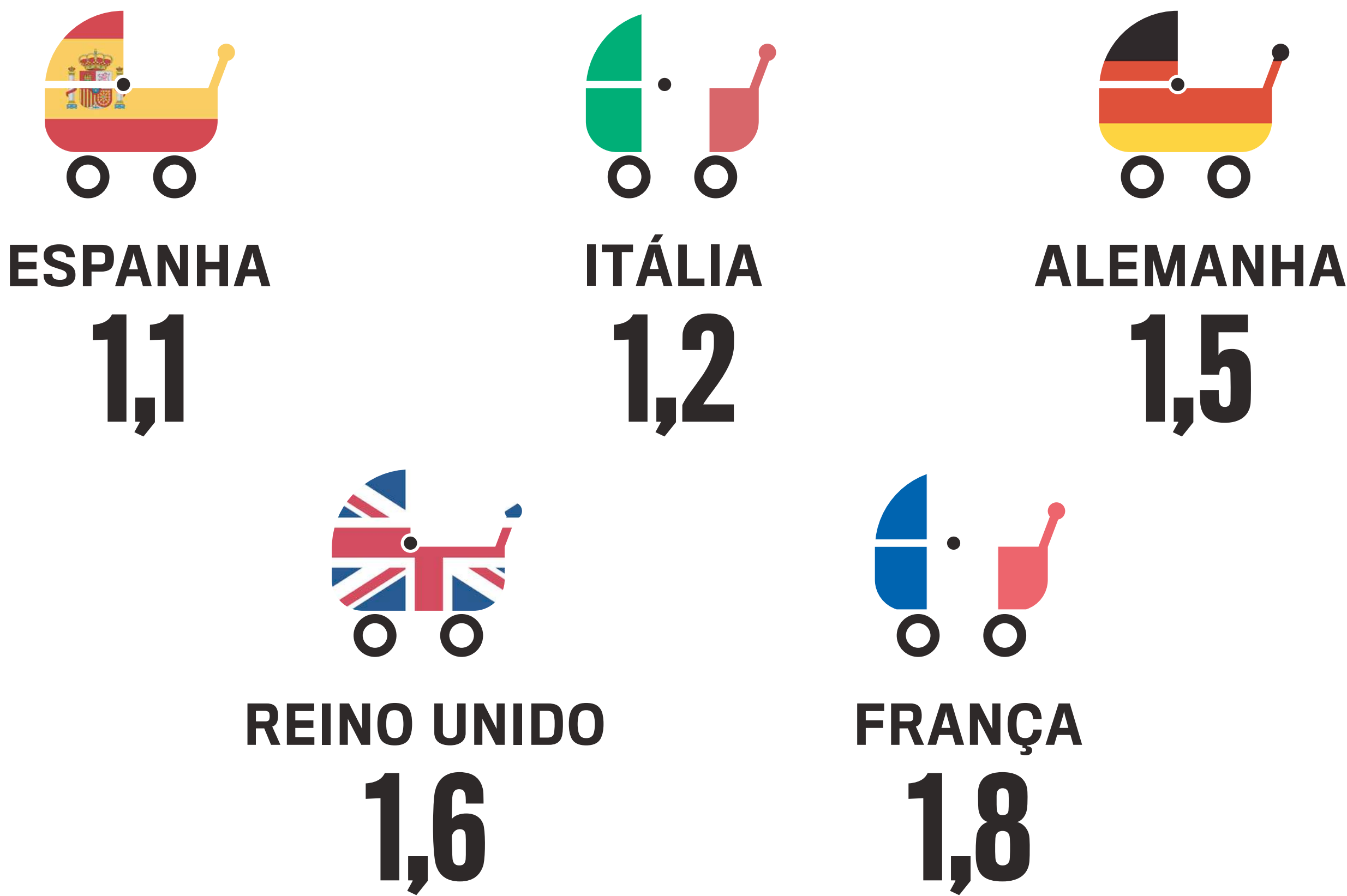
CABEÇAS BRANCAS Avanço dos mais velhos: desafios à previdência e ao mercado de trabalho

MARZIA CARAMIELLO/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

QUASE CINCO meses depois de assumir o posto de premiê na Itália, Giorgia Meloni precisa desatar uma série de apertados nós que freiam o país, enredado por uma dura combinação de baixo crescimento com uma dívida pública superior a 140% do PIB. Outro espinhoso problema reside no desembarque recorde de imigrantes ilegais vindos de países pobres da África e da Ásia — só em 26 de fevereiro a polícia contabilizou 71 mortos num trágico naufrágio em Cutro, no sul do país. Entre todos os enroscos italianos, desenrola-se ainda uma crise menos visível, mas de efeitos deletérios duradouros, que vem mobilizando Meloni: faltam bebês no país, um xadrez demográfico que afeta toda a Europa, hoje debruçada sobre caminhos para suavizar o iminente encolhimento de suas populações e seguir girando as engrenagens da economia.

A líder italiana, expoente da extrema direita contrária à ideia de preencher a lacuna estimulando a imigração, acaba de divulgar um programa para incentivar jovens casais a ter filhos, iniciativa anunciada em discurso envolto em promessas. "É só o começo", disse. Para tentar reverter as taxas de natalidade de 1,2 filho por casal, bem abaixo da marca de 2, em que não há declínio populacional *(veja o quadro ao lado),* o governo preparou um pacote que conterá bônus para lares com mais de três crianças, extensão de licença-maternidade e redução na idade mínima de aposentadoria para mulheres que optem pela maternidade. Outros países já enveredaram por trilha parecida, até então

MENOS GRÁVIDAS

Nas maiores economias da Europa, o número de filhos por mulher está bem abaixo da chamada **taxa de reposição (2,1)**

Fonte: *Banco Mundial*

sem muito sucesso, uma vez que a tendência de famílias sem crianças é movida por uma profunda mudança de hábitos e aspirações nestes tempos modernos. As mulheres estão com os pés bem fincados no mercado de trabalho, e as jovens gerações valorizam como nunca o conceito de liberdade. “Quanto mais espaço elas ocupam e maior é o seu leque de escolhas, menos filhos querem ter”, observa a pesquisadora australiana Zoë Krupka.

Praticamente todas as nações desenvolvidas estão debruçadas sobre saídas para o inexorável envelhecimento de seus habitantes. De acordo com uma pesquisa conduzida pela demógrafa americana Jennifer Sciubba, 70% dos países mais ricos enfrentarão queda populacional até o fim do século. É na Europa, porém, que o problema adquire tintas mais dramáticas, com um terço dos lares já ocupados por apenas um morador. Ao mesmo tempo que os nascimentos minguam, a expectativa de vida do europeu avançou mais de dez anos no último meio século, uma boa notícia que impõe complexos desafios. Afinal, elevados índices de longevidade trazem crescentes custos à previdência num cenário em que não há jovens em atividade em número suficiente para aliviar a conta. “Se os devidos cuidados não forem tomados, a situação pode se converter em uma bomba para a economia”, alerta o demógrafo Gian Carlo Blangiardo, da Universidade de Milão.

Esticar a permanência das pessoas em seus empregos, tentar produzir mais com menos braços e empreender políticas amigáveis aos imigrantes, sobretudo os mais qualificados, estão no rol de medidas adotadas mundo afora para lidar com o escasseamento de gente em idade ativa. O tema, vital para delinear o futuro próximo de tantos países, vem sendo objeto de estudos, que são contundentes em um ponto: lugares onde o mercado de trabalho é mais robusto e aberto aos jovens registram maior movimento nas maternidades, caso dos Estados Unidos, da Austrália e de países nórdicos, como Suécia e Dinamarca, em que há abundância de boas

UM DURO XADREZ Meloni, a premiê: tentativa de frear o encolhimento da população

MICHAEL SOHN/AP/IMAGEPLUS

vagas no setor público. “Cenários assim, nos quais se vislumbra um futuro às famílias, contribuem para a decisão de ter filhos”, explica Gilles Pison, professor da Sorbonne.

Ao longo da década, países do Leste Europeu, como Polônia e Hungria, vêm sendo observados com atenção pelos demógrafos. Ambos passaram a garantir uma renda mensal a quem tem filhos — da mesma forma que a China, cuja população engatou em rota descendente em 2022, nove anos antes do previsto. Pois esse tipo de ação, agora posta à mesa por Meloni, até o momento não produziu um real impulso à natalidade. Economistas advertem que a mera distribuição de dinheiro é insuficiente quando não há melhoria na qualidade de vida. “É a insegurança econômica, associada a fatores comportamentais, que desencoraja a expansão das famílias”, afirma Massimiliano Valeri, diretor do Censo italiano. Como se vê, não há resposta única nem tampouco simples para viver sob os novos ventos demográficos. ■

INSTAGRAM @LETICIACOLIN

COMIGO, NÃO

Vilã da trama global *Todas as Flores,* **LETÍCIA COLIN,** 33, é a protagonista do novo longa *A Porta ao Lado,* em que vive uma jovem que tem o casamento chacoalhado pela convivência com vizinhos adeptos de relacionamento aberto. O laboratório para a película envolveu inúmeras conversas com pessoas que aderiram ao arranjo. Casada com o ator Michel Melamed, ela concluiu que a fórmula não lhe apetece. “Acho que não conseguiria algo assim, mas sou totalmente a favor de que façam”, admite a atriz, que, quando bate o tédio, prefere “reinventar o casamento”.

A FILA ANDOU

Menos de uma semana depois de romper o namoro com o modelo Andrew Darnell, 23 anos, **MADONNA,** 64, já se deixou fotografar com o novo par, o boxeador Joshua Popper, 29. E ele prontamente postou tudo. "Tenho algumas pessoas boas ao meu lado", escreveu. Ela o conheceu em sua academia de boxe, em Nova York, onde um de seus filhos treina. Sobre o enlace, a cantora, que recentemente foi apedrejada nas redes por mais uma intervenção no rosto e se prepara para a turnê *Celebration,* em comemoração de quatro décadas de carreira, preferiu nada dizer.

INSTAGRAM @_JOSHPOPPER

INSTAGRAM @ASTRIDFONTENELLE

LÍNGUA SOLTA

De volta ao ar na nova temporada de *Saia Justa,* na GNT,em que não põe freios à língua e dispara para todos os lados, **ASTRID FONTENELLE,** 61, reconhece a própria incontinência verbal. "Acabo sempre falando demais", diz ela, que, surpreendentemente, é crítica ferrenha de podcasts e canais opinativos no YouTube. "Ali, as pessoas nem querem dizer nada, só aparecer mesmo", atira Astrid, sem poupar colegas que exploram essa seara. "Quando recebo convites para participar, recuso tudo."

TÁ QUENTE, TÁ FRIO

A efervescente Semana de Moda de Paris ocorreu nestes últimos dias sob um vento invernal. Nada que tenha espantado **ISIS VALVERDE,** 36, que usou uma vaporosa e rendada camisetinha com a qual andou para cima e para baixo sem dar mostras de se abalar com os termômetros próximos de zero grau. “A transparência é ao mesmo tempo feminina, romântica, dá informação e tem a ver com o papel da mulher empoderada do século XXI”, esclarece Guilherme Liggeri, o relações-públicas da Dior, grife que vestiu a atriz. Nos corredores do evento, ninguém diria que **RONALDO FENÔMENO,** 46, e sua noiva, **CELINA LOCKS,** 32, estavam na mesma estação do ano que Isis. Encapotado com espessos sobretudos, o casal foi, a convite de **DAVID** e **VICTORIA BECKHAM,** assistir ao desfile dela na concorrida passarela. Depois, partiram para celebrar o aniversário de Celina em estrelado restaurante italiano na cidade onde, faça chuva, faça sol, o tempo não para. ■

INSTAGRAM @RONALDO

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

MEDIDAS EXTREMAS

A Associação Americana de Pediatria lança um conjunto de orientações para atacar a epidemia da obesidade infantil — e o radicalismo das ações acende um acalorado debate

AMANDA PÉCHY E **MAFE FIRPO**

UM MAL GLOBAL
A obesidade na infância avança: maus hábitos são um motor

ISTOCK/GETTY IMAGES

A obesidade infantil atinge 380 milhões de crianças e adolescentes no mundo todo e avança com preocupante rapidez, produzindo curvas ascendentes que fazem soar um alerta como nunca antes. Segundo pesquisa publicada no prestigiado periódico científico *The Lancet*, a doença já afeta dez vezes mais indivíduos em plena fase de formação do que há meio século — e, a seguir o ritmo atual, o problema se acentuará, fincado sob estatísticas que merecem pronta ação. Historicamente, muito se tentou combatê-lo com mudanças de hábitos, mas essa postura não freou a escalada de quilos registrados na balança da garotada, fenômeno que tem tudo a ver com o estilo de vida de tempos modernos, pendurado em smartphones e alimentos ultraprocessados. Agora, a Associação Americana de Pediatria (AAP), cujas orientações reverberam para muito além dos Estados Unidos — onde a obesidade infantil tomou contornos de uma epidemia —, passou a defender uma radical cartilha para atacar a doença, que mexe tão profundamente com o lado psicológico e a saúde de quem sofre dela.

O recém-divulgado documento da AAP, o primeiro conjunto de diretrizes sobre a obesidade infantil soltado pela respeitada instituição, ecoou no meio médico, dividindo cientistas sérios que se debruçam sobre o tema. A base da polêmica se dá em torno das idades que a associação sugere para se iniciarem as intervenções — a começar pela invasiva cirurgia bariátrica, que elimina de forma irreversível uma

ARQUIVO PESSOAL

A FAMÍLIA MUDOU

Quando comprou roupas de 10 anos para Aryanne, então com 4, Mariane Bastos se assustou. O diagnóstico de obesidade da filha mexeu com a casa toda. "Todos passaram a ter uma vida mais saudável", conta

relevante porção do estômago (cerca de 80%). Em países da União Europeia e no Brasil, a operação é recomendada a partir dos 18 anos, enquanto nos Estados Unidos a indicação foi antecipada para os 13.

Do mesmo modo, a ingestão de remédios para reduzir a fome, também normalmente recomendados a partir dos 18, salvo exceções, caiu em solo americano para os 12 anos. Com o olhar voltado para o rol de crianças que já sofrem tão precocemente com a obesidade — 20% dos pequenos americanos e americanas *versus* 10% dos brasileiros —, a Associação sugere aos pais que ataquem a doença desde os 2 anos. "Como estamos diante de um mal crônico com efeitos crescentes, é preciso identificá-lo e tratá-lo o mais cedo possível", justifica a AAP.

NOVA CARTILHA

A Associação Americana de Pediatria estabeleceu idades mais baixas para o início do combate à obesidade infantil

A queda de braço se dá dentro do campo científico, com bons argumentos de um lado e de outro que, no conjunto, sugerem uma reflexão caso a caso. Um novo estudo publicado na revista científica *Current Gastroenterology Reports* mostra quanto a cirurgia bariátrica colhe efeitos positivos e desejáveis em adolescentes. Ela comprovadamente diminui em torno de 28% o índice de massa corporal, o IMC — um cálculo que leva em consideração o peso dividido pela altura ao quadrado, tudo ponderado de acordo com as médias de cada idade (uma relativização que só vale até os 18 anos). A intervenção à base do bisturi — seja com o método *sleeve*, que promove a remoção de uma parcela do estômago, ou o *bypass*, que o reduz com uma espécie de grampo — também está associada à remissão de diabetes tipo 2, hipertensão e decréscimo das placas de gordura no sangue, vilãs na obstrução das artérias.

Até aí, ninguém discorda. As divergências afloram mesmo em relação aos posteriores desdobramentos da escolha cirúrgica. "A complicação mais comum é a deficiência de micronutrientes, já que a capacidade para sua absorção cai com o estômago diminuído", diz a nutricionista Janet Colson, da Universidade Estadual do Tennessee. De 1 a 2 litros, o órgão passa a comportar 30 mililitros — numa etapa em que a criança precisa ser alimentada para girar as engrenagens do crescimento. "A bariátrica melhora a saúde, mas é sabido que pode comprometer o desenvolvimento infantil",

diz Colson. A associação americana reconhece os riscos. “Dados recentes revelam múltiplas deficiências de micronutrientes depois da operação, o que enfatiza a necessidade de um monitoramento no longo prazo”, pontua o documento oficial, que centra a orientação para realizar a cirurgia tão cedo naqueles casos considerados graves, quando o IMC corporal está 42% acima do tido como ideal.

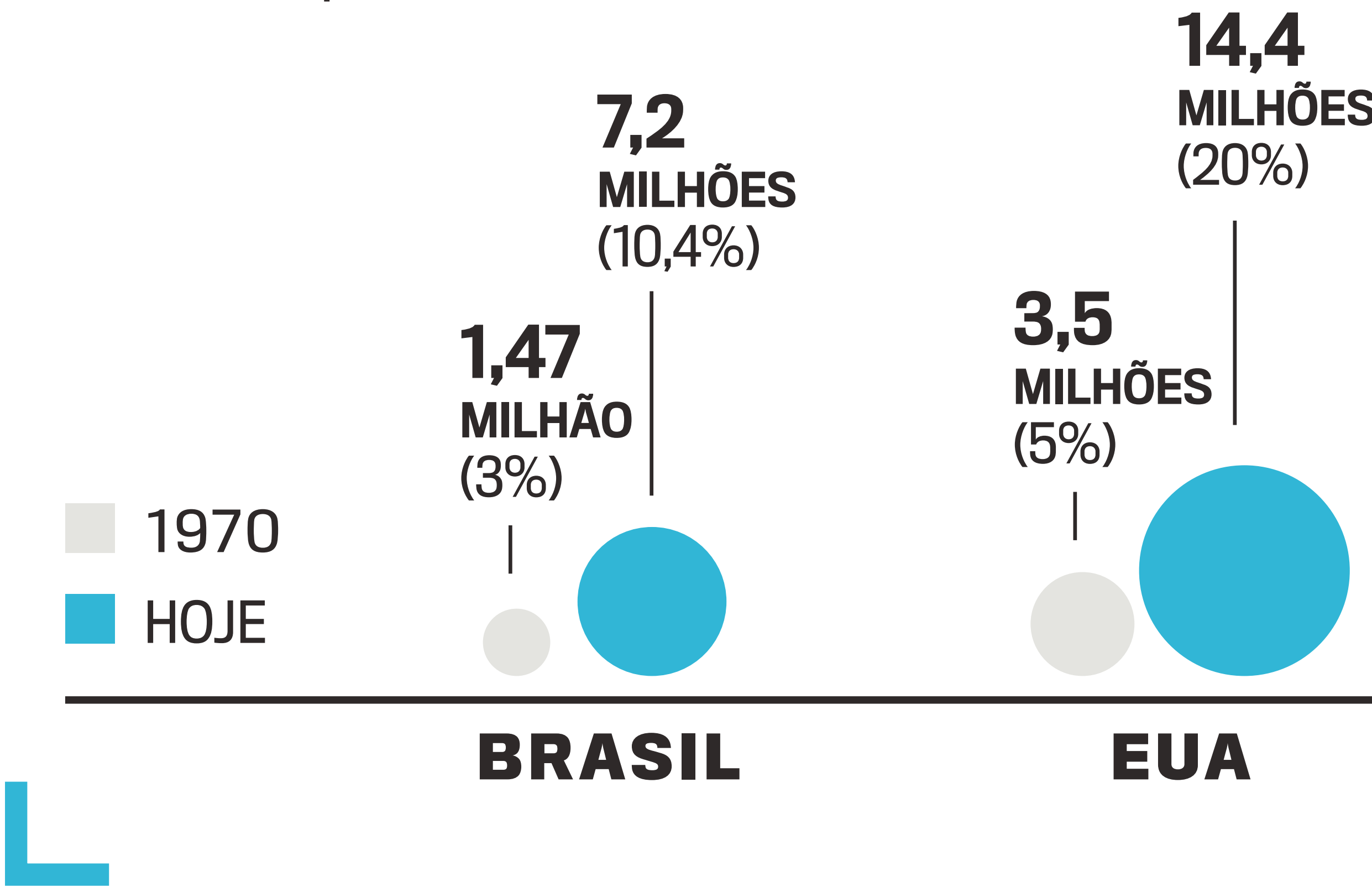
Na seara dos remédios que limitam o apetite e auxiliam na perda de peso, reside outro ponto de discórdia. O aval da

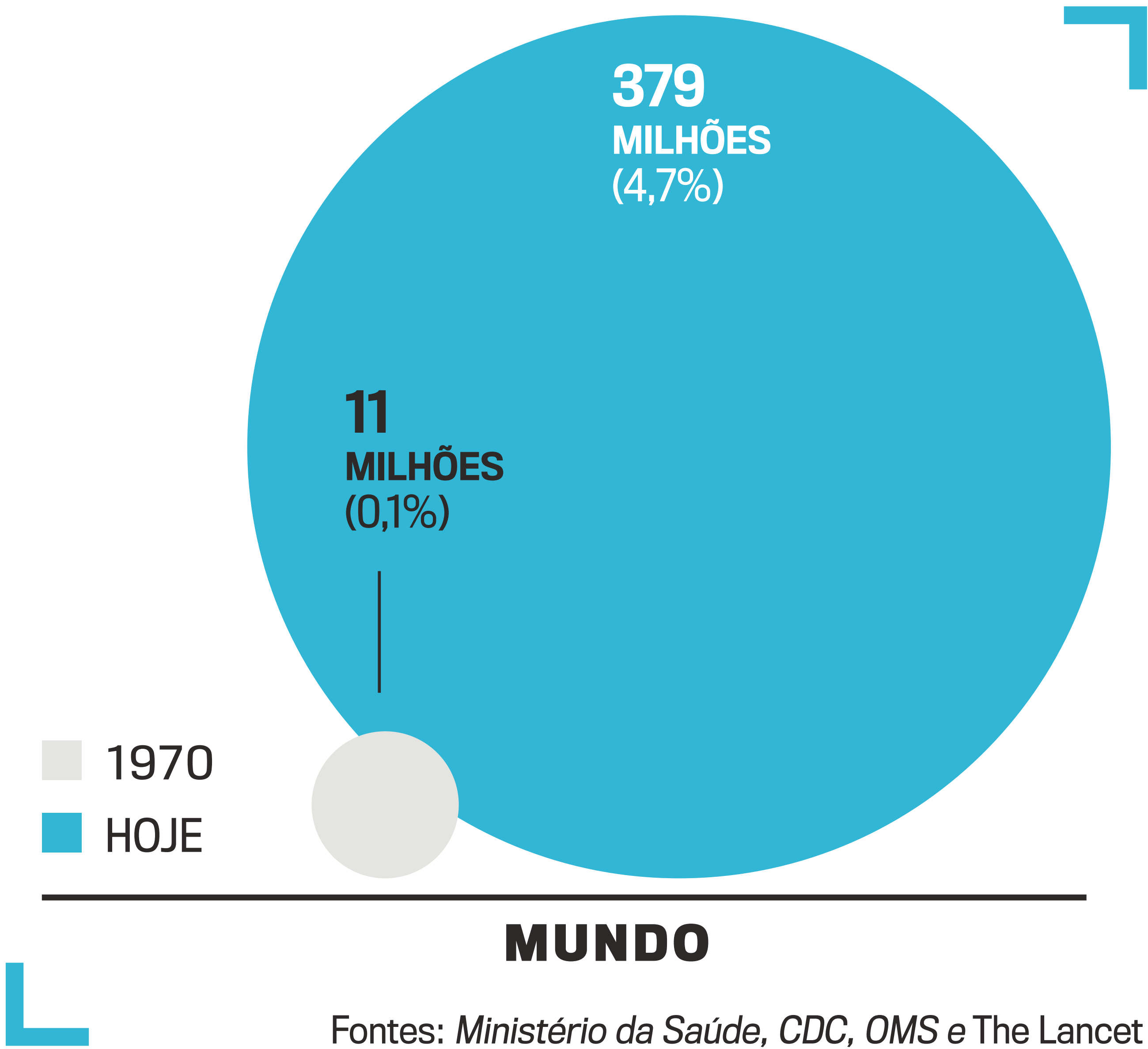
ISTOCK/GETTY IMAGES

LONGO PRAZO
Adultos obesos: 80% já sofriam da doença mais novos

AAP para que o consumo deles se dê a partir dos 12 anos (no Brasil, a idade é em geral 18) atiçou as labaredas de um velho debate. Nele, posições mais conservadoras prevaleceram, baseadas nos riscos embutidos nessa categoria de medicamentos, que podem gerar alta dependência e até levar à morte. Mas a ciência vem sendo célere nessa área, em que surgiu recentemente uma categoria conhecida como "agonistas do receptor GLP-1", mais eficazes e, pelo que se observou até agora, sem o deletério efeito da dependência *(ve-*

SINAL DE ALERTA

O número de crianças e adolescentes com obesidade disparou no Brasil e no mundo no último meio século (em números absolutos e porcentual)

ja o quadro na pág. 57). Aprovada pelas agências americana (FDA) e brasileira (Anvisa), tais drogas foram testadas em crianças de 12 anos ou mais, com bons resultados. Uma ala de especialistas, porém, vê ainda a necessidade de um conjunto mais robusto de pesquisas. "A maioria dos estudos durou de um a dois anos, um experimento em tempo real que exigirá um acompanhamento mais prolongado", avalia Myles Faith, especialista em obesidade infantil da Universidade de Buffalo, em Nova York.

Fontes: *Ministério da Saúde, CDC, OMS e* The Lancet

Os medicamentos dão um empurrão à perda de peso, mas não contêm a cura para a obesidade — uma batalha que passa por tratamentos os mais diversos, mirando um modo diferente de viver. Os mais renomados especialistas recomendam um leque (para a criança e sua família) que inclui educação alimentar para todos e orientação sobre atividades físicas, plano de ação que conta com médico, nutricionista, psicólogo e preparador físico. No Brasil, 7,2 milhões apresentam obesidade infantil, sendo que a incidência de sua manifestação mais grave quase dobrou em três anos, atingindo 3% da criançada. "O Brasil dá foco máximo à dieta para tratar a doença", enfatiza a nutricionista Cecilia Lacroix. Ela vê a antecipação da cirurgia nos Estados Unidos com cautela, por desconsiderar "riscos psicológicos" — visão compartilhada por uma parcela da população que encara o problema sob o próprio teto. Mariane Bastos, 36, mãe de Aryanne, 6, diagnosticada com obesidade aos 4, ficou apreensiva com as diretrizes americanas. "Minha filha entrou em um programa de reeducação alimentar há oito meses, que acho mais adequado do que remédio e cirurgia, e isso já está dando resultados significativos", conta.

Por muito tempo, apostava-se que hábitos alimentares mais saudáveis seriam o motor para estancar o aumento da obesidade infantil. Mas o que se notou da década de 70 em diante foi a expansão do problema, amplificado pelo consumo de alimentos com doses exageradas de

ARQUIVO PESSOAL

COMEÇOU CEDO

Israel Sturne, 32, soube que o filho **Kael,** então com 3 anos, sofria de obesidade. Hoje, aos 5, ele pratica atividades físicas e é acompanhado por um endocrinologista e um nutricionista. “Não descarto a cirurgia”, diz o pai

conservantes e outros produtos químicos, movimento que não para de crescer — hoje o segmento de fast food fatura 100 vezes o que registrava meio século atrás. Em paralelo, o sedentarismo virou praga, atingindo 81% dos adolescentes, uma geração fissurada em telas de computador e smartphones e que se levanta cada vez menos da cadeira. Nos anos 2000, a compreensão sobre a obesidade ganhou impulso ao se revelar, pela primeira vez, o peso da genética — que se soma de forma decisiva aos fato-

VIVA A CIÊNCIA

SHUTTERSTOCK

NOVA SAFRA O Ozempic, à base de semaglutida: sensação de saciedade sem efeitos colaterais

Um conjunto de fatores — genéticos, ambientais, psicológicos — conspira para que uma pessoa apresente um diagnóstico de obesidade. Por isso, o problema costuma ser atacado de variadas maneiras, e uma delas passa pela ingestão de remédios para frear o apetite. Eles sempre foram vistos com justificado ceticismo, por provocar desde mudanças de humor e dependência até, em casos extremos, a morte. Pois agora há opções comprovadamente mais seguras e eficazes. Em janeiro, chegou ao mercado uma nova geração desses medicamentos, cujos benefícios superam, de longe, seus efeitos adversos. Conhecidos como “agonistas do receptor GLP-1”, apareceram de forma curiosa: já empregados no tratamento de diabetes, acabaram por levar à perda de peso. Nessa safra, encontra-se a substância semaglutida, que simula no organismo a liberação de hormônios que estimulam a sensação de saciedade graças à lentidão no esvaziamento gástrico, além de diminuir o desejo de comer. Aprovada pela Anvisa, a droga injetável reduz em até 17% o peso em 68 semanas. Espera-se ainda a liberação da tirzepatida, regida pelo mesmo princípio. Tal evolução é um motivo e tanto para celebrar: está aí uma descoberta que pode dar um tremendo empurrão no duro combate à obesidade.

res comportamentais então conhecidos. “Foi um divisor de águas para atacar o problema caso a caso”, diz David Levitsky, professor de ciências nutricionais da Universidade Cornell.

A obesidade costuma acompanhar o indivíduo por toda a vida, daí a necessidade de atacá-la pela raiz. Segundo um estudo publicado na *Obesity Reviews,* revista científica da Federação Mundial de Obesidade, 55% das crianças obesas mantêm o sobrepeso na adolescência e 80% destes, por sua vez, assim seguirão na idade adulta. A Associação Americana de Pediatria ressalta que a recomendação de medicamentos e cirurgias não é imperativa, mas abre trilhas possíveis para debelar o mal. “Medidas semelhantes deveriam ser tomadas no Brasil”, afirma Israel Sturne, 32 anos, pai de Kael, 5, diagnosticado com obesidade aos 3. Em nome do pequenino, a família, que não descarta uma eventual cirurgia bariátrica, melhorou o estilo de vida. Está aí um ciclo virtuoso que, desencadeado em larga escala, pode se tornar decisivo para impedir que as curvas da obesidade sigam produzindo números impressionantes que ninguém mais quer ver. ■

A PÍLULA DO RETROCESSO

O movimento Red Pill, que ganhou escala planetária nas redes, revela a face cruel e reacionária do machismo que resiste ao notável avanço feminino

DUDA MONTEIRO DE BARROS

INSTAGRAM @SEMGROSELHAPODCAST

MANUAL DA MISOGINIA
Thiago Schutz *(acima)*, um dos expoentes brasileiros do movimento: festival de preconceitos nas redes

MONTAGEM COM FOTOS ISTOCK/GETTY IMAGES

NA GRÉCIA ANTIGA, era preciso que as mulheres fossem propriedade do pai e, mais tarde, do marido para serem reconhecidas como indivíduos tanto pelo Estado como pela própria sociedade. Milênios se passaram e, com as incontáveis voltas que o mundo deu e à custa de muitas bandeiras agitadas, elas começaram a gradativamente ganhar espaço. No século XIX, as mais abastadas já podiam escolher com quem iam se casar, um passo em prol da liberdade que, após a II Guerra, se acentuou com o início de seu ingresso no mercado de trabalho. Um ponto de inflexão nessa tão longa estrada veio na esteira dos efervescentes anos 1960, com o advento da pílula anticoncepcional. E daí em diante as conquistas se aprofundaram, em um avanço civilizatório notável, porém ainda em marcha.

Era de esperar que a mudança do papel feminino fizesse chacoalhar o universo masculino, promovendo novas dinâmicas familiares e mais relacionamentos fincados sobre os saudáveis alicerces da igualdade. Toda essa transformação em relativamente pouco tempo, do ponto de vista histórico, pôs muitos homens a refletir e a rever valores, um desdobramento previsível e mais do que bem-vindo. Mas, em meio a ele, começaram a brotar execráveis manifestações do mais puro machismo — como nos anos 1980, nos Estados Unidos, com o Backlash, movimento que questionava se a autonomia delas não teria ido "longe demais". Felizmente não vingou, embora filosofias retrógradas continuassem a pipocar, emitindo um sinal de que muita gente não queria virar a pá-

CHRISTOPHEL/AFP

INSPIRAÇÃO Christian Bale, em *Psicopata Americano:* citado com admiração pelos *red pills*

gina do atraso. Passadas algumas décadas e sob o impulso das redes, uma nova e inaceitável iniciativa de cunho misógino reverbera planeta afora sob o nome Red Pill, cuja hashtag alcançou inacreditáveis 44 bilhões de visualizações.

Em português, a pílula vermelha faz alusão ao filme *Matrix,* de 1999, em que o protagonista tem diante de si dois caminhos: tomar a versão azul e seguir em seu mundo de ilusões ou justamente optar pela vermelha, que lhe trará a compreensão nua e crua da realidade. E, para os integrantes do

Red Pill, autointitulados *coaches* ou *influencers* da masculinidade, o cenário de hoje, que enxergam "com consciência e sem firulas", é injustamente dominado pelo sexo oposto. O mais espantoso é que eles tenham tamanha audiência e consigam disseminar livremente o seu manual não só nas mais conhecidas redes sociais (que justificam não os banir por não considerar que eles espalhem o ódio) mas também em cursos, palestras e livros, como o *Antiotário,* de Rafael Aires, um dos expoentes brasileiros dessa turma de mente reacionária.

Segundo sua assustadora cartilha *(veja amostras ao lado),* as mulheres os manipulam o tempo todo para dominá-los e sua palavra vale mais em um planeta tomado pelo feminismo. Eles elencam uma série de regras para o convívio nesta sociedade deformada. A parceira perfeita seria aquela de perfil obediente, que entende o homem como o chefe da casa, não usa roupas curtas e exala delicadeza, um mergulho no túnel do tempo recheado de preconceito e sustentado pela face mais perversa do conservadorismo. Elas também não podem ter filhos nem ser divorciadas, muito menos defender ideais de igualdade. "A população feminina é o grande motor da modernidade, colocando abaixo valores e costumes antiquados e naturalmente gerando incômodo nos homens, que agora precisam se reposicionar", analisa a socióloga Isabelle Anchieta.

No Brasil, o Red Pill ganhou holofotes depois que um dos maiores influenciadores nacionais do movimento, Thiago Schutz, 34 anos, passou a ocupar as páginas policiais após

SARAH MORRIS/GETTY IMAGES

A LUTA CONTINUA Movimento Me Too agita os Estados Unidos: direitos conquistados no grito

ameaçar uma humorista que havia postado um vídeo ironizando seu intragável ideário. "Você tem 24 horas para apagar seu conteúdo sobre mim. Depois disso, é processo ou bala", escreveu Schutz em uma mensagem enviada à comediante Livia La Gatto. A artista não se calou e registrou um boletim de ocorrência. "O discurso do Thiago, como o de tantos outros, pode soar apenas ridículo e risível, mas é essencialmente a manifestação de um ódio de gênero", falou Livia a VEJA. Com a repercussão da história, outras pessoas

relataram ter recebido recados de conteúdo parecido com o daquele enviado por Thiago. “Gente como ele não quer nada além de manter o *status quo* tradicional, retaliar o avanço dos direitos adquiridos pelas mulheres e, em alguns casos, pior ainda, fomentar a violência”, avalia a advogada Ana Paula Braga, da Universidade de São Paulo.

O abecedário que encaixou os homens em perfis, como o alfa (o dominador, aquele que está no comando e gosta de exibir força) e o beta (tipo que fala dos sentimentos e compartilha tarefas domésticas), agora se volta para os sigmas, que cultuam o corpo, se apresentam com alta capacidade intelectual, mas são mais reservados e solitários. Uma das citadas inspirações desse grupo vem do personagem Patrick Bateman, interpretado por Christian Bale em *Psicopata Americano,* de 2000, um empresário sempre bem-vestido, que cultiva uma aura de mistério e leva vida dupla como assassino nas madrugadas de Nova York. Cunhado pelo ativista da extrema direita americana Theodore Beale, em 2010, o termo sigma ajuda a definir o exército virtual que toca globalmente o Red Pill. “Eles são um clássico exemplo dos conservadores conspiracionistas. Assim como há quem acredite em tramas para acabar com o Ocidente, os *red pills* têm certeza de que o feminismo quer extinguir a masculinidade”, explica o filósofo Aldo Dinucci, da Universidade de Kent, no Reino Unido.

Nas redes, esses disseminadores de preconceitos empregam um emoji de taça de vinho acompanhado de uma es-

VADIM GHIRDA/AP/IMAGEPLUS

PRISÃO O americano Andrew Tate: acusações de exploração sexual na Romênia

cultura Moai, da Ilha de Páscoa, como marca registrada. Para eles, esses gigantes monumentos trazem traços masculinos a ser cultuados, como a mandíbula bem torneada e o queixo protuberante. Muitos enveredam pela filosofia *Men Going Their Own Way* (algo como homens seguindo seu próprio caminho), que aplicam nos relacionamentos, pouco ou nada relevantes, já que as mulheres podem virar um "entrave" para seu sucesso. Um dos rostos mais conhecidos do

movimento é o do empresário americano Andrew Tate, que chega a levantar a bandeira de que mulheres são propriedade masculina e, também ele, virou assunto de polícia. Atualmente, está preso na Romênia, acusado de exploração e escravização sexual.

Os representantes do Red Pill sistematizam seu modo de viver em dicas sobre como ser atraente, tratar a mulher no primeiro encontro ("pagar a conta, nem pensar") e viver como um "homem de valor". Para uma ala desses ditos *coaches,* tais conselhos se converteram em negócio, como ocorreu com o paranaense João Gabriel Mendes, 30 anos. Ele promete ensinar a "dominar o jogo dos relacionamentos" e a "entender a cabeça das mulheres" em um guia vendido a 97,90 reais. Em sua distorcida visão, que é a defendida por seus semelhantes, a igualdade de gênero já foi alcançada e, hoje, são as feministas as responsáveis por propagar ódio contra a população masculina. "Devemos seguir os papéis naturais, com a mulher exercendo seu dom de ser mãe, de cuidar, ser meiga e zelar, e o homem, o de guiar e ser a base do lar", diz, como se o mundo à sua volta não tivesse se movido um milímetro e passado por uma tremenda revolução. "Vemos hoje uma crise da masculinidade. Aqueles que não sabem lidar com a autonomia feminina e as transformações sociais recorrem ao machismo para reafirmar sua virilidade", observa a psicanalista Regina Navarro Lins. Como se vê, a *red pill* não passa de uma amarga pílula do retrocesso. ■

O GRANDE ARREPENDIMENTO

Na pandemia, milhões de profissionais pediram demissão para levar uma vida mais feliz. Agora, a maioria deles lamenta a decisão e quer o bom e velho emprego de volta **ANDRÉ SOLLITTO**

DESILUSÃO Eu errei: jogar tudo para o alto não é tão empolgante assim

ISTOCK/GETTY IMAGES

EM MEADOS 2021, no auge da pandemia, um movimento nascido nos Estados Unidos prometia mudar para sempre as relações entre empresas e colaboradores. Conhecido como The Great Resignation, ou A Grande Demissão, ele espalhou-se por diversos países e levou a incontáveis pedidos de desligamento de profissionais de diversas áreas de atuação. Por que eles decidiram, como se diz no jargão corporativo, buscar novos desafios? Na verdade, o assombro causado pela Covid-19 levou muita gente a rever os aspectos mais importantes de sua vida — o trabalho certamente era um deles. Para que me submeter a um emprego tedioso se não sei quanto tempo terei para ser feliz? A nova configuração do mercado, especialmente as possibilidades trazidas pelo home office, também era um convite para largar empresas conservadoras e buscar caminhos em outras com jornadas mais flexíveis. Tudo isso parecia promissor e excitante, mas a realidade — sempre ela — se impôs. Agora, A Grande Demissão virou O Grande Arrependimento.

Jogar tudo para o alto, afinal, não é tão empolgante assim. Uma pesquisa global realizada pela consultoria de recursos humanos Paychex constatou que 80% dos profissionais que pediram demissão gostariam de não ter feito a escolha radical. Entre os membros da geração Z, a porcentagem é ainda maior, alcançando 89%. A maioria pretende recuperar o antigo emprego e quase metade diz que está mais difícil conseguir uma vaga. Os tempos são ou-

VOLTA AO BATENTE

Os números que confirmam o novo movimento

Como o movimento de demissões nos EUA e no mundo perde força e dá lugar a um contingente em busca de novos ou velhos trabalhos

2,7% DA FORÇA DE TRABALHO DOS ESTADOS UNIDOS PEDIU DEMISSÃO EM DEZEMBRO DE 2022

39% FIZERAM ISSO PARA SE LIVRAR DE AMBIENTES TÓXICOS DE TRABALHO

80% DOS QUE PEDIRAM DEMISSÃO SE ARREPENDERAM DEPOIS

78% DOS DEMISSIONÁRIOS QUEREM RECUPERAR A ANTIGA POSIÇÃO

49% DELES AFIRMARAM QUE ESTÁ MAIS DIFÍCIL CONSEGUIR UM TRABALHO

Fontes: *Paychex e Job Market Trends Report 2023*

DEMISSÃO EM MASSA Escritório da Dell nos EUA: como outras do setor de tecnologia, a empresa mandou embora milhares de funcionários

tros. Nos Estados Unidos, havia até pouco tempo atrás uma situação de pleno emprego que fez com que os profissionais se sentissem encorajados a sair em busca de diferentes oportunidades. Atualmente, embora a taxa de desemprego continue em níveis historicamente baixos — em janeiro, era de apenas 3,4%, de acordo com a Secretaria de Estatísticas Trabalhistas —, ficou mais difícil encontrar a vaga dos sonhos.

A debacle das empresas de tecnologia, aquelas que costumam oferecer as vagas com melhor remuneração, foi um fator determinante para O Grande Arrependimento. Nos últimos meses, elas demitiram ao menos 250 000 pessoas, e muitos analistas acreditam que o número será ainda maior. Apenas a Dell, uma das maiores fabricantes de computadores do mundo, mandou embora 6 500 profissionais, o equivalente a 5% de sua força de trabalho. Alphabet, Amazon, IBM, Meta, Microsoft, PayPal, Twitter e várias outras também fizeram cortes robustos. Durante a pandemia, essas companhias aceleraram as contratações para responder à crescente demanda da nova era digital que se avizinhava. Especialmente no caso das empresas de tecnologia, a migração forçada para o ambiente digital motivou um otimismo exagerado. À medida que as pessoas voltavam a circular, contudo, as expectativas precisaram ser reajustadas. Nesse contexto, os gestores tiveram de tomar duras decisões para manter seus negócios saudáveis — o que inclui cortes de custos e, portanto, demissões.

O movimento foi sentido no Brasil. As empresas de tecnologia nacionais demitiram ao menos 6 000 funcionários do começo de 2022 até agora, segundo dados compilados pelo site Layoffs Brasil. Grandes companhias, como iFood, Loggi e C6 Bank, eliminaram várias posições. Sob a gestão de Elon Musk, o Twitter fechou o escritório brasileiro. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de

KIN CHEUNG/AP/IMAGEPLUS

LONDRES Centro financeiro da cidade: as receitas das empresas aumentaram

UMA SEMANA MAIS CURTA

Além de temas como diversidade e adoção de modelos híbridos de trabalho, o mercado tem buscado novas estratégias para aliar produtividade a melhoria da qualidade de vida dos funcionários. Nesse cenário, a adoção da semana com quatro dias úteis passou com louvor em um teste realizado no Reino Unido. O projeto 4-Day Week Global envolveu 2 900 colaboradores de 61 empresas, que se comprometeram a manter 100% da produtividade em troca de 100% do salário, mas trabalhando apenas 80% da jornada anterior. Durante seis meses, as empresas registraram 35% de aumento na receita média e 57% menos profissionais deixaram as companhias no período. Os funcionários, claro, aprovaram a experiência: 90% disseram que querem continuar a trabalhar dessa forma e 15% afirmaram que nenhuma quantia adicional de trabalho justifica voltar à semana com cinco dias úteis. O sucesso foi tamanho que 92% das empresas que participaram do teste vão adotar o modelo de forma definitiva, e ele deve começar a ganhar ainda mais espaço no Reino Unido.

Geografia e Estatística (IBGE) divulgados no fim de fevereiro, a taxa média de desemprego em 2022 foi de 9,3%, a menor desde 2015. As perdas provocadas pela pandemia foram plenamente recuperadas pelo mercado de trabalho, mas isso só ocorreu em decorrência da precarização do emprego. Some-se a isso a inflação alta e o que se vislumbra é um cenário preocupante — e pouco estimulante para quem quer se livrar daquele chefe chato.

Não foram apenas motivações econômicas que deram origem ao Grande Arrependimento. O mercado de trabalho muda rapidamente e nem todos estão prontos para se ajustar na velocidade exigida. "Hoje em dia, o perfil do profissional é diferente de tempos atrás", afirma Cristina Fortes, diretora de Operações e Carreira da consultoria de recursos humanos LHH. "O mundo é outro, há pressão crescente para que as companhias abracem a diversidade, os modelos híbridos de trabalho exigem flexibilidade. Nem todos se adaptam." Um exemplo envolve o modelo remoto. Durante a pandemia, quando muitos foram obrigados a dar expediente em casa, nem sempre a performance era prioridade, dadas as circunstâncias excepcionais. Agora, é preciso entregar resultados consistentes, e se manter afastado do escritório exige um tipo de disciplina que nem todos possuem.

Para as lideranças, abandonar modelos antiquados de gestão, como o comando e o controle rígidos em relação à maneira como funcionários desempenham as suas fun-

ções, também parece ser algo desafiador. “O resultado é a dificuldade de inserção no mercado para esse perfil de profissional”, diz Fortes. Além disso, mudou a própria forma como as relações entre colegas são edificadas. No escritório, a convivência diária facilitava a construção de conexões entre as pessoas. No mundo virtual, nem todos têm as habilidades necessárias para costurar amizades e parcerias, e a dificuldade pode levar ao impulso de pedir demissão. No fundo, o Grande Arrependimento revela que as maiores decisões na vida devem ser feitas com ponderação e equilíbrio. Trocar o certo pelo incerto nem sempre é a saída mais inteligente. O ideal é pensar bem no que vai fazer para não se arrepender amargamente depois. ■

LUCILIA DINIZ

CAINDO A FICHA

O telefone chega jovem e sedutor
aos 147 anos de idade

A GENTE usa celular para quê? Para mandar mensagens. Ler notícias. Reservar o restaurante. Fotografar a neta. Conferir uma receita. Ouvir podcast. Comprar. Rezar. Agendar o hotel das férias. Mais: escolher o roteiro das férias. Ver a previsão do tempo. Participar de teleconferências. Dar um google. Marcar a consulta no dentista. Checar o resultado do exame de saúde. Que mais? Ler, pesquisar, estudar. Divertir-se com o meme do dia. Mais alguma coisa? Sei lá, descobrir a origem de expressões como “cair a ficha”. Ah, sim, a gente usa o celular também para conversar.

A lista é bem maior, claro, mas esses itens, os primeiros que vêm à cabeça, são suficientes para afirmar que esse espantoso aparelhinho se tornou, em pouco tempo, central na nossa vida. Fique sem bateria na rua, e você terá arruinado boa parte do seu dia. A observação é ainda mais certeira em relação aos nativos digitais — as crianças e adolescentes que desenvolveram uma relação natural e intuitiva com as novas tecnologias. Para quem não

tem limite, o mundo não é visto na tela — o mundo "é" a tela. Sim, esses precisam de aconselhamento urgente. Mas a maioria consegue separar o virtual do real de maneira saudável, tirando o máximo proveito do que esses telefones inteligentes têm a oferecer.

Quando escrevi "pouco tempo" estava pensando no tempo histórico. As grandes guinadas aconteceram nos últimos anos, com a associação entre telefonia e computação. Tudo começou com aquele celular que parecia um tijolo. Já o smartphone é coisa dos anos 90. De lá para cá é novidade atrás de novidade, ano após ano. A mudança tem sido tão rápida que quase não há mais vestígio daqueles telefones fixos, de discar. Aliás, o próprio ato de discar é desconhecido das novas gerações. A internet está repleta de filmetes engraçados mostrando crianças que não sabem o que fazer diante do disco obsoleto.

"Só não podemos nos esquecer do quanto a vida off-line também tem a nos oferecer"

Tecnologias costumam ser neutras, tudo depende do uso que delas se faça. Uma substância pode viciar, matar ou curar. Uma faca corta o queijo ou fere uma pessoa. E assim por diante. Com o celular não é diferente. O aparelho pode espalhar *fake news* ou contribuir para o bem da sociedade. Mas o potencial para ser um instrumento do bem é enorme. Há vinte anos, com a internet engatinhando, tive a chance de explorar as possibilidades dessa comunicação disruptiva ao estabelecer uma parceria, até então inusitada, com uma operadora de telefonia móvel, o que viabilizou o envio de curtas mensagens — "torpedos", como se dizia — com dicas sobre como viver bem.

Essa história toda me veio à mente porque — veja só! — neste 10 de março se comemora o dia do avô do celular, bisavô talvez: o telefone, apresentado ao mundo em 1876, por Graham Bell. Desde então, a evolução tem sido tão veloz que a língua não acompanha. "Cair a ficha", por exemplo, expressão dos anos 70 usada até hoje, se refere a algo que virou peça de museu: os orelhões públicos que, devido à inflação, passaram a usar poucas fichas em vez de montanhas de moedas.

O telefone chega jovem e sedutor à senhoridade, já que o celular é hoje símbolo da era digital. Só não podemos nos esquecer do quanto a vida off-line também tem a nos oferecer. ■

OS HERÓIS INVISÍVEIS

Uma interessante exposição revela como o Tribunal de Nuremberg fez nascer uma profissão — a interpretação simultânea — sem a qual viveríamos numa babel jurídica **FÁBIO ALTMAN**

FONES E MICROFONES A sala do tribunal, em 1945: ao fundo, os "aquários" de vidro nas laterais onde ficavam os 36 intérpretes divididos em três equipes de doze

KURT HUTTON/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

SÃO RAROS os momentos, na história da humanidade, talhados a revelar a gênese de uma profissão. Foi o que houve de novembro de 1945 a outubro de 1946, nos dez meses dos Julgamentos de Nuremberg, o tribunal mais relevante do século XX, montado depois da II Guerra para denunciar os crimes da Alemanha nazista. Nasceu ali, em caráter oficial, a interpretação simultânea. O estatuto do Tribunal Militar Internacional previa que os réus teriam direito a ouvir os procedimentos numa língua que pudessem compreender, para garantir o amplo direito de defesa. A exigência impunha um desafio: como realizar interrogatórios e depoimentos nos idiomas das cinco potências envolvidas (inglês, francês e russo, do lado vitorioso; alemão, do lado derrotado) sem que o processo se arrastasse por anos? Essa aventura da civilização é iluminada pela exposição *1 Julgamento 4 Línguas: os Pioneiros da Interpretação Simultânea em Nuremberg*, que rodou a Europa e os Estados Unidos e desembarca em 10 de março no Tribunal de Justiça de São Paulo, depois segue para o Rio de Janeiro, organizada pela seção brasileira da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC) e pela Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (Apic).

Antes do seminal evento de Nuremberg, houve tímidas experiências de interpretação simultânea para diversos idiomas ao mesmo tempo — sobretudo porque até a I Guerra Mundial o francês se impunha na diplomacia e quase todos o entendiam. A introdução do inglês mudou o curso do rio. No tribunal de “6 milhões de palavras”, como chegou a ser

chamado, dado o volume de informações e a relevância do tema, montou-se um esquema inédito e espetacular diante de 24 acusados. Eram 36 intérpretes divididos em três equipes de doze. Eles se sentaram em cabines, muradas na frente e nas laterais por vidro, mas abertas em cima. Ficavam um pouco acima do chão do plenário, de modo que pudessem ver o rosto de quem falava. A IBM — à sombra das evidências de ter colaborado com os nazistas — ofereceu os microfones e fones aos profissionais, mas também às 600 pessoas que, diariamente, lotavam a galeria. É difícil encontrar uma fotografia do julgamento em que as pessoas estejam sem fones — e os poucos que parecem não portá-los são alemães, em gesto de falso desinteresse ou evidente desrespeito.

Pairava o silêncio de chumbo — e não fosse a compreensão de tudo o que se dizia, de lá para cá, de cá para lá, as barbaridades reveladas soariam como burburinho indecifrável. O escritor americano John dos Passos, designado a acompanhar o tribunal pela revista *Life,* resumiu a seco o que viu e ouviu. "Quando a promotoria chega aos crimes contra os judeus, os réus congelam num sofrimento atento. A voz da intérprete de alemão acompanha a do promotor, como um eco penetrante de vingança. Através da divisória de vidro, ao lado da área reservada aos prisioneiros, é possível ver o rosto tenso da mulher de cabelos negros que faz a interpretação, a cabeça espremida por reluzentes fones de ouvido. Sua expressão é de horror. Por vezes, sua garganta parece travar, como se ela mal pudesse pronunciar aquelas palavras terríveis. Jackson *(o pro-*

motor-chefe do tribunal, Robert Jackson) tem a voz de um homem razoável, incrédulo diante dos crimes que descobriu, mas seu eco é o alemão engasgado e estéril da intérprete, cuja fala paira sobre os réus como uma mosca."

Alguns intérpretes, filhos de seu tempo, desistiram, incapazes de lidar com a dureza da realidade. Um jovem alemão não prosseguiu, e admitiu sentir culpa — ele havia sido tenente das Forças Armadas alemãs durante a guerra. Uma outra profissional, de origem judaica, abandonou o plenário porque não suportou dar voz a acusados que, em suas palavras, foram responsáveis "pela morte de doze dos catorze homens da minha família". Um dos intérpretes, o alemão radicado nos Estados Unidos Richard Sonnenfeldt, fez o improvável ao dar um pito em Hermann Goering, o comandante da Força Aérea nazista. "Quando eu traduzir as perguntas do coronel para o alemão e suas respostas para o inglês, o senhor deve se calar até que eu tenha terminado. Não interrompa." Mas nada resume com mais precisão a relevância da interpretação simultânea quanto à reação de Armand Jacobovitch, cujos pais tinham sido assassinados em Auschwitz. Ele tinha todos os motivos do mundo para defender a pena de morte aos culpados, e ajudar a encaminhá-la, com sua atividade. Contudo, era contra. Anos depois, ao resumir o trabalho em Nuremberg, anotou: "A interpretação é um ato de humanidade". Não por acaso, hoje, em um mundo com uma outra grave pandemia — a de refugiados — há nas relações internacionais a figura do "direito à tradução e interpretação".

A exposição que chega agora ao Brasil amplia essa constatação, a da relevância de se fazer entender — e mostra que em tempo de inteligência artificial (IA), de robôs como o badalado ChatGPT, afeito a tudo escrever e sobre tudo palpitar, há uma atividade que parece imune aos evidentes avanços da tradução automática. O Tribunal de Nuremberg não daria o decisivo passo civilizatório que deu se tivesse sido testemunhado pela IA, em babel juridicamente imprecisa, e seria um fracasso não fosse a interpretação simultânea. Pense nisso, nesse espetacular fio da meada, capítulo essencial do conhecimento humano, ao ouvir em português a cerimônia de entrega do Oscar no próximo dia 12 — injusta e severamente criticada. ■

ENTRANDO NUMA FRIA

Antes visitada apenas por cientistas e aventureiros, a Antártica se transforma em destino para turistas convencionais – mas o aumento de demanda preocupa ambientalistas **PAULA FELIX**

EXUBERÂNCIA Belezas naturais: o continente tem cenários repletos de montanhas congeladas

WOLFGANG KAEHLER/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

EM JANEIRO DE 1820, dois grupos distintos de exploradores avançaram para o hemisfério sul do globo e depararam com um imenso território intocado. O russo Thaddeus von Bellingshausen descreveu a região como "uma costa de gelo de altura extrema", enquanto o britânico Edward Bransfield relatou a visão de "montanhas altas, cobertas de neve". Eles foram os primeiros a avistar terra na Antártica, o continente gelado que nas décadas seguintes foi palco de dramáticas viagens. Acidentes, falhas em embarcações e falta de provisões provocaram lutas pela vida descritas em livros e documentos extraordinários, que desnudam a vocação impetuosa e desbravadora da alma humana. Foi a era heroica da exploração glacial, em nada semelhante aos novos tempos. Hoje em dia, é completamente diferente: luxuosos cruzeiros, passeios de caiaque e a possibilidade de avistar pinguins, leões-marinhos e baleias têm movimentado o turismo na região. Depois de uma pausa nas atividades imposta pela pandemia de Covid-19, o setor está novamente aquecido — espera-se um aumento de 40% de visitantes na gelada Antártica nesta retomada.

Trata-se de uma mudança radical na paisagem da região. Após o período de expedições, a Antártica se tornou um destino fundamental para a pesquisa científica. Mesmo quando turistas se tornaram mais frequentes no continente gelado, no início dos anos 1990, eles eram em sua maioria aventureiros e adeptos de situações extremas. Os grupos eram pequenos e a estrutura dessas viagens, completamente singela. Em 2000, de acordo com relatório da Associação Internacional de Ope-

WOLFGANG KAEHLER/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

VIDA SELVAGEM Viajante fotografa pinguins: risco para espécies locais

radores Turísticos da Antártica (Iaato, na sigla em inglês), 12 248 pessoas estiveram no continente. Desde então, o número não parou de crescer até atingir o recorde de 74 381 pessoas na temporada de 2019 e 2020.

Agora, novas marcas deverão ser quebradas graças à mudança no perfil dos turistas. Saem de cena os radicais que aceitam todo tipo de desafio para dar lugar a viajantes que priorizam o conforto, a segurança e boas doses de luxo. "A procura para a temporada de 2022 e 2023 mais que dobrou, porque é uma experiência transformadora", afirma Jota Marincek, fun-

dador da empresa de viagens Venturas. “O continente não tem somente gelo, mas também montanhas, animais e bases de pesquisa.” Para chegar até lá, as agências usam a cidade argentina de Ushuaia como ponto de partida, de onde zarpam os navios para travessias de até dois dias. Detalhe: os pacotes custam em torno de 10 000 dólares por pessoa.

Tamanho aumento na demanda foi acompanhado por inovações na indústria de embarcações. Os navios que viajam para lá têm tecnologias para oferecer estabilidade em trechos revoltos e resistência ao navegar em ambientes polares. Por dentro, é como estar em um hotel cinco-estrelas, com mimos típicos de estabelecimentos do gênero. “Estamos em um ambiente remoto, mas não deixamos de ter opções de restaurante e serviço com equipe especializada”, diz Jean Saraiva, diretor de vendas para Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai da empresa de cruzeiros Silversea. A bordo do Minerva, da companhia Swan Hellenic, as acomodações podem ter sacadas privativas, camas espaçosas e conforto térmico. Nos espaços coletivos, há piscina aquecida e salões de festas. “As pessoas nem sempre vão contar para os netos que foram para Paris, um destino conhecido, mas vão falar que foram para a Antártica”, diz Ilan Wallach, da agência GSP Atlanta Travel.

A nova era de expedições, no entanto, é vista com preocupação por ambientalistas. A presença humana nunca é inócua e o fluxo de embarcações contamina a neve com o carbono proveniente dos resíduos dos navios. Além disso, há ainda maior emissão dos gases causadores do efeito estufa e o risco

FOTOS SWAN HELLENIC TRAVEL

LUXO NO GELO

A novas embarcações que levam turistas à Antártica são resistentes para navegar em águas repletas de gelo, mas por dentro parecem hotéis cinco-estrelas. O navio Minerva *(acima, à esq.)* tem serviço de bordo luxuoso, piscinas, varandas privativas e quartos com temperatura controlada

de transporte de espécies invasoras. "À medida que o oceano esquenta, o gelo do mar muda e a atividade humana aumenta", alerta, em seu site, a entidade Coalizão Antártica e do Oceano Antártico, que defende o foco na preservação ambiental. "Esse vibrante ecossistema está sob estresse." Preocupações ambientais não podem sair do radar de quem deseja que as belezas se mantenham cristalizadas na memória. A Antártica é um patrimônio da humanidade, e como tal deveria ser protegida para sempre, de culto à beleza alva, mas com bastante cuidado. ■

BOLA DIVIDIDA

Dois grupos disputam a preferência dos clubes para formar uma liga profissional eficiente e rentável. Como sempre ocorre no futebol brasileiro, ninguém se entende

DIEGO ALEJANDRO

DAVI E GOLIAS Jogo entre Vasco e Flamengo: propostas querem diminuir a diferença de faturamento entre os clubes

JORGE RODRIGUES/AGIF/AFP

AS PRIMEIRAS LIGAS profissionais de futebol surgiram no fim do século XIX na Inglaterra e na Escócia. A Football League e a Scottish Football foram responsáveis por popularizar o jogo em seus países e inspiraram organizações semelhantes na Europa e em outras partes do mundo. No século XXI, Premier League (Inglaterra), La Liga (Espanha), Serie A (Itália) e Bundesliga (Alemanha) estão entre as mais assistidas — e, portanto, entre as mais valiosas do mundo. Não é de hoje que o Brasil busca reproduzir o modelo de sucesso do Velho Continente, mas os cartolas sempre acabam tropeçando na falta de união e na ganância desmedida. Duas novas iniciativas prometem superar os velhos obstáculos de uma vez por todas. A bola, contudo, segue dividida.

A Liga do Futebol Brasileiro (Libra) e a Liga Forte Futebol do Brasil (LFF) disputam o coração dos clubes com a promessa de organizar campeonatos fortes e economicamente rentáveis. "Unidos, os times podem negociar melhor com a mídia e aumentar as receitas", diz Thiago Scuro, CEO do Red Bull Bragantino, integrante da Libra. Como quase tudo no futebol brasileiro, o cenário é pouco harmonioso. A LFF é uma dissidência da Libra e, até agora, não há consenso sobre qual modelo será vitorioso, embora eles pouco se diferenciem *(veja o quadro na pág. ao lado)*.

Por trás da disputa, claro, há interesses financeiros. Quem patrocina a Libra é a Mubadala Capital, fundo de investimentos bilionário dos Emirados Árabes Unidos, que promete investir 4,75 bilhões de reais nos dois campeonatos.

O QUE ESTÁ EM JOGO

Entenda as diferenças entre as propostas

LIGA DO FUTEBOL BRASILEIRO (LIBRA)

MEMBROS

Bahia, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, Guarani, Ituano, Mirassol, Novorizontino, Palmeiras, Ponte Preta, Bragantino, Sampaio Corrêa, Santos, São Paulo, Vasco e Vitória

MODELO DE RECEITAS

40% dos valores de contratos de transmissão serão divididos de forma igualitária entre os clubes, **30%** por desempenho esportivo e **30%** por engajamento durante o período de transição

INVESTIDORES E PARCEIROS

Mubadala Capital, um fundo de investimentos dos Emirados Árabes. Ele oferece **4,75 bilhões de reais** por uma única liga com os quarenta clubes das Séries A e B do Brasileiro. As empresas responsáveis pelas negociações com o mercado são a Codajas Sports Kapital e o BTG Pactual

LIGA FORTE FUTEBOL DO BRASIL (LFF)

MEMBROS

ABC, Athletico-PR, Atlético-MG, América-MG, Atlético-GO, Avaí, Brusque, Chapecoense, Coritiba, Ceará, Criciúma, CRB, CSA, Cuiabá, Figueirense, Fluminense, Fortaleza, Goiás, Internacional, Juventude, Londrina, Náutico, Operário-PR, Sport, Vila Nova e Tombense

MODELO DE RECEITAS

45% serão divididos igualmente entres clubes, **30%** por performance em campo e **25%** pelo engajamento

INVESTIDORES E PARCEIROS

Serengeti Asset Management, fundo americano que oferece **4,85 bilhões de reais** por uma liga com os quarenta clubes da Séries A e B do Brasileiro. A LFF é representada pela XP Investimentos, Alvarez & Marsal e LiveMode

PAULO PAIVA/AGIF/AFP

TRANSMISSÃO Venda de direitos: valores desiguais geram desentendimentos

A LFF trabalha com a Serengeti Asset Management, dos Estados Unidos, em parceria com a LCP Corretora, de Curitiba, que oferecem 100 milhões de reais a mais do que a outra proposta — mas de forma parcelada. Por ser uma empresa bem menor que a rival árabe, o arremate é visto com desconfiança. Entretanto, de acordo com pessoas envolvidas nas negociações, a XP Investimentos já garantiu que o dinheiro existe. “Eu tenho plena confiança de que o trabalho é sério”, afirma Marcelo Paz, presidente do Fortaleza e um dos fundadores da LFF. “Do contrário, não teria assinado.”

Afinal, que benefícios concretos a criação das ligas traria para o futebol brasileiro? Um ponto relevante ressaltado pelas duas correntes diferentes diz respeito à remuneração dos clubes para as transmissões das partidas. A tendência é que a disparidade financeira diminua, o que teoricamente tornará

as disputas mais equilibradas. Um exemplo com os times que disputaram a Série A do Campeonato Brasileiro no ano passado mostra o escandaloso abismo entre eles. O Flamengo recebeu da TV Globo 163,9 milhões de reais, enquanto os dois "lanternas", Cuiabá e Red Bull Bragantino, levaram 146 700 reais cada um — uma diferença de mais de 1 000%. As duas ligas sugerem fórmulas menos discrepantes. Para a Libra, 40% das receitas de transmissão seriam divididas de forma equânime entre os clubes. Para a LFF, o montante deveria ser de 45%. Outro aspecto a se destacar é a possibilidade de criação de uma marca nacional, a exemplo da Premier League na Inglaterra e da La Liga na Espanha. Uma marca forte, e com o prestígio do futebol brasileiro, poderia se tornar internacional e gerar novas receitas para os clubes. Ela também tem potencial para beneficiar os torcedores — clubes mais ricos montam times melhores, e o espetáculo só tem a ganhar.

No papel, tudo isso parece promissor, mas muitas dúvidas pairam no ar. Quem será a liderança eleita para gerir os campeonatos sem levar em conta preferências futebolísticas e interesses pessoais? Se um time fundador da liga cair para a segunda divisão, cumprirá o seu dever de disputar o torneio menor? Investidores internacionais, como árabes ou americanos, serão capazes de entender as peculiaridades que regem o futebol mais vitorioso do mundo? São perguntas sem respostas e que merecem esclarecimentos imediatos dos envolvidos. Por enquanto, a bola permanece distante do gol e o jogo segue truncado. Pobre futebol brasileiro. ■

VIVO INTENSAMENTE

Maria Lucia Wood Saldanha, de 54 anos, tem ELA e deu este depoimento com o movimento dos olhos

TENHO esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença neurodegenerativa, progressiva e que, até o momento, não tem cura. Normalmente, a média de vida dos pacientes varia de dois a cinco anos. Há casos que evoluem mais rapidamente, como também há pessoas que convivem com a doença por décadas, como ocorreu com o físico britânico Stephen Hawking (1942-2018). No meu caso, já se passaram doze anos desde o primeiro sintoma, em novembro de 2010.

O diagnóstico veio em 2012 e, diante dele, quando eu só apresentava comprometimento em alguns dedos das mãos, percebi que só me restavam duas opções: esperar a morte ou viver intensamente cada dia. Sou formada em direito e atuei

na área trabalhista por 22 anos. Um ano depois de ter sido diagnosticada, fui aposentada por invalidez. Apesar de ter recebido uma sentença de morte sem ter cometido nenhum crime, ainda tinha a oportunidade de fazer muita coisa — afinal, estava viva. Com o passar dos anos, foram aumentando as limitações, mas fui me reinventando, gerando diferentes oportunidades de ser feliz, descobrindo uma fortaleza que até então eu não sabia que possuía.

Atualmente, só consigo, praticamente, mexer os olhos e alguns músculos da face. Necessito de terceiros para escovar os dentes, me limpar, tomar banho, me vestir e despir, levantar e virar na cama, ajeitar o computador na minha frente, me posicionar, colocar e tirar os óculos, coçar e até para tirar um fio de cabelo que cai no rosto. Não me alimento por via oral, mas por sonda gástrica. Não falo mais. Respiro com ajuda de ventilador mecânico, ligado à traqueostomia (abertura feita cirurgicamente na traqueia). Tenho sempre alguém 24 horas por dia ao meu lado.

Procuro mostrar que, mesmo na minha condição, é possível ter vida. Vou ao teatro, cinema, shows, shoppings, parques e jogos do Athletico Paranaense, time do qual sou torcedora. Sempre procurei extrair o lado positivo das dificuldades pelas quais passei desde o início da doença. E, assim, mostrar a todos que a vida é bela e que, para ser feliz, basta querer. E eu quero.

Para me comunicar uso um dispositivo chamado Tobii, que é acoplado ao computador e que lê os movimentos da íris.

Eu olho para um teclado que aparece na tela e fixo o olhar na letra que pretendo digitar. E, assim, vou formando palavras e frases. Foi com o movimento dos meus olhos que escrevi dois livros. Em outubro de 2020, em plena pandemia de Covid-19, foi lançado o primeiro: *Como Cresci com ELA,* no qual relato a minha vida pós-diagnóstico e a forma como passei a encarar cada desafio que a doença me trouxe. Em junho de 2022 foi lançado o segundo, chamado *A Vida É Bela — Como Aprender com ELA,* com reflexões sobre a doença e sobre a vida. Tento mostrar a todos que a felicidade é uma opção.

Agora, estou prestes a realizar meu último desejo, que é fazer uma travessia de navio do Brasil à Europa. A viagem será feita em abril e deve durar 22 dias. Será um desafio, pela minha condição de saúde. Algumas pessoas acham que eu não deveria utilizar a expressão “último desejo”, pois tem um tom de despedida e soa como uma desistência de viver. Mas não é isso. Jamais vou me entregar. Retrata tão somente o último dos meus sonhos, ao lado de ver meu filho formado e encaminhado. O que vier, daqui para a frente, será bônus que, certamente, não desperdiçarei. A vida pode não ser fácil, mas é maravilhosa e ainda quero viver muito. Estou bem e tenho muita disposição para continuar lutando. Vivo um dia de cada vez. Se a cura da ELA não vier a tempo, pelo menos vou poder dizer que a minha vida foi bem vivida. ■

Depoimento dado a Paula Felix

MÉDICOS DE ALMAS

Com a pandemia de Covid-19, os estoicos e suas lições valiosas sobre uma vida mais simples e disciplinada voltam a cair no gosto popular **ALESSANDRO GIANNINI**

"Sofremos mais na imaginação do que na realidade."
SÊNECA, preceptor de Nero e considerado um mestre da retórica

KEN WELSH/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

ISTOCK/GETTY IMAGES

FUNDADO no século III a.C. por um grupo de filósofos gregos, o estoicismo preconiza que, por meio de uma vida simples e disciplinada, seria possível alcançar a paz interior e a felicidade. Eles também acreditavam que podemos nos tornar pessoas melhores se aceitarmos sem lamentos e com coragem o que o destino nos reserva. Os ensinamentos remontam a Zenão de Cítio, um cipriota de posses que se encantou com a filosofia quando chegou a Atenas por volta de 300 a.C. O filho de comerciantes iniciou uma escola sob o "pórtico pintado" da cidade — *"stoa poikile"*, em grego, de onde vem o nome da corrente. O resto é história. Cleantes e Crisipo, seus sucessores, se encarregaram de difundir as lições e princípios, que tiveram influência duradoura no pensamento moderno e, vez por outra, encenam o que parece ser uma volta ao gosto popular.

BOSTON PUBLIC LIBRARY

“As circunstâncias não fazem o homem, apenas o revelam a si mesmo.”

EPÍTETO, cujos escritos foram registrados por um aluno

Os estoicos, a rigor, nunca saíram de cena. Na segunda metade do século XX, trabalhos sobre filosofia helenística do francês Michel Foucault e do britânico Anthony Long inspiraram pesquisadores contemporâneos, que passaram a publicar livros acadêmicos. Bebiam também de nomes seminais da Roma Antiga, como Sêneca, Epíteto e o imperador romano Marco Aurélio. Mais recentemente, o estoicismo ultrapassou os limites da academia e passou a interessar um público mais amplo. “Há um renascimento do estoicismo por motivações diversas”, disse a VEJA Aldo Dinucci, professor da Universidade Federal de Sergipe e autoridade nesse campo.

No período helenístico e romano, como notou o historiador e filólogo francês Pierre Hadot, a filosofia combinava teoria e prática. Havia escolas pelas quais os novatos

TERAPIA PARA A MENTE

FACEBOOK @ROYALHOLLOWAY

LIÇÕES Sellars: nova perspectiva

Professor de filosofia da Universidade de Londres e autor do ótimo *Lições de Estoicismo*, John Sellars fala sobre a retomada da corrente.

Existe mesmo um renascimento do estoicismo? Há dez ou quinze anos, começou a haver muito interesse pelos estoicos entre a população em geral em razão de eventos que mexeram com o mundo. Acho que os escritos de Marco Aurélio sempre venderam bem, mas o leque de busca por outros autores se ampliou. Começamos a ver até vários grupos ao redor do mundo que se formaram, inclusive no Brasil.

Há até uma convenção, a Stoicon, certo? Sim. A primeira foi em Londres, em 2013. Depois de três anos na Inglaterra, trouxemos pessoas dos EUA para o grupo, que é chamado de Modern Stoicism (Estoicismo Moderno).

Como o estoicismo influenciou a sua vida pessoal? Há uma ênfase em colocar preocupações cotidianas em um contexto mais amplo, o que acho muito útil. Tentamos ir além de nossa visão estreita de mundo e ver as coisas de uma perspectiva mais objetiva. Refletir sobre o que podemos controlar e o que não podemos controlar também ajuda.

optavam e, a partir dos estudos filosóficos, buscavam se transformar internamente por meio da reflexão sobre suas próprias crenças, tendo como objetivo a conquista da *eudaimonia,* termo grego que costuma ser traduzido um tanto imprecisamente por felicidade. “Ora, a felicidade é algo que se busca tanto na Antiguidade como nos dias de hoje, e os textos dos estoicos tratam muito disso”, diz Dinucci. “Não é de admirar que as reflexões dos antigos estoicos nos importem.”

O “revival” pode ser atribuído a dois momentos decisivos do início do século XXI, ambos com repercussões globais. O primeiro foi a crise financeira de 2008, impulsionada pela quebra do banco de investimentos Lehman Brothers, nos Estados Unidos. O outro, a pandemia de Covid-19, que cobrou a vida de quase 7 milhões de pessoas no planeta, 700 000 delas só no Brasil — em número que continua a crescer, ainda que mais lentamente. Nos dois casos, a humanidade teve de aceitar um fato cabal: certas situações fogem de nosso controle, e só nos resta refletir em torno delas. Ao mesmo tempo, foi necessário reconhecer que, como indivíduos, não temos o poder de consertar tudo. “Há muitos conselhos nos autores estoicos sobre como lidar com as adversidades”, disse a VEJA John Sellars, professor de filosofia na Universidade de Londres *(leia ao lado),* autor do ótimo *Lições de Estoicismo* (Sextante).

Prova de que o estoicismo voltou ao gosto popular está na quantidade de livros sobre a escola de Zenão que estão

ocupando lugares de destaque nas livrarias. O americano Ryan Holiday é autor — com Stephen Hanselman — de *Diário Estoico,* que traz pensamentos dos principais filósofos para cada dia do ano, e acaba de lançar *O Chamado da Coragem*, ambos pela Intrínseca. A editora Somos Livros tem *O Pequeno Manual Estoico*, de Jonas Salzgeber, e *Ser Estoico: Eterno Aprendiz*, de Ward Farnsworth, entre seus títulos mais vendidos.

Todos eles são como pontes para a leitura dos textos originais — e não há por que temê-los, em traduções muito boas para o português. Os estoicos de Roma, segundo os especialistas, são os melhores para serem lidos como ponto de partida. O mais prolífico foi Sêneca, considerado um mestre da retórica. *O Manual de Epicteto*, que o professor Aldo Dinucci traduziu do grego, foi escrito por Flávio Arriano, um aluno que sintetizou o pensamento do mestre por meio de aforismos. Por sua vez, o imperador Marco Aurélio deixou grande quantidade de anotações em cadernos pessoais, quase como se fossem diários, refletindo sobre sua vida e rotina como comandante militar. É um legado que provou ser eficiente nos momentos mais dramáticos da história — e que hoje, na ágora infinita e desordenada das redes sociais, merece atenção. ■

O BIG BANG DA MODA

Como o ano de 1997, tema de uma mostra em Paris, explodiu as passarelas para celebrar o cotidiano depois da profunda recessão econômica global

SIMONE BLANES

DESCONSTRUÇÃO O traço de Rei Kawakubo para a Comme des Garçons: corpo redesenhado

COMME DES GARÇONS

ALGUNS ANOS, na aventura da civilização, estão atrelados a movimentações tectônicas em torno das quais se erguem muralhas metafóricas do antes e do depois. Em 1968 — aquele que não terminou, na definição do jornalista Zuenir Ventura — o mundo parou para ver, ouvir e dar passagem aos estudantes de Paris, a Caetano e Gil, mas também aos assassinatos de Martin Luther King e Bobby Kennedy, além dos horrores da Guerra do Vietnã e da ditadura no Brasil. Em 1989, foi-se o Muro de Berlim, numa sucessão de derrocadas políticas nos países comunistas do Leste Europeu de tirar o fôlego — e de fazer Lenin se revirar no mausoléu da Praça Vermelha. Mas houve também um ano miraculoso na moda, o fechar de cortinas do que mor-

MANIFESTO As ideias de John Galliano para o classicismo da Dior: o grito das modelos negras

DIOR

reu de velho e a abertura da avenida que culminaria no vale-tudo de hoje. Foi em 1997, tema de uma exposição no Le Palais Galliera, em Paris (e onde mais poderia ser?). A mostra *1997 — Fashion Big Bang* é a perfeita tradução do que o título informa: a explosão primordial nas passarelas e revistas, o reinício de tudo.

Mas, afinal de contas, o que ocorreu naqueles doze meses infindáveis — e por que naquele exato momento? A Comme des Garçons explodiu com os corpos desconstruídos e geométricos desenhados por Rei Kawakubo. O britânico John Galliano, contratado pela venerada Dior, bagunçou o coreto do classicismo — e, corajoso e visionário, pôs modelos negras para vestir seus cortes. Foi acusado de racismo, mas o que alinhavou era o oposto. O francês Jean-Paul Gaultier deu um che-

THIERRY MUGLER

SUSTO NA PASSARELA
A sensualidade teatral de Thierry Mugler: ponto-final na austeridade aborrecida

JP GAULTIER

RUPTURA As cores de Jean Paul Gaultier: um chega para lá no minimalismo do início da década de 90

ga para lá no minimalismo e na austeridade, com cores e linhas novidadeiras. Seu conterrâneo, Thierry Mugler, impregnado de sensualidade teatral, seguiu a mesma estrada. Ah, e teve ainda o charme a um só tempo delicado e iconoclasta da baguette, a bolsinha da Fendi preferida da personagem de Sarah Jessica Parker em *Sex in The City.*

Não sobraria pedra sobre pedra. Em 1919, o pretinho básico de Coco Chanel inaugurou uma era. Em 1947, o New Look de Christian Dior reinventou a mulher. Eram pontos fora da curva. “Historicamente, os grandes anos para a mo-

da foram ligados a um único evento”, diz Alexandre Samson, curador da exposição parisiense. “Mas 1997 teve pelo menos cinquenta momentos explosivos.” Tudo isso embebido do drama pelo assassinato de Gianni Versace, em julho, e a morte da princesa Diana, ícone fashion inescapável, em agosto.

FENDI

SÍMBOLO A bolsinha baguette da Fendi: 25 anos de estrada

É um engano, contudo, imaginar que 1997 tenha sido apenas um varal no qual se penduraram belezas aleatórias. Havia uma revolução em curso. Era uma resposta à crise econômica da qual o mundo ocidental saía, depois de anos de recessão. A criatividade foi costurada com avanços industriais — e o que soava estranho e espantoso nos desfiles começou a entrar nas linhas de montagem e dali foi para as ruas. “A explosão de talento daquele tempo pavimentou a moda contemporânea”, diz Miren Arzalluz, diretora do Palais Galliera.

A moda é manifesto, caminha de mãos dadas com a sociedade, distante da futilidade. É um retrato de seu tempo. Parece mágica de Harry Potter — cujo primeiro livro da saga, aliás, foi lançado em 1997 —, mas não é. A variedade impulsionada pela vontade de reinvenção, um basta à chatice incolor, ecoava, no fim dos anos 1990, uma das máximas do bom frasista Gaultier: “É lindo ser o que você é”. É mesmo. ■

STOCK MONTAGE/GETTY IMAGES

À FRENTE DO SEU TEMPO Shakespeare: crítico da devastação ecológica

O PRIMEIRO AMBIENTALISTA

Novo livro publicado no Reino Unido analisa a obra de William Shakespeare e identifica a preocupação do dramaturgo com problemas sociais ligados à natureza

MARILIA MONITCHELE

A OBRA inescapável e universal do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) não é apenas um monumento das letras que continua inspirando escritores, cineastas e outros artistas mais de quatro séculos depois de sua morte, mas é peça fundamental na maneira como os seres humanos se acostumaram a discutir sua própria humanidade. O olhar crítico do bardo, muitas vezes debochado, mas sempre perspicaz, foi fundamental para interpretar os meandros da alma humana, as dores e amores de todos nós. Essa habilidade é celebrada há séculos. Agora, uma outra faceta de seu trabalho começa a ser revelada: a preocupação ambiental, muitas vezes oculta em peças extremamente populares.

Publicado recentemente pela editora Oxford University Press, ligada à Universidade de Oxford, o livro *Shakespeare Beyond the Green World: Drama and Ecopolitics in Jacobean Britain* (ainda inédito no Brasil), de Todd Borlik, especializado em literatura renascentista, propõe interpretações heterodoxas sobre algumas peças clássicas. Personagens como Macbeth e Rei Lear, segundo ele, passam por momentos de epifania para mostrar a arrogância e a crueldade dos seres humanos. "Shakespeare usa a realeza como uma metáfora para o controle humano do meio ambiente", diz Borlik. "Quando reis descobrem que a terra não existe para atendê-los, suas peças estão nos ensinando a abandonar as ilusões de que temos o direito de dominar o planeta."

O ambientalismo de Shakeaspeare pode ser decifrado em textos relevantes do gênio de Stratford-upon-Avon. *A*

MAURO MAGLIANI/MONDADORI PORTFOLIO/GETTY IMAGES

DOR Quadro de Tiepolo retrata a peste: o bardo perdeu parentes para a doença

Tempestade, tida com a última peça escrita pelo gênio das letras, se passa em uma ilha remota. Durante muito tempo, acreditou-se que ela ficava no Mediterrâneo, ou era uma alegoria para a América, cuja "descoberta" pelos europeus ainda era recente. Borlik, contudo, afirma se tratar de uma referência ao processo de drenagem dos pântanos das Fenlands, no leste da Inglaterra. A decisão do governo de transformar a região em campo agricultável encontrou resistência popular, e alguns cidadãos sabotaram o processo com atos que hoje em dia seriam chamados, jocosamente, de "ecoterroristas".

Há outras descobertas. Na tragédia *Coriolano,* o dramaturgo trata da revolta da população contra a decisão do governo de armazenar grãos e vetar o acesso dos cidadãos aos alimentos. Embora ambientada em Roma, faz referência à colonização da província irlandesa de Ulster, levada a cabo pelo rei Jaime I. Terras eram confiscadas dos antigos líderes gaélicos, grandes fazendas eram fundadas pelos membros das classes abastadas da Inglaterra e colonos eram enviados para cuidar das plantações, provocando a revolta da comunidade. Em *Conto de Inverno,* a rainha Hermione é acusada de adultério e despida de suas roupas feitas de pele em uma cena que, segundo Borlik, serve de metáfora para a esfola de um animal. A crítica seria direcionada ao rei Jaime I, um entusiasta da caça. Em *Macbeth,* o autor menciona uma onda de calor em cenas que mostram seu interesse pela natureza — e podem ser lidas como previsão do aquecimento global.

A preocupação de Shakespeare pelo impacto da ação humana na natureza não é à toa. O dramaturgo nasceu logo depois de um surto de peste que matou um quinto da população e causou impacto em sua família. Nas décadas seguintes, outras chagas mataram amigos do autor e espalharam o medo entre a população. Quando o número de mortos atingia um certo nível, o isolamento social era imposto e teatros e bordéis eram fechados na expectativa de reduzir a contaminação. Nos períodos de quarentena, Shakespeare escreveu algumas de suas peças mais conhecidas, como *Rei Lear, Macbeth* e *Antônio e Cleópatra*.

Embora apresente uma perspectiva surpreendente das obras de Shakespeare, Borlik, a rigor, não inaugura um novo campo de estudos. Ele trata de iluminá-lo com ênfase. Em 2015, o crítico e pesquisador do trabalho shakespeariano Randall Martin lançou *Shakespeare and Ecology,* uma das primeiras análises a abordar a militância política do autor. Além das peças mencionadas por Borlik, Martin analisa outras questões atreladas aos danos ambientais, como o desmatamento apresentado em *As Alegres Comadres de Windsor* e a agricultura voltada para o lucro a qualquer custo em *Como Gostais*. Shakeaspeare estava, definitivamente, muito à frente de seu tempo. Lê-lo aos olhos de hoje, e interpretá-lo de mãos dadas com a natureza, é um exercício agradável — e fundamental, porque só temos um planeta Terra. ■

FINE ART IMAGES/GETTY IMAGES

NA MIRA Rei Jaime I da Inglaterra: obras do escritor lamentam o gosto do monarca por sangrentas caçadas

JEFFREY MAYER/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

MÁQUINA VOADORA

Uma biografia esmiúça a vida de John Bonham, o músico do Led Zeppelin que revolucionou a bateria no rock e morreu aos 32 anos numa espiral autodestrutiva

FELIPE BRANCO CRUZ

DICK BARNATT/REDFERNS/GETTY IMAGES

FORÇA BRUTA Bonham quebrando tudo num show *(à esq.)* e com John Paul Jones, Jimmy Page e Robert Plant *(ele é o último à dir.)*: sem Bonzo, a banda não quis continuar

Em meados de 1974, quando já era uma das bandas que mais vendiam discos no mundo, o Led Zeppelin convocou os executivos de sua gravadora com uma exigência incomum: eles queriam contratar um fotógrafo oficial para as turnês, porque as imagens que saíam nos jornais nunca incluíam o baterista John Bonham. "Esta é uma banda de quatro pessoas, e eu não quero mais que isso aconteça", teria dito o guitarrista

Jimmy Page. A demanda era um sinal inequívoco do valor que o grupo dava a Bonzo — um dos apelidos do músico. O desinteresse dos fotógrafos por um cara que ficava lá no fundo do palco tinha razão de ser: até então, exceto por raríssimas exceções, bateristas serviam apenas para marcar o ritmo — jamais eram vistos como as estrelas das bandas. O próprio Bonham, porém, brigava para fazer valer a crença que sempre o moveu: a de que a bateria é o motor da música e, como tal, deveria ficar na frente do palco. A máxima podia não se aplicar a qualquer grupo de rock, mas no caso do Led Zeppelin era incontestável: os outros integrantes o consideravam, com razão, seu coração pulsante. Na dramática e última turnê do quarteto pelos Estados Unidos, em 1977, Bonham pôs em prática essa ideia: lá pelas tantas, Page, Robert Plant e John Paul Jones se retiravam de cena e, pelos trinta minutos seguintes do show, ele assumia o espetáculo quebrando tudo no solo percussivo *Over the Top*.

O espantoso é que o mesmo músico que embasbacava os fãs com suas pancadas avassaladoras também ilustrava de forma cabal o lado autodestrutivo do rock, com baladas homéricas e consumo industrial de álcool e drogas. Bonham incorporou como poucos o lema "Viva rápido, morra jovem" quando, em 1980, foi achado morto por asfixia no próprio vômito após consumir mais de quarenta doses de vodca, com apenas 32 anos. A falta de interesse em bateristas, de maneira geral, se refletiu também na literatura. Apesar de existirem inúmeros livros sobre o Zeppelin, foi apenas com a bio-

grafia ***Bonzo: John Bonham e a Ascensão do Led Zeppelin,*** lançada em 2021 nos Estados Unidos e que chega ao Brasil na quarta-feira 15, que a complexa personalidade do roqueiro foi dissecada, desde sua formação musical até as razões que o levaram a se viciar em álcool.

BONZO: JOHN BONHAM E A ASCENSÃO DO LED ZEPPELIN,
de C.M. Kushins (tradução de Paulo Alves; Belas Letras; 504 páginas; 119,90 reais e 59,90 em e-book)

O livro esmiúça a adolescência do artista e, ainda que o autor não tenha contado com a ajuda de nenhum ex-integrante da banda, ouviu diversas pessoas que frequentaram o círculo íntimo do Led Zeppelin, adicionando novas histórias ao cânone do conjunto. Há também uma análise profunda sobre a técnica de Bonham e a influência contínua que exerce até hoje nos bateristas — como Dave Grohl, do Foo Fighters, que assina o prefácio.

Apesar de sua incomparável força bruta, característica que resume o estereótipo de um baterista de rock — não por acaso, também era conhecido como The Beast (a Besta) —, Bonham explorava sutilezas rítmicas que remetiam aos mestres do jazz. “Ao contrário da maioria dos bateristas de rock, influenciados pelo blues, ele ouvia muito mais jazz, e isso foi essencial em sua

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

FARRA Bonham *(de chapéu, à dir.)* em balada do Zeppelin: overdose de vodca

formação", explicou o autor a VEJA. Nas horas livres, Bonham se dedicava a um passatempo peculiar: os carrões envenenados. Um capítulo inteiro versa sobre os veículos que ele possuía, como um Ford T de 1915 equipado com um motor para corridas. "Há uma relação das pancadas na bateria com sua atração pelo barulho dos motores", teoriza o autor.

Nada disso, no entanto, evitou que Bonham fosse capturado por uma espiral de problemas que o levaram a beber compulsivamente. Para o biógrafo, ele estava deprimido pelas longas turnês que o deixavam distante da família. "Eles eram uma banda muito rentável e estavam cercados de puxa-sacos. Não acho que Bonham estaria morto se tivesse tido o suporte necessário", diz. Após sua morte, não houve

STEVE O'PREY/SCHUTTERSTOCK

LENDA Memorial ao baterista em Redditch, sua cidade natal: influente até hoje

dúvida por parte dos integrantes remanescentes de que o grupo não tinha como continuar. "Mais que os Beatles, o Led Zeppelin demonstrou como os quatro integrantes eram cruciais para o som único da banda", afirma o autor.

Anos mais tarde, em 2007, os três músicos se reuniram para uma apresentação bissexta tendo na bateria Jason, filho único de Bonham e também um respeitado baterista. Ao final do show, Jason questionou Robert Plant sobre novas reuniões, e ouviu que, sem seu pai, o Led Zeppelin jamais voltaria. Para além do respeito mútuo, a decisão de encerrar a banda era também o reconhecimento de um fato: sem sua máquina voadora, aquele dirigível não atingiria mais as alturas incríveis a que levou o rock 'n' roll. ■

LAZER RADICAL Levy nas Maldivas: aos 76, ele enfrentou o oceano tropical, a neve no Ártico e bichos peçonhentos

TURISTA ACIDENTAL

Com suas sobrancelhas caricatas e aversão contumaz a roteiros de aventura, o canadense Eugene Levy demole os lugares-comuns sobre o tema na série *O Viajante Relutante*

IAN GAVAN/APPLE TV+

APÓS uma noite de bebedeira, o canadense Eugene Levy é convencido a fazer o inimaginável para um homem de qualquer idade — e mais ainda para alguém de 76 anos: mergulhar num lago congelante nos confins da Finlândia, onde a temperatura chega a 20 graus negativos. A empreitada resume por que ***O Viajante Relutante,*** série já disponível na Apple TV+, destoa de forma hilária do padrão comum dos programas sobre turismo e aventura. Avesso a viagens em geral, o ator e humorista abomina a mera possibilidade de encarar um aeroporto lotado — que dirá a excruciante lista de afazeres em destinos "paradisíacos": ele prefere relaxar em casa. "A ideia inicial era fazer um reality show sobre hotéis, mas logo rejeitei justamente porque estou longe de ser um turista animado. Então os produtores me convenceram de que eu poderia ser eu mesmo, rabugento e sincero, bem diferente dos apresentadores do gênero", explicou Levy a VEJA.

Com verve e inteligência, *O Viajante Relutante* demole um daqueles lugares-comuns que poucos têm coragem de questionar: a tendência humana de idealizar os roteiros de aventura realizados por conhecidos e famosos. Isso, até se descobrir na prática que o suposto prazer pode ser só uma ilusão — ou mico. Apesar da preguiça assumida, Levy se joga nessas novas experiências e provoca muitas risadas ao longo dos oito episódios da série, cada um gravado em um cenário exótico. O veterano corre de animais selvagens na África do Sul, caminha à noite em uma floresta infestada de bichos peçonhentos da Costa Rica, além de enfrentar o

oceano cristalino, mas nem tão ameno assim das Ilhas Maldivas. “Finalmente entendi que é bom experimentar o novo. Tenho medo de altura e não estava animado para voar de helicóptero ou encarar cobras venenosas. Ter alcançado esses feitos me deixa orgulhoso”, diz ele.

Difícil imaginar alguém mais improvável e, por isso mesmo, tão perfeito para esse choque de realidade turística. Com suas indefectíveis sobrancelhas grossas, Levy iniciou a carreira em comédias canadenses pouco conhecidas, mas ganhou fama planetária ao interpretar o papel de Noah Levenstein, pai do protagonista Jim de *American Pie* — a apimentada comédia colegial de 1999 que se transformaria em franquia com mais sete sequências. Mais recentemente, faturou vários prêmios Emmy com a sitcom *Schitt’s Creek* (2015-2020). Acostumado a viver personagens tímidos, o ator assume ter a mesma caraterística por natureza — e a usa como justificativa para sua aversão a conhecer novos lugares. Para ele, viagem boa é na TV — e do conforto de seu sofá. ■

Kelly Miyashiro

A FACE DO TERROR

De *Game of Thrones* a *The Last of Us*, não tem para ninguém: o maquiador britânico Barrie Gower dita o visual sombrio das criaturas que fazem sucesso nas séries

MARCELO CANQUERINO

PERFECCIONISMO Gower *(à esq.)* em ação: transformação artesanal

INSTAGRAM @BARRIEGOWER

DE TODOS os cenários pós-apocalípticos possíveis, a quase extinção humana em *The Last of Us* chegou por meio de um agente improvável: um fungo letal que transforma seus hospedeiros em zumbis. No estágio mais crítico da infecção, o parasita Cordyceps domina por completo o corpo de suas vítimas — e, em um dos episódios do sucesso da HBO, revelou-se capaz de produzir não só mortos-vivos, mas uma besta imensa coberta por fungos. Apelidado de Baiacu, o ser horrendo chocou o público pela brutalidade — e, principalmente, aparência. A riqueza de detalhes parece, em um primeiro momento, fruto de computação gráfica. Mas, escondido por camadas de próteses, está um ator de verdade. Quem transformou o simples mortal no zumbi grandalhão foi um mestre da maquiagem: o britânico Barrie Gower, que é hoje o profissional mais requisitado de Hollywood quando o assunto são monstros.

O caminho para Gower chegar até grandes produções como *The Last of Us*, *Game of Thrones* ou *Stranger Things* não foi curto. Formado na faculdade de moda da London College, ele começou sua carreira de forma modesta como funcionário do departamento de efeitos visuais da rede inglesa BBC. Nos cinemas, fez sua estreia em 1996, e chegou a trabalhar com Steven Spielberg: são criação dele os ferimentos tão realistas dos combatentes da II Guerra em *O Resgate do Soldado Ryan* (1998). Mas a verdadeira paixão do artista — as aberrações monstruosas — acabou falando mais alto. Para dar forma ao notório Baiacu, ele e sua equi-

HBO MAX

REI DA NOITE O vilão de *Game of Thrones:* horas e horas de maquiagem

pe fizeram um molde completo do ator Adam Basil. Em seguida, confeccionaram próteses de espuma de borracha e látex. Os retoques finais na roupa de 40 quilos que custou cerca de 2,5 milhões de reais vieram com espinhos, pelos e gel para realçar as minúcias do fungo.

Desde pequeno, Barrie Gower, hoje na casa dos 50 anos, nutria fascínio pelo mundo dos efeitos de maquiagem. O jovem cresceu no norte da Inglaterra durante a década de 70 assistindo a filmes de terror e ficção científica graças ao trabalho do pai, um gerente de cinema local. Seu passatempo

favorito era se cobrir com látex, sangue falso e coisas nojentas. "Sempre quis ser um criador de monstros. Era o meu sonho de infância", revelou em entrevista.

INSTAGRAM @BARRIEGOWER

BAIACU O zumbi de *The Last of Us:* o traje custou 2,5 milhões de reais

O devido reconhecimento chegou quando ele deu vida a um dos vilões mais icônicos de *Game of Thrones:* os olhos azuis penetrantes, o rosto com formato pontiagudo e a pele de brancura vítrea do Rei da Noite são frutos do trabalho do artista. Com moldes confeccionados por meio de *lifecasting,* técnica que consiste em fazer uma cópia tridimensional de um corpo valendo-se de moldagem e fundição, o ator que interpretou o personagem, Vladimir Furdik, passava mais de quatro horas para aplicar as próteses e fazer a maquiagem. O perfeccionismo rendeu a Gower três Emmys pelo trabalho ao longo da série.

Foi em busca de um monstro clássico que os irmãos Duffer, criadores de *Stranger Things,* chegaram até Gower. O resultado da colaboração foi o assustador Vecna, monta-

do pelo maquiador e sua empresa, a BGFX — que ele administra ao lado da esposa, Sarah. Produto do temido Mundo Invertido, o ser fantástico é vivido pelo ator Jamie Campbell Bower — que levava cerca de seis a sete horas para se transformar, num procedimento que o cobria com mais de vinte próteses, além de pintura e maquiagem. Ao final, Bower ainda era melecado com um material inusitado: tubos e tubos de lubrificante, para deixá-lo reluzente. Em uma indústria dominada pela computação gráfica, o trabalho impressiona, sobretudo, por seu virtuosismo artesanal. Se o sono da razão é capaz de produzir monstros, como proclamou o mestre da pintura Goya, as criaturas de Gower são a prova prática disso. ■

A JUSTIÇA DA PANCADARIA

Após esnobar o papel de James Bond, Idris Elba prova que a franquia só tem a perder sem ele, que retomou com brio a saga do explosivo detetive Luther num longa da Netflix **KELLY MIYASHIRO**

HAJA MORAL Luther (Idris Elba, *no centro)* foge da prisão: policial de métodos duvidosos em luta contra hackers perversos

JOHN WILSON/NETFLIX

NAS BOLSAS de apostas de quem deverá substituir Daniel Craig no posto de próximo James Bond, o britânico Idris Elba surfou por meses como nome imbatível. Ator carismático e excepcional, com o *physique du rôle* perfeito para o desejo dos produtores de apresentar o primeiro 007 negro, ele chegou a engatar negociações sobre o papel — por isso, surpreendeu ao anunciar recentemente que declinaria do convite. Além de dizer que preferia mergulhar em projetos pessoais, deixou patente a insatisfação em virar um emblema racial na franquia. "Somos obcecados por raça e isso pode atrapalhar as aspirações das pessoas. Parei de me descrever como um ator negro quando percebi que isso me colocava em uma caixa", desabafou no mês passado, com irreparável lucidez.

Do meticuloso barão das drogas Russell "Stringer" Bell da série *The Wire* (2002-2004) ao Nelson Mandela da cinebiografia do líder sul-africano de 2013, Idris Elba possui bons papéis de sobra para esnobar James Bond. Ademais, já tem um justiceiro nem tão famoso, mas igualmente respeitável do ponto de vista criativo para chamar de seu: o detetive que dá nome a *Luther*, série da BBC que teve cinco temporadas de sucesso até 2019. Habilidoso mas de pavio curto, e sempre pronto a extrapolar os limites da ética policial para solucionar crimes, o personagem está de volta no explosivo longa-metragem ***Luther: o Cair da Noite*** — agora para demonstrar seu vigor em escala global na Netflix. "Me preocupei em garantir que uma nova audiência conhecesse ele de verdade, que pudessem enxergar um sujeito implacável,

disposto a fazer o certo e o errado só pela necessidade de Justiça", disse o astro a VEJA.

Acostumado a capturar serial killers perversos, como Lucien Burgess (Paul Rhys), adorador satânico que pintava paredes com o sangue das vítimas, Luther encontra na nova fase um inimigo singular em David (Andy Serkis), soturno líder de uma seita de hackers. Seu exército de bandidos cibernéticos explora o esgoto da internet: ao descobrir o lado podre de pessoas comuns, ele as chantageia e faz das vítimas marionetes na execução de crimes — para depois matá-las. O psicopata vivido por Serkis sabe que o investigador teve atitudes questionáveis e consegue conspirar para mandá-lo para a cadeia por seus abusos de autoridade. Provocado pelo rival, o detetive resolve voltar ao velho hábito incorrigível: vai às últimas consequências para atingir seus feitos, apelando inclusive à violência.

Luther recorre sem pudor a esses métodos antiéticos para escapar do presídio de segurança máxima onde foi preso, com direito a sequências de luta coreografadas com agressividade extrema. Para satisfação dos fãs da série original, o filme também presta homenagem a antigos personagens, citando alguns dos vilões anteriormente capturados pelo anti-herói — e destacando Schenk (Dermot Crowley), ex-chefe da polícia de Londres que pausa sua aposentaria para reprisar seu papel de mentor de Luther.

Aos 50 anos, Idris Elba transita com desenvoltura entre as cenas dramáticas e sequências de ação que nocauteiam

o espectador. No seriado da BBC ou no filme, chama atenção que o debate ético sobre seu personagem passe ao largo da questão racial: Luther é um tipo marcante (e torto) a despeito da origem. Filho de imigrantes de Serra Leoa, o ator sabe melhor do que ninguém: "Nossa pele não é mais que isso: só pele". ■

WALCYR CARRASCO

EU, REPÓRTER ESPORTIVO

Às vezes, a descoberta da vocação vem de um jeito improvável

HÁ ALGUMAS COISAS na vida para as quais não tenho o menor talento. Futebol é uma delas. Sempre fui o perna de pau. Nas aulas de educação física, eu era sempre o último aluno a ser escolhido para algum time. O capitão rosnava: “Então eu fico com ele”. E lá ia eu atrapalhar o time, andando sem rumo pela quadra, enquanto a bola voava. Quis a vida, entretanto, que eu por um breve instante me convertesse em jornalista esportivo. Eu havia entrado na faculdade (sim, fiz jornalismo) e surgiram vagas para estágio no antigo jornal *A Gazeta Esportiva*. Na época, uma publicação impressa, hoje edição on-line. Eu e dois amigos então corremos para pegar as vagas. Durante a semana foi tudo ótimo, convivendo no ambiente agradável do jornal, com os experientes. No fim de semana, já sabíamos, cada um cobriria um campeonato. Eu estava disposto a subir de joelhos as escadarias da Sé para ser escalado para uma competição de esgrima ou arco e flecha. Não que entendesse do esporte, mas porque seria mais fácil de me virar. Só tinha um pavor: futebol. Por-

que de futebol todo mundo entende. Destino é destino. Fui escalado para cobrir um jogo decisivo de futebol amador. Respirei fundo. “Seja o que Deus quiser, mas tomara que ele não queira muito”, pensei.

Sábado de tarde, lá estava eu num campo de periferia, bloquinho na mão. Uma mãe nervosa me cercou, querendo que eu falasse bem do filho dela, mesmo antes de a partida começar. Eu fiz cara de sabe-tudo. A bola rolou, com toda uma enormidade de gente gritando. Eu, tentando entender alguma coisa daquela correria atrás da bola. Veio o intervalo e uma multidão se atirou em cima de mim, querendo saber o que ia escrever. Eu era da *Gazeta Esportiva*, respeitadíssima. Eu respondia com “hum-hum”, para dar a impressão de repórter discreto. E não do asno que eu era. Veio o segundo tempo da partida. Fiquei completamente perdido. Os jogadores corriam para o lado contrário! Até então eu nunca soubera que os times viram de campo! Juro! Não entendia mais nada. Perguntei o que estava aconte-

“Há coisas na vida para as quais não tenho o menor talento. Futebol é uma delas. Sempre fui perna de pau”

cendo para a mãe extremosa. Diante de um alienígena, ela ficaria menos surpresa. “Os times mudam de campo”, explicou. Eu respondi com um “ah, é” e fugi para o outro lado do campo, de vergonha. Era o mínimo que devia saber!

Mas... Um time ganhou de 11 a zero. Dizer o que de um jogo desses? Os números falavam por si. Escrevi a matéria, falando dos gols, da vitória, só faltou falar da mãe do jogador. Achei que estava um horror.

Primeira página, no canto direito! Eu estava na capa, com um texto sobre um jogo do qual não tinha entendido nem um passe. Fui embora da redação do jornal e nunca mais voltei. Já estava sendo olhado como uma promessa. O próximo seria um jogo mais importante. Socorro!

Ainda fui jornalista por muitos anos, em outras áreas. Sempre longe dos esportes! Mas naquela primeira matéria usei lances de imaginação. Eu me perguntava tanto sobre minha futura vida profissional, imaginava, pensava... Desde aquele dia tive certeza de que meu lance era a imaginação. Às vezes as respostas certas acontecem do jeito mais errado. ■

ESTRELA FOFA Grogu e Mando (Pascal): parceiros de aventuras

TELEVISÃO

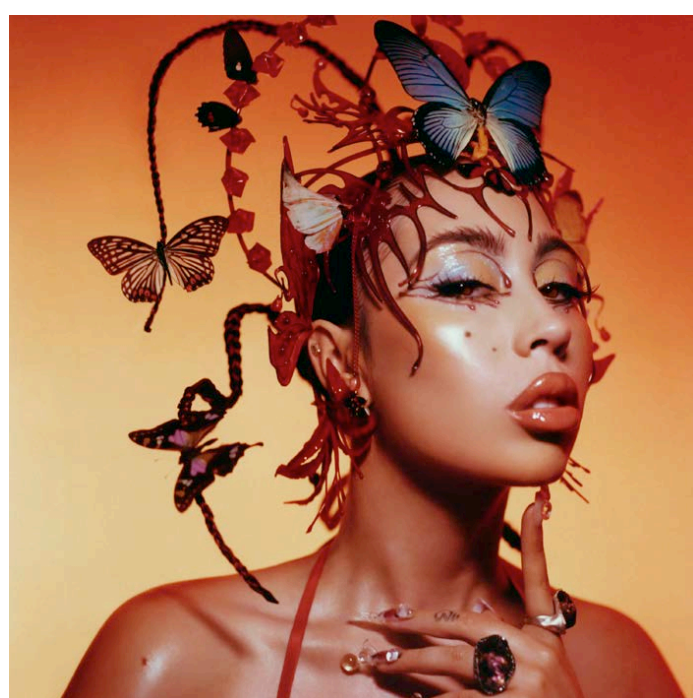
THE MANDALORIAN – TERCEIRA TEMPORADA

(novos episódios às quartas-feiras, no Disney+)

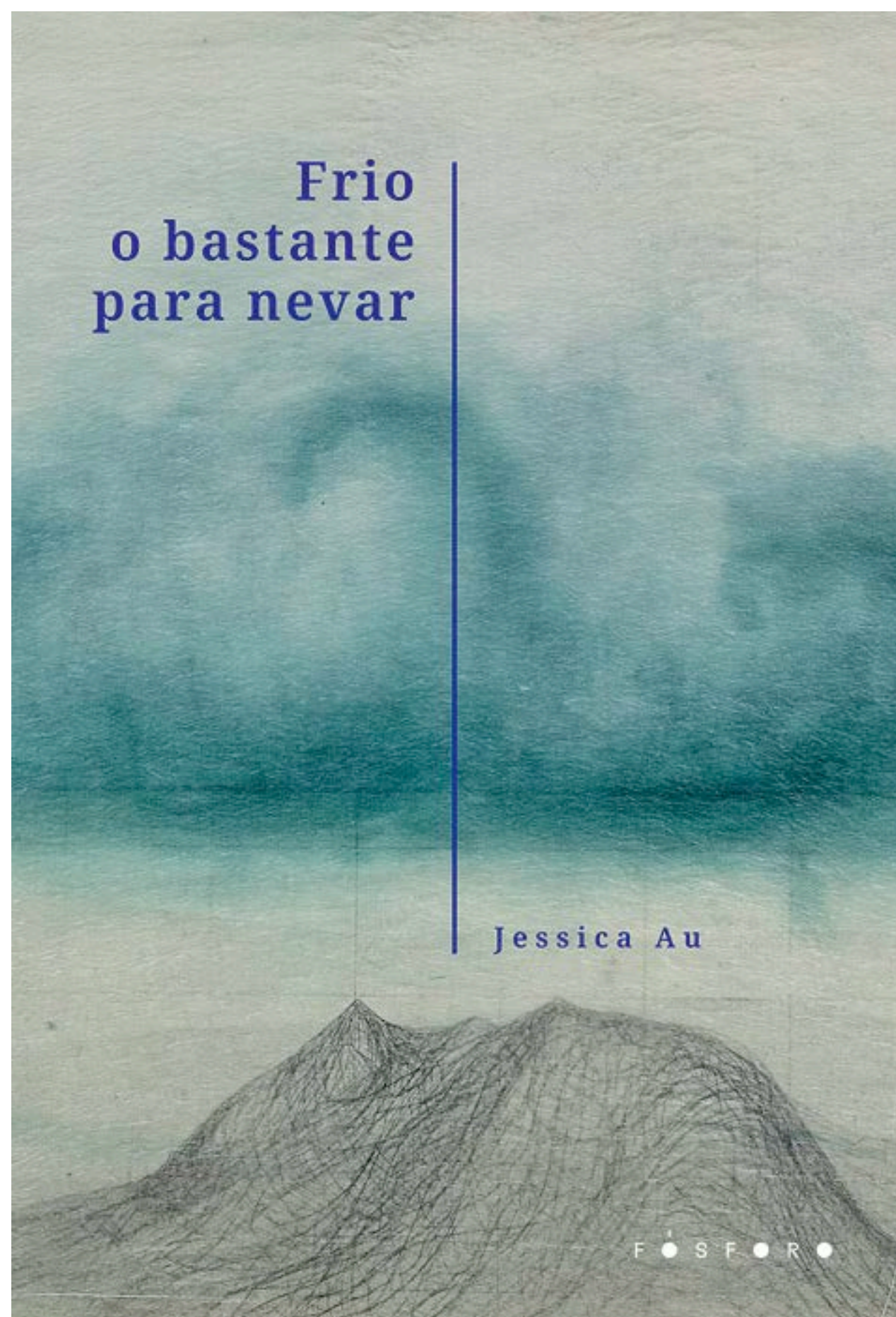
Ao final da segunda temporada da série derivada de *Star Wars*, o protagonista Din Djarin (Pedro Pascal), ou Mando para os íntimos, se tornou um pária entre os mandalorianos ao quebrar o juramento de nunca retirar seu capacete. A razão, porém, foi nobre: ele queria mostrar seu rosto ao adorável Grogu (apelidado pelo público de “baby Yoda”). Peça central da disputa que pautou as temporadas anteriores, Grogu agora é o parceiro inseparável de Mando em suas aventuras intergalácticas. Na nova leva de episódios, o justiceiro tenta se redimir com seu povo — e, para isso, terá de provar que seu planeta, Mandalore, inabitável após uma série de guerras, pode ter um futuro a oferecer a seus exilados.

LUCASFILM LTD/DISNEY+

BILÍNGUE
Kali Uchis: carisma e afinação em R&B com sotaque latino-americano

INSTAGRAM @KALIUCHIS

DISCO

RED MOON IN VENUS, **de Kali Uchis (disponível nas plataformas de streaming)**

Filha de pais colombianos que emigraram na década de 90 para os Estados Unidos, Kali Uchis, de 28 anos, promove uma alquimia rara: ela sabe misturar com bom gosto e frescor suas influências latinas ao R&B e ao soul. Na breve carreira, já ganhou um Grammy por uma música com o DJ Kaytranada e será uma das atrações do Lollapalooza, no Brasil, no fim do mês. Em seu terceiro álbum, Uchis volta a exibir seu peculiar talento vocal, como na delicada *Love Between*. A influência latina está presente nas bilíngues *Como Te Quiero Yo* e *Hasta Cuando,* que em nada lembram o popularesco reggaeton que grassa no continente.

LIVRO

FRIO O BASTANTE PARA NEVAR, **de Jessica Au**

(tradução de Fabiane Secches; Fósforo; 96 páginas; 64,90 reais e 44,90 em e-book)

O dia está nublado e a chuva cobre a cidade quando uma jovem e sua mãe saem do hotel para visitar um museu. Observadora, a filha enxerga tudo ao redor em detalhes — o que a leva a reflexões sobre seu lugar no mundo e as complexas relações familiares que a permeiam. De férias no Japão, as duas vão descobrir que a viagem, para além da visita a pontos turísticos, servirá como jornada de autodescoberta. O segundo livro da australiana Jessica Au, vencedora do prestigioso Novel Prize, explora com sensibilidade uma constante universal entre mãe e filha: apesar dos choques, elas se revelam bem parecidas. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 18] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 80#] GALERA RECORD

3 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [3 | 28#] BERTRAND BRASIL

4 **A GUERRA DAS DUAS RAINHAS**
Jennifer L. Armentrout [0 | 1] GALERA RECORD

5 **DAISY JONES AND THE SIX**
Taylor Jenkins Reid [4 | 19#] PARALELA

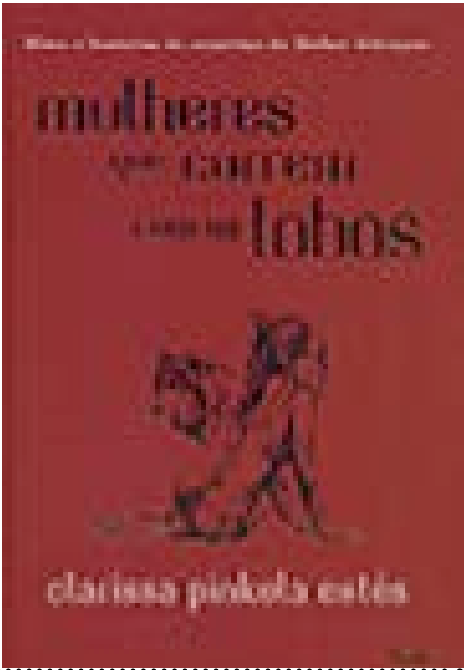
6 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 46#] GALERA RECORD

7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [10 | 27#] RECORD

8 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [9 | 217#] VÁRIAS EDITORAS

9 **A MANDÍBULA DE CAIM**
Edward Powys Mathers (Torquemada) [6 | 10] INTRÍNSECA

10 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [8 | 63#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1 MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS
Clarissa Pinkola Estés [1 | 146#] ROCCO

2 EM BUSCA DE MIM
Viola Davis [3 | 28#] BEST SELLER

3 QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA
Carolina Maria de Jesus [6 | 41#] ÁTICA

4 O QUE SOBRA
Príncipe Harry [5 | 8] OBJETIVA

5 SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE
Yuval Noah Harari [2 | 312#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

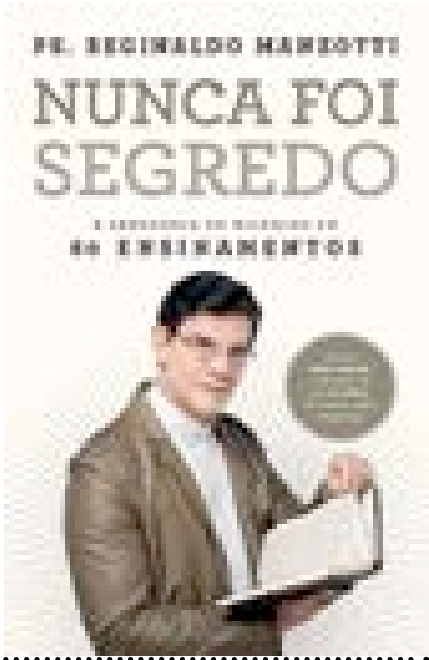
6 MENTES PERIGOSAS
Ana Beatriz Barbosa Silva [7 | 142#] PRINCIPIUM

7 O REI DOS DIVIDENDOS
Luiz Barsi Filho [4 | 11] SEXTANTE

8 LATIM EM PÓ
Caetano W. Galindo [8 | 3] COMPANHIA DAS LETRAS

9 SOCIEDADE DO CANSAÇO
Byung-Chul Han [0 | 36#] VOZES

10 O DIÁRIO DE ANNE FRANK
Anne Frank [10 | 300#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **NUNCA FOI SEGREDO**
   Pe. Reginaldo Manzotti [0 | 1] PETRA

2. **CAFÉ COM DEUS PAI**
   Junior Rostirola [1 | 9] VIDA

3. **DECIDA GANHAR MAI$**
   Chris Taveira [0 | 1] GENTE

4. **MENTES SAUDÁVEIS, LARES FELIZES**
   Augusto Cury e Marcus Araujo [0 | 1] DREAMSELLERS EDITORA

5. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [2 | 197#] CITADEL

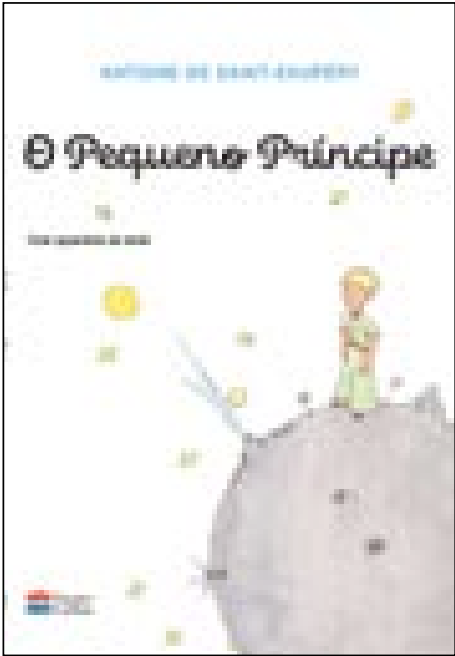
6. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
   Morgan Housel [0 | 2#] HARPERCOLLINS BRASIL

7. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [5 | 407#] SEXTANTE

8. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [4 | 116#] HARPERCOLLINS BRASIL

9. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
   Dale Carnegie [9 | 78#] SEXTANTE

10. **HÁBITOS ATÔMICOS**
    James Clear [0 | 4#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 363#] VÁRIAS EDITORAS

2 **CORRENTE DE ESPINHOS**
Cassandra Clare [0 | 1] GALERA RECORD

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 379#] ROCCO

4 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [3 | 54#] GALERA RECORD

5 **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [4 | 27#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

6 **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [7 | 145#] ROCCO

7 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [0 | 5#] MELHORAMENTOS

8 **KIT HOPELESS**
Colleen Hoover [0 | 2#] GALERA RECORD

9 **CORALINE**
Neil Gaiman [8 | 59#] INTRÍNSECA

10 **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS**
Holly Jackson [9 | 11#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

FORA DO TOM

LULA AINDA era Luiz Inácio e celebrava a maioridade estreando uma gravata escura para receber o diploma de torneiro mecânico na Escola Senai do bairro Ipiranga, em São Paulo — "a melhor coisa que aconteceu na minha vida", repetiria décadas depois aos biógrafos, entre eles Fernando Morais.

Naquele março de 1963, 8 000 quilômetros ao norte, também começava a mudar a vida de uma mulher e cinco homens, músicos em busca da melodia da sorte na Manhattan de um mundo em Guerra Fria.

Na segunda-feira 18, eles atravessaram a portaria do 112-Oeste, da Rua 48, plantado entre prédios cujas fachadas estampavam cartazes de linhas pretas e amarelas — aviso do Departamento de Defesa dos Estados Unidos sobre refúgio possível, embora duvidoso, na emergência de um ataque nuclear.

Tom Jobim, João e Astrud Gilberto, Milton Banana, Tião Neto e Stan Getz lutavam para apresentar a bossa nova fora do Brasil. Confinaram-se no estúdio A&R gravando um disco produzido por Creed Taylor para a Verve Records. Foram dois dias de desarmonia entre João do violão e Getz do

saxofone. O baiano explodiu na impaciência, em português: "Tom, diga a esse gringo que ele é burro". O carioca Jobim girou na banqueta do piano e traduziu: "Stan, o João está dizendo que o sonho dele sempre foi gravar com você".

Foi um dos grandes momentos da diplomacia brasileira nos tempos da Guerra Fria. Lançado em março seguinte, quando o Brasil submergia na ditadura, o disco *Getz/Gilberto* abriu o mercado dos EUA e da Europa para a música brasileira. Na voz da estreante Astrud, vertida em inglês, *Garota de Ipanema* multiplicou-se em incontáveis versões, de Frank Sinatra a Madonna. Canção e álbum bateram obras dos Beatles *(I Want to Hold Your Hand)* e de Louis Armstrong *(Hello, Dolly!*) no Grammy de 1965.

A habilidade nas negociações entre seis pessoas trancafiadas entre quatro paredes, naquelas 48 horas em Nova York, resultou numa mensagem *made in Brazil* revolucionária na música mundial. Como Pelé no esporte, a bossa nova no jazz ajudou a moldar a identidade e o poder de influência do país.

O mundo de Lula é outro, seis décadas depois. Profissões como a de torneiro mecânico e os complexos industriais lastreados em combustíveis fósseis foram soterrados na poeira do tempo. O Brasil, no entanto, continua a patinar na periferia do capitalismo, mais dependente e vulnerável na era dos semicondutores e da nanotecnologia — essenciais para a modernização da produção, do trabalho e da remuneração nas cidades e no campo.

“Lula inebriado e Itamaraty errático fazem diplomacia surrealista”

A sofisticação tecnológica impõe pensamento crítico e criatividade aos indivíduos no trabalho, às empresas na produção e aos governos nas relações externas. É perceptível neste início de Lula-III que alguma coisa está fora de ordem na política externa. Sobram dissonâncias no Palácio do Planalto, movimentos erráticos no Itamaraty e incoerências na agenda diplomática.

Lula se apresenta inebriado no papel de “pacificador” da guerra de Vladimir Putin na Ucrânia, jogo geopolítico sobre o qual não possui controle ou influência. Suas chances de mediação parecem irrealistas, indicam as conversas recentes com Joe Biden (EUA), Olaf Scholz (Alemanha), Emmanuel Macron (França) e Volodymyr Zelensky (Ucrânia).

Entre outras razões, porque assumiu um lado — o do invasor. Culpa o Ocidente por colocar seus “cachorros” da aliança militar (Otan) para “latir” na fronteira do antigo império que a Rússia tenta restaurar. Se Putin é vítima, o que seria Zelensky, cujo país foi invadido? “Se ele não quisesse a guerra, ele teria negociado um pouco mais. É assim” — disse, dias atrás, diante do chanceler alemão no Planalto.

Esse voluntarismo ativista, ou ativismo voluntarista, está condicionado por uma lógica adequada, talvez, aos tempos da Guerra Fria, mas é dissonante com os interesses mais prementes do Brasil. Como no flerte permanente com ditaduras "amigas" da Nicarágua, Irã e Venezuela, entre outras, tende a ter baixo custo político se não gerar retaliações.

Lula inebriado, com o Itamaraty errático no contraponto, resulta numa diplomacia surrealista. O país se arrisca à perda de foco nos objetivos nacionais prioritários e urgentes, como o da mudança da estrutura produtiva na era dos semicondutores e da nanotecnologia. Sem isso, a vitrine da Floresta Amazônica continuará exuberante, mas insuficiente para inspirar uma "bossa nova" na economia. ■